

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANGÉLICA MACEDO LOZANO LIMA

**SANTA FELICIDADE ENTRE CALÇADAS, RUAS E AVENIDAS:
TRILHAS URBANAS PARA PÉS CAMINHANTES**

CURITIBA
2008

ANGÉLICA MACEDO LOZANO LIMA

**SANTA FELICIDADE ENTRE CALÇADAS RUAS E AVENIDAS: TRILHAS
URBANAS PARA PÉS CAMINHANTES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, curso de Mestrado, Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientação: Prof. Dr. Salete Kozel

CURITIBA
2008

Ao José Antonio por sua dedicação e paciência.

AGRADECIMENTOS

A DEUS.....

Aos professores do departamento: Nucci e Sylvio por suas apreciações e orientações; aos demais professores por seus ensinamentos.

Aos colegas: Zem, pela paciência; Altair e Michele por nossas trocas.

À minha mãe.....e familiares.

À Rosa Loberto, por sua amizade e correções.

Aos meus filhos: Catharine, Caroline, Guilherme e Thais por toda a paciência e auxílio.

Ao Anderson, do Labs, pelo seu trabalho minucioso, dedicação e atenção.

À professora Salete Kozel por sua orientação, ensinamentos e confiança.

E especialmente ao José Antonio, meu marido, sempre presente e companheiro nos trabalhos de campo com chuva ou com Sol, na busca por livros, na frente do computador com suas opiniões e em todas as horas, mesmo nas mais difíceis.
abraços em todos.

Já houve um tempo em que, nos templos, éramos abençoados por nosso movimento de “entrar e sair”. Esta benção levava em conta o humano como um ser em movimento, uma alma com pés, um ser físico no meio de um mundo físico feito para caminhar nele, como Adão e Eva caminhavam no Éden. Aquele jardim é, na imaginação, o lugar primordial da nostalgia, que inconscientemente retorna em todos os sonhos de utopia. E aquele jardim, devemos lembrar, foi criado por um Deus caminhante. Essa imagem nos diz que há caminhar no Paraíso; diz também que há Paraíso no caminhar.
Hillman.

RESUMO

O trabalho mostra uma experiência em Santa Felicidade: caminhar por ruas e calçadas para obter percepções e vivências sobre as relações entre caminhantes e veículos nas ruas construídas sem os elementos necessários para sentir prazer em ir a pé aos lugares. Atualmente as pessoas andam entre carros e motos, cuja velocidade se constitui em uma violência para os sentidos humanos. Somente os parques são considerados lugares adequados para andar a pé. As discussões se apoiaram na Geografia Humanista-Cultural com aporte fenomenológico inspirado em HUSSERL (1975), DARDEL (1990) e YI-FU-TUAN (1980-1983). A metodologia de pesquisa fundamentou-se basicamente em: pesquisas de campo - caminhar pelos lugares – que proporcionaram a percepção da pesquisadora, quando (se elaborou um mapeamento das calçadas e das ruas; mapas mentais, elaborados por moradores para identificar a sua percepção do lugar; enquete que serviu de base para aprofundar as reflexões propostas e formar as representações culturais. Para analisar as representações mentais baseou-se na metodologia KOZEL (2007). A essa metodologia, aplicou-se o conceito Geograficidade de DARDEL (1990), LINCH (1980) e YI-FU-TUAN (1980-1983), que enriquecem as análises dos mapas mentais ampliando-as, num diálogo que abarcou nas discussões, as ações corporais que aparecem como símbolos expressos nos mapas mentais. Após o processo de análise dos dados obtidos com a pesquisa, foi possível perceber aspectos da diferença entre as ruas centrais e as ruas periféricas (do bairro), bem como as demais informações a respeito dos espaços em estudo. A construção e a análise das representações (imaginárias e formais) permitiram dessa forma, apresentar um lugar e as suas condições físicas como também as sensações dos moradores- caminhantes. Entre os objetivos alcançados pode-se destacar: a identificação de que a falta de espaços adequados – as calçadas, é um dos motivos pelo qual as pessoas deixam de fazer percursos a pé; a percepção da relação afetiva entre as pessoas e o seu lugar. Pode-se concluir que se revelou através da percepção e da vivência, o bairro, um lugar, com seus aspectos particulares e gerais e com isso, são reveladas as relações das pessoas com as trilhas e as calçadas como acesso para os caminhantes e, construiu-se uma representação sensível que expressa em signos formais as sensações dos caminhantes e a sua relação com os lugares: **os mapas da topofilia e da topofobia.**

Palavras-chave: Geografia Humanista-Cultural, Fenomenologia, percepção e geograficidade. Trilhas urbanas, calçadas e caminhantes. Mapas mentais. Mapas de topofilia e topofobia.

ABSTRACT

The work is one experience in Santa Felicidade: to walk for streets and sidewalk to get perceptions and experiences on the relations of peoples and vehicles in the streets. Experience! "Act of walking in the streets". Preliminary quarrels theoretical and methodology: Humanist-Cultural Geography and Phenomenology. Currently the people walk between cars and movements, whose speed if to constitute violence for the human directions. In the city, almost it does not have places to walk, only in the parks. Research: of field, bibliography, mental maps. Intention to show analyzed of the subject. Identify problems: the lack of the spaces to walk, the lack to signal for vehicles and pedestrians, difference enter in the street of the quarter (central offices, peripherals). Present the relations of pedestrians, with analyses on rhythm of vehicles/man, comparing them, because the rhythms of the nature are slower. Objective: identify the reasons that the peoples do not walk to see the city, to see the live, to increase the relationships, to live the city; to elaborate cultural cartography.

Key – words: Cultural- Humanist Geography; perception, to walk, street; cultural catography

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – MAPA CONCEITUAL DA PESQUISA.....	26
FIGURA 2 – LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	57
FIGURA 3 – BAIRRO SANTA FELICIDADE.....	58
FIGURA 4 – PORTAL DE ENTRADA DO BAIRRO.....	59
FIGURA 5 – IGREJA MATRIZ SÃO JOSÉ.....	61
FIGURA 6 – CEMITÉRIO.....	62
FIGURA 7 – CASINHAS NA MATA.....	63
FIGURA 8 – RUA MANOEL RIBAS REPRESENTANDO O TURISMO.....	64
FIGURA 9 – ESCOLA ESTADUAL ANGELO VOLPATO.....	65
FIGURA 10 – FAROL DO SABER.....	65
FIGURA 11 – TERMINAL DE ÔNIBUS.....	67
FIGURA 12 – CRECHE PARA AS CRIANÇAS.....	67
FIGURA 13 – POSTO DE SAÚDE.....	68
FIGURA 14 – RUA DA CIDADANIA.....	68
FIGURA 15 – MINI-CENTRO 1.....	69
FIGURA 16 – CALÇADAS 1.....	79
FIGURA 17 – CALÇADAS 2.....	80
FIGURA 18 – CALÇADAS 3.....	81
FIGURA 19 – ELEMENTOS CONSTRUIDOS E OBJETOS.....	82
FIGURA 20 – RELAÇÕES SOCIO-ESPACIAIS.....	83
FIGURA 21 – O LUGAR CONSTRUÍDO E O SUJEITO.....	85
FIGURA 22 – IGREJA MATRIZ SÃO JOSÉ.....	87
FIGURA 23 – CEMITÉRIO 2.....	87
FIGURA 24 – O PORTAL E OS CARROS: ENTRADA E SAÍDA.....	90
FIGURA 25 – VIA E ÁRVORES.....	92
FIGURA 26 – VIAS E CRUZAMENTOS.....	93
FIGURA 27 – MINI-CENTRO 2.....	94
FIGURA 28 – MINI-CENTRO 3.....	95
FIGURA 29 – BAIRRO.....	96
FIGURA 30 – FAROL DO SABER 2..	97
FIGURA 31 – ÔNIBUS BIARTICULADO.....	98
FIGURA 32 – VIVER O LUGAR.....	99

FIGURA 33 – CRECHE PARA AS CRIANÇAS 2.....	100
FIGURA 34 – BAIRRO TURÍSTICO E RESIDENCIAL 1.....	103
FIGURA 35 – BAIRRO TURÍSTICO E RESIDENCIAL 2.....	104
FIGURA 36 – PARQUES PARA CAMINHAR.....	105
FIGURA 37 – PARQUE BARIGÜI.....	106
FIGURA 38 – PARQUE TINGUI.....	107
FIGURA 39 – PARQUE TINGUI 2.....	107
FIGURA 40 – ÁREAS VERDES ENTRE CASAS.....	109
FIGURA 41 – VISÃO GERAL DO BAIRRO.....	111
FIGURA 42 – CAMINHOS E CALÇADAS DESEJÁVEIS.....	128
FIGURA 43 – CALÇADAS: DE CASA PARA A ESCOLA.....	129
FIGURA 44 – CALÇADAS GRAMADAS DE SANTA FELICIDADE.....	129
FIGURA 45 – CALÇADAS TURÍSTICAS DA AVENIDA MANOEL RIBAS.....	130
MAPA - AS CALÇADAS REAIS DO BAIRRO DE SANTA FELICIDADE.....	131
MAPA - CARTA DE ARUAMENTO E PROBLEMAS DE SINALIZAÇÃO.....	132
MAPA - AS CALÇADAS DA TOPOFILIA.....	133
MAPA - AS CALÇADAS DA TOPOFOBIA.....	134
MAPA - AS CALÇADAS DA TOPOFOBIA E TOPOFILIA.....	135
MAPA - PONTOS CULTURAIS.....	136
FOTO 1 - RUA JOSÉ ARI VALLE.....	141
FOTO 2 - RUA BASSANO DE GRAPA.....	144
FOTO 3 - INVASÃO, CASAS DE MADEIRA OU INACABADAS.....	144
FOTO 4 - AV. MANOEL RIBAS – ARTESANATO.....	146
FOTO 5 - AV. MANOEL RIBAS – CALÇADAS.....	147
FOTO 6 - VIA VÊNETO – CALÇADAS.....	147
FOTO 7 - CALÇADAS PREDOMINANTES NO BAIRRO.....	148
FOTO 8 - ÁREAS VERDES ENTRE AS CASAS.....	149
FOTO 9 - RUA FREDOLIN WOLF.....	150
FOTO 10 - BOSQUE DO COLÉGIO PINHEIRO DO PARANÁ.....	151

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

1. INTRODUÇÃO.....	17
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS.....	27
2.1. MAPA CONCEITUAL DA PESQUISA.....	27
2.2. A GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA HUMANISTA-CULTURAL.....	28
2.3. LUGAR, PERCEPÇÃO E GEOGRAFICIDADE.....	41
2.4. IMAGENS E REPRESENTAÇÕES.....	48
3. SANTA FELICIDADE SOB DOIS OLHARES: O REAL E O IMAGINÁRIO.....	56
3.1. LOCALIZAÇÃO DE SANTA FELICIDADE: O REAL SISTEMATIZADO.....	57
3.2. APRESENTANDO O LUGAR: DO REAL AO IMAGINÁRIO.....	59
3.6. REVELANDO E DESVENDANDO O LUGAR: DO IMAGINÁRIO E DO VIVIDO AO TEÓRICO.....	71
3.7. REFLEXÕES: OS OLHARES POR SANTA FELICIDADE.....	113
4. ENQUETE SOBRE AS CALÇADAS.....	119
5. AS REPRESENTAÇÕES CARTOGRÁFICAS DO LUGAR: A FORMAL E A IMAGINÁRIA.....	129
5.1. AS CALÇADAS IMAGINÁRIAS.....	128
5.2. AS CALÇADAS REAIS: REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA.....	132
5.3. AS RUAS REAIS.....	133
5.4. AS CALÇADAS DA TOPOFILIA E DA TOPOFOBIA.....	134
5.5. OS PONTOS MARCANTES DO BAIRRO E SÍMBOLOS CULTURAIS.....	137
5.6. ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO CARTOGRAFICA.....	138
6. AS CAMINHADAS E A VIVÊNCIA: O REAL E A GEOGRAFICIDADE.....	140
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	154
8. BIBLIOGRAFIA.....	160

APRESENTAÇÃO

A lembrança mais antiga que tenho de mim mesmo, fora de casa, situa-se justamente numa calçada, em frente do lugar que morávamos. Era um fim de tarde, as luzes da cidade estavam recém-acesas. Alguém perto de mim disse: olha a garoa! E eu aprendi o que era a garoa. [...] Mais ainda, era um tempo em que lotes baldios costumavam ser fechados por muros, atrás dos quais vicejavam ousadas mamonas. Quem passava na calçada via o muro anteposto às mamonas – além das quais o céu azul. [...] A pena é que hoje sabemos muito dos flaneurs de Beaudelaire e nada sobre cenas com mamonas... (YAZIGI, 2000, p. 15).

Pensando nas paisagens das memórias de Yazigi, resolvi registrar algumas cenas e o que motivou a pesquisa: Sou paulistana, nasci e cresci entre o concreto e os carros, o cinza e o apito das fábricas e, a rua de terra da minha infância ainda era habitada por crianças e seus cachorros, pipas, bolas de gude e carrinhos de rolimã. Não cito as bonecas porque não gostava delas, preferia o meu **escritório de ralar pedrinhas**, intuindo meu futuro. Saía pelos barrancos em busca de vários tipos de pedras, coloridas e macias para ralar e fazer um fino pozinho colorido, que formariam os produtos **terravon**, porém nem imaginava seus nomes científicos e, as pedrinhas eram escolhidas pelas texturas e cores.

Árvores eram escassas, pois o lugar havia sido quase que totalmente desmatado para dar lugar a um loteamento, restando um pequeno vale com algum verde, um riozinho e escassos animais e pássaros pois muitos foram mortos pouco a pouco com os estilingues dos meninos. Esse lugar havia sido prometido para a construção de uma

área de lazer que ficou somente no sonho dos moradores por mais de vinte anos, depois desse tempo, foi invadido, tornando-se uma favela, inicialmente pequena, que foi tomando grandes proporções, como ocorreu em muitos lugares em São Paulo nas últimas décadas. Meu universo conhecido era esse lugar.

Não tive árvore, nem fruta na árvore e nem rio, mas tive rua. Rua em que se podia andar, correr e brincar. Um espaço destinado às crianças, me parecia. A casa servia ao encontro com a família nas horas das refeições, aos banhos de bacia e ao sono, brincar, só na rua. As mães eram mais tranqüilas e as comidas mais simples. A televisão não havia invadido todas as casas, mas isso pouco importava.

Vivi nesse universo paulistano desde minha infância e dali, só sai porque os estudos, em idade já tardia me convidavam a alçar vôo do meu tão seguro lar. Acredito que a maioria dos paulistanos é assim, só sentem **segurança** dentro daquela cidade que tudo oferece, a qualquer dia e hora, mesmo que para isso a liberdade seja cerceada. Saí para me defrontar com o verde! E quanto verde! Quilômetros e quilômetros de verde que se juntavam com o horizonte e me separavam dos monumentos pichados e da minha cidade natal!

E fiquei bem longe, para não ter a tentação de retornar na primeira saudade. Meus olhos rapidamente se habituaram ao verde e, facilmente aos outros tons, aos aromas sem fuligem e às casas acabadas e com jardins. Mas voltei como pesquisadora, turista e sem identidade. De onde eu era não sabia mais: nem daqui, nem de lá, um ser sem lugar. Tudo se tornou tão estranho de repente: as cores, as pichações, as casas inacabadas, expondo seus tijolos cor de barro ou cimento, os sons, a sujeira. Queria ir embora...nunca tinha percebido aquilo antes... antes, meu olhar era outro - de moradora, habituada com

a paisagem... naquele momento percebia que não tinha nem mesmo onde andar! Depois de bons anos fora da cidade, aprendi a entender sua condição de metrópole e respeitar meu olhar, modificado pelos estudos, pelo conhecimento de outros lugares e pela distância.

Hoje, ainda nessa condição de estudante, questiono as ações, os modos de vida das pessoas que vivem em São Paulo e, passo a compará-los com outros lugares que conheço. Intriga-me, e muito, o fato das pessoas não se darem conta do ritmo em que se vive, não só em uma grande metrópole, mas em outras cidades, como em Curitiba. Acostumam-se e, muitas vezes, sem pensar na possibilidade de mudanças frente a um mundo onde se contrastam valores humanos e valores comerciais. E a relação homem/cidade/lugar -Terra a qual se refere Dardel, fica em qual plano?

Atualmente um movimento de pessoas, começa a contestar a velocidade, a pressa e vem pregando uma volta ao ritmo natural do homem, *slow*, querendo contrapor-se a esse ritmo. Aqueles que preferem, por exemplo, esperar um farol ficar verde para atravessar a rua é considerado meio maluco. Anda-se entre aos carros, motos e velocidade, que violentam os sentidos humanos. Não há lugar nas cidades para andar a pé, a não ser nos locais que são considerados próprios para andar como os parques. E em Curitiba isso não é diferente.

Dentro destes questionamentos iniciais, procuro muitas respostas, uma delas é encontrar na questão das condições que estão as ruas e calçadas, a inacessibilidade para o flunar, ação corriqueira do nosso dia a dia, como o percurso dos caminhos para a escola, para o supermercado, para o trabalho. Percursos que poderiam ser feitos á pé! Vão de carro e, nesse caminho às vezes sem respeitar algumas regras de transito, dificultando ainda mais a vida dos caminhantes. Pela pressa,

condições das calçadas e comodismo deixando assim de ver a cidade, ver a vida, aumentar os relacionamentos, enfim, viver a cidade.

Para encontrar essas respostas, inicialmente, seguindo os conselhos de Tuan, mudei-me para Santa Felicidade, lugar do meu estudo, como pesquisadora-moradora para vivenciar e experimentar as sensações de estar no lugar e fazer parte dele e criar elos... Essa vivência possibilitou ter as impressões-ações pessoais e, dos pedestres e motoristas nos movimentos das ruas e avenidas do bairro. Palmilhei trilhas urbanas para vivenciá-lo e gostaria, como estudante e pesquisadora que este trabalho pudesse ajudar a pensar a situação das calçadas e dos pedestres, causar pelo menos inquietação nas pessoas, causar reflexão para as necessidades ambientais e as necessidades humanas.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho **Santa Felicidade entre calçadas, ruas e avenidas: trilhas urbanas para pés caminhantes** - foi elaborado durante os anos de 2006 a 2008 em Curitiba, Paraná, a partir de pesquisas, leituras e vivências como requisito à obtenção do grau de mestre em Geografia. Ressalta as questões urbanas em princípio focando as calçadas e ruas, o pedestre e as suas condições de circulação dentro de um bairro.

Pretende-se se apropriar dos fatos e entendê-los sob o enfoque da pesquisa qualitativa que “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. (MINAYO, 2001, p. 22). Para isso, utiliza-se a fenomenologia como aporte teórico-metodológico com o objetivo de captar através da percepção e da vivência esse entendimento de forma a considerar não só a essência do ser humano numa análise rigorosa mas também que leve em consideração aspectos como a subjetividade do ser humano.

Sob a categoria **lugar**, investigam-se as ruas e calçadas do bairro Santa Felicidade, Curitiba – Paraná - às quais, se dá o nome de **Trilhas urbanas** para diferenciá-las neste trabalho, não somente por isso, outrossim, por entendê-las como caminhos por onde se **anda** e não apenas por onde circulam os veículos. São as trilhas de Santa Felicidade, por onde **passam** carros, motos, pessoas. Algumas trilhas sem saída, outras sem calçadas, ou simplesmente trilhas, **no meio do mato...**

As ruas, os trajetos, as trilhas... são intrigantes e instigantes. Observadas sob o enfoque humanista, distanciam-se das análises quantitativas para aproximarem-se da qualitativa, dos significados das coisas para o ser humano. Aproximam-se da compreensão de que as mesmas trilhas, projetadas

para a circulação dos veículos prioritariamente, também são percursos por onde andam as pessoas que se deslocam entre os lugares. Assim consideramos que as ruas não são construídas para uma qualidade humana básica que compõe a vida cotidiana: o andar... entre carros, motos e velocidade¹, em lugares onde quase não há segurança para o pedestre... as ruas e as avenidas são projetadas sem atentar para a necessidade das pessoas se deslocarem a pé²...nos acostumamos a esse ritmo de vida.

A investigação inicial constatou o seguinte problema: as trilhas de Santa Felicidade apresentam-se, em grande maioria, com uma cobertura asfáltica esburacada, (antipó)³, sem guias⁴, sem calçadas e com o mato crescido nos lugares de circulação de pedestres. Constatou também a alta velocidade dos veículos⁵ que por elas circulam, a falta de sinalização apropriada para veículos e pedestres, como faixas para pedestres por exemplo. Na experiência inicial pelas trilhas, observou-se que muitos pedestres circulavam no meio da rua ou nos locais, onde deveriam ter sido instaladas as guias, ou ao lado dos carros, na falta de ruas com calçadas acessíveis para o pedestre. Percebe-se que poucas ações são efetivadas para a melhoria das condições de circulação para pedestres e veículos

¹ CARL, Honoré. **Devagar**. Record, Rio de Janeiro, 2005, fala sobre o ritmo intenso que as pessoas vivem atualmente e prega a volta ao ritmo natural do homem. *Slow Movement*.

² THOREAU, D. H. **Andar a pé**. Rio de Janeiro, eBooksBrasil.com (versão digitalizada), 2003.

³ CAMPANI, V. B. O programa da prefeitura da década de 1980 foi criado para diminuir o pó causado sobretudo pelo tráfego dos ônibus, que provocava grande incômodo à população. Contudo, a cidade cresceu, o tráfego de veículos leves e pesados aumentou muito e a base que sustenta o antipó é precária para suportar o tráfego destas vias. Embora a prefeitura tente manter o antipó com operações tapa-buracos, não verifica o estado final da operação, onde ondulações, depressões e o conjunto irregular da pista fazem aumentar o risco de acidentes. Além disso, a maioria delas, não tem meio fio e calçadas para delimitar o espaço dos veículos e facilitar o tráfego de pedestres. Conclusão: as ruas com antipó se tornaram verdadeira calamidade pública para pedestres e motoristas. Espera-se que a prefeitura de Curitiba intervenha o quanto antes para que as vias públicas da capital recebam adequada manutenção, sinalização e segurança. Captado: 10/2007. Disponível em: <http://www.senge-pr.org.br/Dezembro2006/caminho.asp>

⁴ Ato ou efeito de guiar; condutor; pedras que se colocam para fazer o meio fio das calçadas. BUENO, 1995, p. 551

⁵ Carros em geral e motos.

nesses lugares.

Preocupações com as calçadas e trilhas urbanas e reflexões sobre o bairro são importantes, só que o viver cotidiano também se faz de magia, de beleza, de encanto, por isso há intenção de apresentar juntamente com essas reflexões, a poética do lugar, as imagens bonitas que trazem sentimentos de bem estar às pessoas que moram no bairro e gostam dele: topofilia...geograficidade. Esta Geografia poética será baseada em Dardel e Tuan.

Topofilia é relação de amor, de prazer, de gostar de um lugar e topofobia é a relação de medo por um lugar, termos usados por Tuan que podem retratar as relações de amor e medo. Esses termos e outros, que se relacionam às sensações formam a geograficidade.

É preciso refletir sobre a necessidade de projetos e a adequação de ruas para outras formas de deslocamento, principalmente dos pedestres e das bicicletas e, isso se relaciona, por exemplo, como auxílio para a diminuição da emissão de poluentes, tema atual e relevante, entretanto, não se mostram propostas nessa pesquisa. Esse trabalho tem a intenção de levantar o interesse por tais reflexões nas análises geográficas, visto que os geógrafos têm papel importante nas questões urbanas e, se lança no desafio de compreender e refletir o fato sob a perspectiva da Geografia Humanista-Cultural e da Fenomenologia.

Ao justificar a opção pela abordagem Humanista-Cultural, destacam-se as dificuldades das ciências positivas em inserir o aspecto humano nas análises dos seus objetos de estudo, aspecto geralmente relegado ao segundo plano ou mesmo ignorado. Acredita-se que deixando de responder sobre as aflições humanas instala-se uma grande crise nas ciências gerais, isso se refletiu em diversos problemas sócio-ambientais enfrentados por todos. As ciências positivas, em toda a sua importância, aqui reconhecida, pecaram ao não responder sobre questões mais subjetivas. A Geografia Humanista-Cultural adota a

Fenomenologia como um dos métodos sob um olhar humanizado e é utilizada por geógrafos, mas é vista com parcimônia, pois, está em um momento histórico onde se discutem as suas bases e mudanças teóricas recentes.

Toda a tecnologia, o modo de pensar moderno que nega a própria natureza humana, acarretou uma corrida ao consumo desenfreado, ao poder, ao lucro⁶, surgindo no homem, a necessidade de reencontrar-se, de se compreender. Ele percebe que suas ações caminham para a destruição do seu lugar e a – **geograficidade se rompe** e, conseqüentemente, a autodestruição.

Com o aporte teórico-metodológico apoiado na Fenomenologia, o entendimento dessas questões se fará através das experiências: conhecendo e identificando as relações entre os sujeitos e o lugar, nesse caso, o estudo das trilhas, como forma de entender a relação homem/Terra, a Geograficidade.

Nos primeiros tempos da Geografia com bases positivistas, a disciplina tornou-se dualizada em Geografia Física e Geografia Humana. Essa separação acarretou o empobrecimento de muitas análises e o enriquecimento de outras. Muitas vezes, entretanto, quando seria necessário o entendimento do aspecto mais subjetivo e não mensurável, deu-se ênfase aos aspectos quantitativos. Por isso, desde os anos de 1970/80 acentuam-se as discussões que inserem em suas abordagens os fatos humanos nos estudos geográficos.

Livros da década de 1940/50, como a obra de Eric Dardel: *L'homme et la terre: Nature de la réalité géographique*, de 1952, (re) inauguram a leitura e as descrições subjetivas e poéticas que podem ser feitas por geógrafos: "Poursuivant notre exploration des expressions géographiques, nous entrons, sur les voies de l'imaginaire, dans une géographie de rêve." (DARDEL, 1990, p. 6)⁷. O modo peculiar de retratar a realidade desse autor faz a Geografia se encontrar

⁶ CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

⁷ Prossequindo a nossa exploração das expressões geográficas, entramos, sobre as vias da imaginação, numa geografia de sonho. (LIMA, 2007).

novamente com o homem, com o sonho de uma nova Geografia.

Resgatado por RELPH e YI-FU-TUAN, que escrevem trabalhos reavivando consideravelmente as discussões e os debates nessas bases filosóficas mais humanas como a fenomenologia, inspirado principalmente naquele autor.

Os debates se acentuam no Brasil por volta de 1970 e a Geografia denominada Cultural parte para tais análises com um foco em Rio Claro, São Paulo, na Universidade Estadual Paulista, passando pelo Rio de Janeiro com o Núcleo de Estudos e pesquisas sobre Espaço e Cultura.

No núcleo do Rio de Janeiro, Holzer faz um estudo que aborda fenomenologia: - *Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: A crônica dos viajantes no Brasil do século XVI* - pesquisa a epistemologia da Geografia com ênfase no aporte fenomenológico através de estudos e tradução de textos sobre o tema e apóia o debate que está em sua fase inicial de discussão no Brasil. Essa linha se dissemina entre os pesquisadores brasileiros em direção ao novo século.

O NEER - Núcleo de Estudos em Espaço e Representação da Universidade Federal do Paraná, com Salete Kozel e Gil Filho (2006), é um novo espaço que congrega pesquisadores de várias instituições de ensino em rede nacional. O avanço desse núcleo acontece com a participação efetiva de diversos membros do curso de Geografia em eventos estaduais e nacionais nos quais professores e alunos debatem. O ano de 2006 fica marcado pelo grande número de alunos ingressantes no programa de pós-graduação interessados nessa abordagem. Esse núcleo enfatiza e aprofunda os debates abrindo as portas dessa universidade para a Geografia Humanista-Cultural definitivamente, carregando consigo toda a gama de teorias, conceitos, categorias e termos, como fenomenologia, lugar, geograficidade, percepção, representação entre outros.

PEIXOTO, 2003, colabora ao esclarecer a palavra fenomenologia:

A palavra fenomenologia tem sua origem em duas outras palavras gregas: phainomenon, que significa “o que se mostra”, “o que se manifesta”, e logos, que significa “discurso”, “ciência”. Portanto, etimologicamente, fenomenologia significa o estudo ou ciência do fenômeno. (p. 16).

Seja o fenômeno um **lugar**, categoria que passa a ser estudada através da fenomenologia nessa pesquisa, partindo das idéias de HUSSERL, de que fenômeno é tudo que existe e que aparece à nossa consciência. A consciência toma este fato como imagem no pensamento e assim tomamos consciência do lugar. Lugar é um espaço, onde estabelecemos nossas relações entre Ser e ambiente. Lugar é, para TUAN, 1983, um pequeno mundo ligado por redes (ruas, vias), onde são **guardadas** pela memória as histórias e as vivências das pessoas. DARDEL entende isso por **Geograficidade**, ou a relação homem/Terra que forma vínculos de afetividade e que se dá através da percepção.

Percepção significa o uso dos sentidos humanos, sentidos que nos põem em contato com os objetos e fatos reais. “Para perceber alguma coisa, deve-se primeiro ter consciência dela”. (SCHIFF, 1973, p. 49). A percepção está diretamente relacionada com a Geografia Humanista-Cultural, pois é através dela que temos contato com o nosso mundo... real ou imaginário... A percepção visa conhecer e dar significado às coisas e ao ambiente. É através dela que se estabelecem os significados das trilhas urbanas em Santa Felicidade. Assim, percebemos, sentimos, olhamos, caminhamos por trilhas.

E as trilhas estão nas cidades como formas e estruturas, fazem parte da caminhada humana, significa: ato de trilhar, direção, rastro, caminho, **caminhos a pé que nos levam a lugares e que têm sentido.**

Trilhas, ruas ou vias, não importa o nome que se dê a elas, enfeitam a cidade: relação de topofilia quando caminhamos por uma rua

que não tem calçada, mas fixamos nosso olhar na paisagem e percebemos os pequenos arbustos que crescem, com minúsculas flores. Ou a relação com a cidade feia, que causa medo, topofobia, quando parados, observando paisagem, sentimos um carro se aproximar em alta velocidade e não temos onde ficar, porque não há calçada, fica o medo, enquanto esperamos que o motorista nos veja e desvie, nos acuamos, sem nada poder fazer. São relações homem - cidade construída. As trilhas formam uma rede complexa de conexões, de encontros, de modos de circulação. São responsáveis pela fluência dos veículos, destinam pessoas aos lugares. As ruas dão movimento à vida. As ruas não impõem ritmos... lentos ou rápidos, esses são impostos pela circulação de valores, trabalhos, mercadorias e de carros. E lá, nas trilhas, estão as calçadas⁸.

Calçada é parte da via, normalmente segregada e em nível diferente, não destinada à circulação de veículos, reservada ao trânsito de pedestres e, quando possível, à implantação de mobiliário urbano, sinalização, vegetação e outros fins⁹.

Ou passeio, que é parte da calçada, ou, a própria calçada :

O passeio é parte da calçada ou da pista de rolamento, neste último caso, separada por pintura ou elemento físico separador, livre de interferências, destinada à circulação exclusiva de pedestres e, excepcionalmente, de ciclistas. A via, também pode ser entendida como rua, é a superfície por onde transitam veículos, pessoas e animais, compreendendo a pista, a calçada, o acostamento, ilha e canteiro central.).

Desse modo, o pedestre¹⁰ poderia circular com segurança em todas

⁸ O código de trânsito ajuda a definir a exemplo a palavra calçada, vias, entre outras.

⁹ Calçada, passeio: captado em 04/2007. Disponível em: <http://www.pr.gov.br/mtm/index.shtml>

¹⁰ § 1º É assegurada ao pedestre a utilização dos passeios ou passagens apropriadas das vias urbanas e dos acostamentos das vias rurais para circulação, podendo a autoridade competente permitir a utilização de parte da calçada para outros fins, desde que não seja prejudicial ao fluxo de pedestres. Este código trata o ciclista como um pedestre também.

§ 2º Nas áreas urbanas, quando não houver passeios ou quando não for possível a utilização destes, a circulação de pedestres na pista de rolamento será feita com prioridade sobre os veículos, pelos bordos da pista, em fila única, exceto em locais proibidos pela sinalização e nas situações em que a segurança ficar comprometida.

§ 3º Nas vias rurais, quando não houver acostamento ou quando não for possível a utilização dele, a circulação de pedestres, na pista de rolamento, será feita com prioridade sobre os veículos, pelos bordos da pista, em fila única, em sentido contrário ao deslocamento de veículos, exceto em locais

as ruas, vias ou trilhas.

Caminhando por essas trilhas, o trabalho é efetivado e, para isso, os procedimentos metodológicos são detalhadamente escolhidos. Entrevistas estruturadas e semi-estruturadas, mapas mentais e fotografias, partindo das necessidades pré-estabelecidas e de outras que foram aparecendo ao longo do processo de produção aproveitando a operacionalização dos conceitos utilizados e do diálogo entre método-prática. Uma das necessidades foi a adaptação do processo de diagnóstico das ruas e calçadas.

É importante deixar claro que entre as etapas de caminhadas pelo bairro e, a própria vivência da pesquisadora-moradora, fez-se necessário uma contradição para o cumprimento dos prazos estipulados. É a relação contraditória entre o *slow* e a velocidade, entre os trajetos a pé e de carro, entre a cidade e o homem, entre o homem e a máquina. Contrapondo-se ao *slow*, a velocidade chega à academia e às pesquisas. Para a construção dos mapas temáticos, foi obrigatório realizar parte da pesquisa não toda a pé, mas algumas etapas de carro, com velocidade não superior a vinte ou trinta quilômetros por hora e sempre parando para caracterizar as condições físicas das calçadas e ruas. Tuan, ensina que a metodologia é importante, mas muitas vezes precisamos adaptá-la: “Nas ciências sociais, o senso comum é, repetidas vezes, confirmado com muita formalidade profissional. Os meios utilizados para atingir os resultados geralmente

proibidos pela sinalização e nas situações em que a segurança ficar comprometida § 5º Nos trechos urbanos de vias rurais e nas obras de arte a serem construídas, deverá ser previsto passeio destinado à circulação dos pedestres, que não deverão, nessas condições, usar o acostamento.

§ 6º Onde houver obstrução da calçada ou da passagem para pedestres, o órgão ou entidade com circunscrição sobre a via deverá assegurar a devida sinalização e proteção para circulação de pedestres.

Art. 69. Para cruzar a pista de rolamento o pedestre tomará precauções de segurança, levando em conta, principalmente, a visibilidade, a distância e a velocidade dos veículos, utilizando sempre as faixas ou passagens a ele destinadas sempre que estas existirem numa distância de até cinquenta metros dele, observadas as seguintes disposições:

Acostamento - parte da via diferenciada da pista de rolamento destinada à parada ou estacionamento de veículos, em caso de emergência, e à circulação de pedestres e bicicletas, quando não houver local apropriado para esse fim. Captado em: 04/2007. Disponível em:

<http://www.senado.gov.br/web/codigos/transito/cnt00020.htm#E15E4>

são mais impressionantes do que os próprios resultados”. (TUAN, 1980, p. 3). Por isso, ter caminhado passo a passo por todos os lugares do bairro para esse diagnóstico teria sido muito interessante e gratificante, mas impossível dentro das condições de estudante-pesquisadora com prazos e, trabalhadora formal, com horários a cumprir. Portanto, justifica-se o uso do carro. Entretanto, pelos percursos a pé foi possível vivenciar e conhecer o lugar tendo sido suficientes para alcançar os objetivos propostos no trabalho.

Assim, se fez a pesquisa, que é considerada por Minayo, (2001, p. 17), como a “atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e atualiza frente à realidade do mundo. [...] uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação”, vincula a prática à teoria.

Optou-se por fazer as entrevistas de dois modos¹¹:

- o questionário qualitativo, com estrutura semi-fechada, numa enquete com 26 entrevistados entre homens e mulheres.
- a pesquisa informal, com mapas mentais ou com perguntas, num total de 26 pessoas entre homens e mulheres, formando 52 entrevistados no total.

Nas caminhadas pelo bairro, elaborou-se **um diário de campo** com o intuito de documentar os pequenos detalhes da experiência realizada. É um documento pessoal onde se registrou os momentos de vivência no campo e que são transcritos nesse trabalho e aparecem em letra diferenciada¹². As fotografias inseridas servem não só como ilustração, mas também para ampliar o conhecimento do objeto, permitindo que os *flashes* do cotidiano das pessoas fiquem armazenados de forma que a imagem que nosso olhar-pensamento capturou e conseguiu externalizar através da foto, seja também uma forma de expressão, uma

¹¹ Nos momentos apropriados, são explicados os procedimentos metodológicos e detalhados o universo de análise dos mapas mentais e da enquete.

¹² Os registros são escritos de forma coloquial e geralmente aparecem em primeira pessoa, por isso a letra diferente para não interferir na linguagem formal da pesquisa.

linguagem, usada como parte do método fenomenológico. Através da aproximação da lente, é possível extrair da foto, particularidades percebidas enganosamente em um primeiro momento da percepção: é a atitude fenomenológica usada também nas fotografias.

Dessa forma, fundamenta-se em Goldemberg e Minayo essa pesquisa qualitativa, que destaca a importância de técnicas como a vivência do pesquisador que se põe como sujeito e objeto da pesquisa, que também é co-participante do fato que analisa, pois está inserido naquele contexto. Desse modo, o pesquisador obtém uma informação **da coisa em si**, sem preconceitos estabelecidos, quando deixa de lado aquilo que ele acha, e tem a percepção fenomenológica

A pesquisa é apresentada nos seguintes itens: Santa Felicidade sob dois olhares, o primeiro olhar apresenta o lugar a partir das fontes históricas, do diário geográfico e dos mapas mentais que ilustram o texto. O segundo olhar desvenda o bairro sob as análises dos mapas mentais. O próximo capítulo apresenta uma enquête realizada com caminhantes e moradores do bairro no intuito de adicionar mais elementos às reflexões, e o bairro é revelado sob a perspectiva das representações formais e imaginárias. Complementa-se o trabalho com as caminhadas e as vivências, encerrando-se em seguida com as reflexões finais.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

2.1. MAPA CONCEITUAL DA PESQUISA

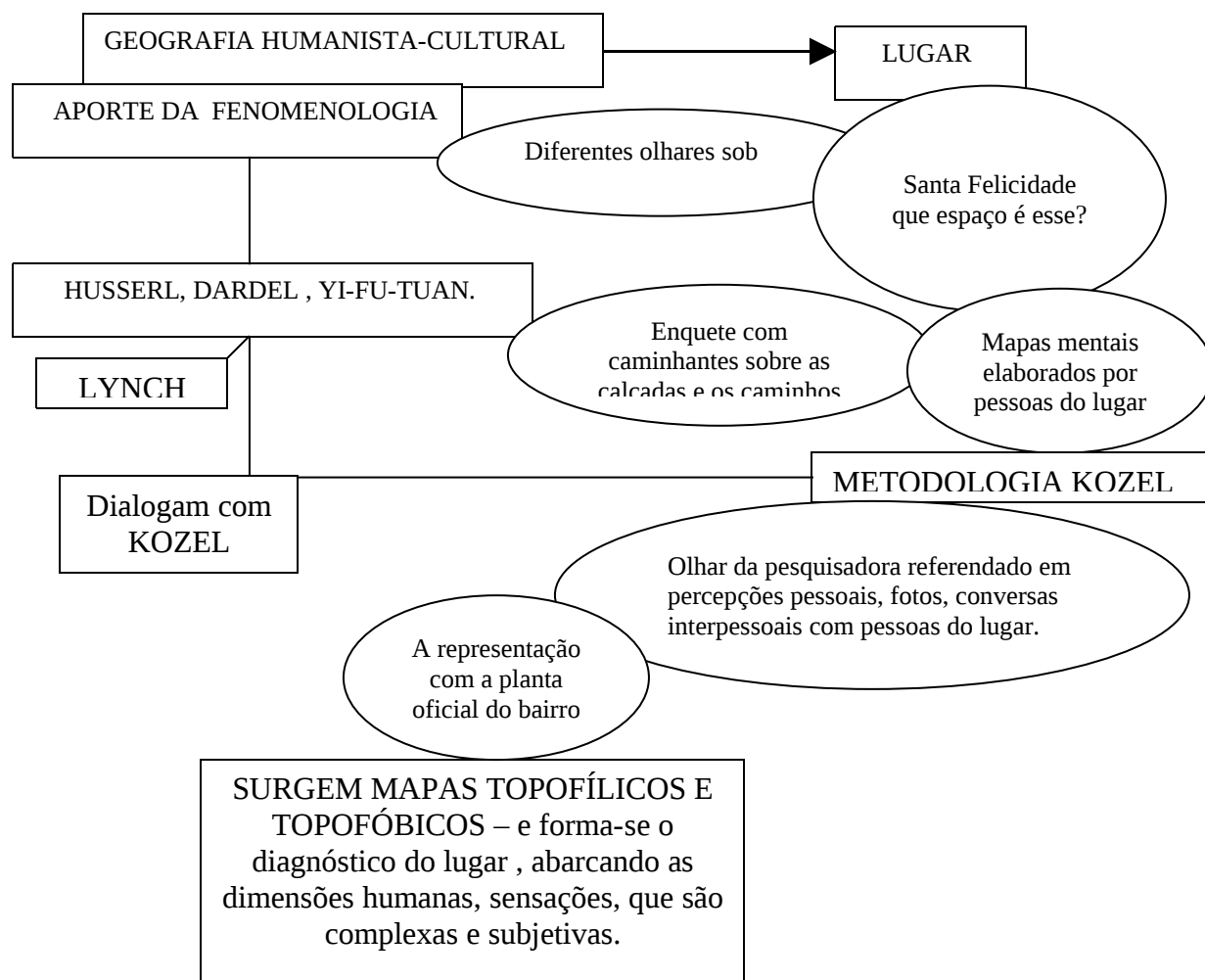


FIGURA 1 – MAPA CONCEITUAL – ORG. KOZEL e LIMA, 2008

2.2. A GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA HUMANISTA-CULTURAL

Baseando-se em Minayo, (2001, p. 17), por metodologia entende-se “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. As concepções teóricas da abordagem Humanista-Cultural e da Fenomenologia em Geografia, figuram juntas nesse capítulo. Pressupostos teóricos e metodológicos, formam um apanhado de informações básicas para a reflexão da pesquisa que, aliados às técnicas operacionais vão possibilitar a revelação da realidade de Santa Felicidade a partir de suas trilhas.

A dinâmica e a inteligência humana, a necessidade de conhecer, de explicar, de encontrar respostas aos seus conflitos, seus anseios, de sair à busca do desconhecido, proporcionou ao homem desenvolver técnicas que facilitaram a sua chegada a lugares cada vez mais distantes de seu mundo conhecido. O homem progride na exploração da Terra através da sua curiosidade principalmente e dos viajantes.

Por volta dos séculos XVII e XVIII, a ciência, ainda é constituída por sábios e, não se separa o pensar do refletir e a razão da emoção. Alexandre Von Humboldt é um dos primeiros estudiosos que sistematiza essa forma de pensar e descrever lugares.

O interesse pela cultura humana é absorvido por um campo da Geografia que se dedica a esse assunto, atualmente denominado Humanista-Cultural. Não é recente esse interesse, vem do período clássico e está nas descrições das paisagens, das rotas, dos cultivos, dos artefatos, das linguagens, enfim, dos modos de vida, da história. Os momentos principais pelos quais passou essa abordagem, seguindo as idéias de Paul Claval, 1999, se iniciam pela escola Alemã:

Nessa escola, Friedrich Ratzel, usa o termo antropogeografia. A geografia, acrescentada em “antropo”, enriquece o termo e o traduz para um novo “momento” desta ciência. Passarge, complementa com “o conjunto daquilo que o olho pode abarcar”, (CLAVAL 1999, p.29), para explicar o homem dentro de um universo de costumes, valores, crenças, linguagem. Viajamos pela descrição, mapeando lugares habitados ou por habitar, distribuição dos homens e influência da natureza sobre os mesmos, o homem/ambiente e, suas marcas na paisagem através de ferramentas/técnicas, até a política e a importância do Estado.

A Geografia alemã demonstra que a ação do homem produz uma paisagem ou região, *Landschaft*, ou a *Kulturlandschaft*, uma paisagem cultural. Estuda os homens, o solo e sua ocupação, a domesticação de animais e o cultivo da terra tornando-os também objetos de pesquisa, além de inserir o pensamento de Darwin. Os estudos alemães observaram que a cultura e a produção dos espaços estavam no mundo vivido, através da organização da vida cotidiana, juntamente com rituais religiosos dos povos. A crítica ao cientificismo da época, está presente nessa Geografia que, entre 1920 e 1960, domina o cenário.

A Escola francesa de Vidal de La Blache lança a noção de “gêneros de vida” ao estudar a cultura humana através das técnicas e dos utensílios que usam para mudar o meio ambiente e modelar o lugar onde vivem. Pesquisa a estruturação e organização do tempo/espaço (tempo da natureza). Quer explicar lugares e incorpora em seus estudos os aspectos comportamentais dos grupos humanos. Jean Brunhes valoriza o simbólico quando se dedica a um estudo da geografia cultural ao se debruçar sobre técnicas e direitos para a captação e distribuição de água. Em 1909, publica uma obra onde se encontram métodos para a geografia humana para a análise da ocupação, produção e, conseqüente, destruição do espaço.

A Escola Americana aparece com Carl O. Sauer e a Escola de Berkeley. Quando os primeiros trabalhos americanos (diferenciados) são

publicados, a escola alemã já conta trinta anos. Sauer rompe com os métodos da escola do *Middle West* e apresenta a influência da geografia cultural alemã em: “aquilo que o olho vê”, com abertura para ver mais além, sem a rigidez característica dos alemães. Ignora os fatores sociais e psicológicos, trabalha a ação do homem que muda a paisagem da Terra. A combinação do uso da natureza provoca o desequilíbrio ambiental. Os estudos indicam um caminho para o uso equilibrado dos recursos naturais. Seus discípulos estudam as mudanças das sociedades modernas no ambiente, que pode ser destruído por plantas e animais exóticos. Desde os anos de 1930, a preocupação ecológica se faz presente nessa escola, porque nota que homem muda o ambiente pela e para a produção industrial.

O declínio na Geografia Cultural se faz presente, pois ela não dá conta das mudanças muito rápidas que ocorrem na sociedade e não são acompanhadas por esse modelo explicativo. Claval, (1999, p. 41), mostra que a Geografia Cultural Clássica ignorava as diversidades dos saberes, dos lugares, das camadas sociais, dos aspectos normativos das instituições sociais, dos grupos culturais diferentes, dos novos grupos originados da mistura de outros que mudaram o modo de pensar e agir, da vida nos trópicos, da diversidade de etnias em um só lugar, das comunicações, enfim, do novo e moderno que é veloz, como as máquinas. Essa Geografia Cultural de bases clássicas, derivadas da Geografia Humana com estrutura positivista se limitava a estudar o homem-meio através dos aspectos materiais da cultura, (Gênero de Vida), não abrangendo tais relações.

A sociedade, nesse período volta-se aos novos recursos que a modernidade¹³ traz, e os métodos descritivos usados para as estruturas mais estáveis, utilizados pela Geografia francesa e alemã do período clássico, são pouco úteis ao novo, ao moderno, ao técnico, a todas essas mudanças e a

¹³ A mecanização, tanto da cidade como do campo, os diversos meios de comunicação, encurtando as distâncias, a uniformização do mundo (jeans, camiseta, etc), o inchamento das cidades devido ao êxodo rural, construções padronizadas, como os conjuntos habitacionais, são fatos e objetos de estudo que a Geografia precisa explicar, juntamente com a produção do espaço.

Geografia Cultural passa por uma fase de renovação. Entraram em cena diferentes pensamentos, como o humanismo que ressalta a experiência, a vivência e o conhecimento do mundo humano¹⁴. Esses momentos importantes dessa abordagem, as três escolas passam, para depois, a Geografia Humanista-Cultural reencontrar o seu lugar ligando-se à percepção, às representações e aos sentimentos de identidade, de valor que lhe estão vinculados, segundo Claval, (1999 p. 19).

A Geografia Humanista-Cultural toma corpo, quando diversas discussões teóricas, a partir de 1970, formam um novo debate epistemológico. Por volta de 1990, essa abordagem reaparece com toda a força porque o homem está desiludido e desencantado com a sociedade, com a crise que abala a instituição familiar, com graves problemas ambientais, com catástrofes naturais e humanas. Procura respostas no transcendental, re-inaugura o sentimento, o valor ao simbólico, ao místico. O responsável pela desgraça humana, pelo seu desamor é o modo de pensar e fazer ciência, como aponta Unger:

Hoje, vivemos num mundo que é fruto amargo dessa dinâmica, cujo desdobramento se realiza em múltiplos níveis. Os vínculos sociais são rompidos em todas as classes sociais; as relações humanas se dissolvem na economia. Em algum nível ou grau de percepção, quer o queiramos ou não, cada um de nós está sendo interpelado a viver a experiência do deserto. Por isso, no contexto da presente reflexão, o uso da palavra deserto como traço marcante do mundo contemporâneo não diz respeito unicamente às graves conseqüências da devastação da natureza. Refere-se também a esfera da sociedade, ao espaço da convivência humana. Trata-se do impacto de uma época na qual a vida está sendo negada e que tem seu eixo na racionalização e controle de todas as coisas. De um modo essencial, essa crescente aridez resulta de um desequilíbrio cujas raízes se situam no coração do homem. O que significam a devastação das florestas, a contaminação das águas e do ar, a extinção de milhares e milhares de espécies animais, a agressão que o homem comete a seus semelhantes através da espoliação, da opressão, do etnocídio, senão o espelho de uma condição interior do ser humano? (UNGER, 2001, p.46-47).

Para sair dessa crise, o homem volta para si mesmo e tenta compreender seus sentidos - auto-compreensão, aquilo que o faz viver. Busca o

¹⁴ As três escolas são baseadas em informações de CLAVAL, 1999.

entendimento do mundo a partir da vivência, substituindo a análise quantitativa de dados mensuráveis, em diversos estudos onde isso é possível e necessário, pela análise qualitativa.

Ao valorizar a percepção, a ciência geográfica compreende que o homem caminha pelo mundo, seus sentidos captam os objetos e formam em sua consciência imagens mentais e símbolos internalizados, a partir dos quais constrói um mapa mental do seu mundo, de acordo com as impressões pessoais, que lhes são únicas. Têm então consciência do que é um lugar, pois através da percepção ele sente que está no mundo e que pode expressar-se através dos aspectos da representação, do sagrado, do valor, das crenças, das ações, dos símbolos. Esses aspectos passam a fazer parte integrante de muitos trabalhos acadêmicos e o debate epistemológico se instala e avança em encontros, núcleos e grupos reunidos nessas discussões.

A percepção através dos sentidos coloca o homem em contato com a realidade, formando o conhecer. É neste caminho que se inicia esta pesquisa, baseando-se em geografias e filosofias, que sustentem o aporte fenomenológico escolhido.

O termo fenomenológico é utilizado pela primeira vez por J. H. Lambert em 1764 em uma obra intitulada *novo órganon*. Kant também utiliza o termo por volta de 1770/81, segundo Peixoto, (2003, p. 18) e idealiza a reflexão sobre o espaço subjetivo¹⁵. De forma direta ou indireta, pode-se encontrar a fenomenologia em Descartes, pois ele, [...] “se propõe a enumerar todos os atos de nosso entendimento por meio dos quais podemos chegar ao conhecimento das coisas sem temor algum de erro. Ele admite apenas dois a saber: a intuição e a dedução”, (GILES, 1979, p. 17).

¹⁵ GOMES, P. C. da C.. **Geografia e modernidade**: Rio de Janeiro – Bertrand Brasil, 1996

A tradição científica coloca sempre em contraste os dois caminhos pelos quais o conhecimento e o entendimento se dão: o da razão pelo positivismo, e o da intuição-percepção pelo subjetivismo, entretanto, suas bases são as mesmas: o pensar humano - racional, que é subjetivo por natureza, ou seja, “A própria Ciência é uma manifestação única da capacidade humana e a natureza da Ciência é de vital importância para os humanistas”.(TUAN 1982, p.145).

Esses atos, aos quais Descartes se refere, são os mesmos atos que Husserl aponta em sua obra¹⁶ onde diz que “Todo pensar, e sobretudo todo pensar e parecer teóricos perfaz-se em certos ‘atos’ que surgem em conexão com a fala em que se exprimem”.(HUSSERL, 1975, p. 13).

A diferença entre as abordagens para a teoria do conhecimento aponta para uma atitude de superação, que Husserl, (1975), propõe na Sexta Investigação, de nos despirmos dos pré-conceitos existentes e abriremos nossa mente para novas possibilidades, que também é a proposta dessa pesquisa¹⁷.

Edmund Husserl, uma das principais fontes de inspiração para compor este trabalho é considerado o precursor do método fenomenológico (experiência da vivência). Ele se baseia primordialmente em Descartes e Kant. Husserl ampliou e divulgou esse método que proporciona o conhecimento e o entendimento pela intuição, com a racionalidade e o rigor. Sempre apaixonado pelas ciências matemáticas, volta-se à filosofia atraído por Franz Brentano (PEIXOTO, 2003, p. 14), e em 1913 divulga suas idéias através da obra: “As idéias diretrizes para uma fenomenologia pura”, inaugura, assim, a fenomenologia

¹⁶ HUSSERL. E. **Investigações Lógicas: Sexta investigação** – (Elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento). 1º ed. Abril Cultural . São Paulo: 1975

¹⁷ Minayo quando fala do conhecimento, da pesquisa: “a cientificidade não pode ser reduzida a uma forma determinada de conhecer; ela pré-contém, por assim dizer, diversas maneiras concretas e potenciais de realização”. (MINAYO, 2001, p. 11). Uma dessas maneiras vai ao encontro da Fenomenologia, um caminho mais humanizado. O estudo em questão se fundamenta em princípio na percepção, na intuição e no significado que damos às coisas. O método fenomenológico, trabalha com aspectos subjetivos da vida cotidiana, mas, não deixa de manter o rigor exigido pela ciência.

Husserliana. Faleceu no dia vinte e sete de abril de 1938 e deixou um grande legado à história da filosofia.

A proposta de Husserl surge num período de grandes mudanças, “[...] durante os anos de guerra¹⁸, [...] nova atividade em Friburgo [...]”, (HUSSERL, 1975, p. 9). Mudanças não apenas em nível pessoal, mas sentidas em todos os setores e, incluem-se aí as ciências em geral, as artes, a vida, o dia-a-dia. É um momento de grande crise, sentida nos paradigmas: que se busquem respostas e soluções para a nova realidade vivida por todas as pessoas¹⁹.

Nas obras de Husserl, muitos autores se apoiaram e encontraram a base para compor diversos trabalhos voltados aos estudos geográficos, ajudando a dispersar suas idéias e pensamentos, acrescentando a eles outras considerações, já que o próprio filósofo deixa seus trabalhos como que abertos para lhes acrescentarem informações e renovações.

Peixoto demonstra o método de Husserl:

¹⁸ A dinâmica humana favorece as mudanças e as ciências as acompanham. Fatos históricos a partir de 1898, situam o leitor no contexto que Husserl escrevia. Por volta de 1898: Guerra Hispano-Americana, como é chamada, marca um importante momento na história mundial. Espanha abandona o cenário mundial depois de quatro séculos. Estados Unidos da América surgem como a nova potência que vai dominar o mundo por muito tempo. A ciência está em amplo desenvolvimento. 1904, Einstein com a Teoria da Relatividade. Um pouco mais tarde, as linhas de produção em serie dão origem ao novo sistema fabril no mundo. Período de grande produção. Primeira Guerra Mundial entre 1914-1918. Em 1929 queda da bolsa de Nova York. Hitler assume o poder. Revoltas e revoluções se espalham ao redor do mundo, juntando-se a muitos outros fatos culminam em mudar os pensamentos. <http://www1.uol.com.br/bibliot/linhadotempo/> captado em 21/06/2007, <http://www.historiadaarte.com.br/linhadotempo.html>, Captado em 22/06/2007.

¹⁹ Enquanto a guerra caminhava por um lado, a tecnologia caminhava por outros, encontrando-se com a própria guerra, com as artes, com a música, com a produção de mercadorias. As demonstrações culturais apresentavam formas de combater os sentimentos de crise pelos quais todos passavam. Husserl queria respostas. Os reflexos da situação mundial são sentidos de modo mais aguçado: sentimentos que aparecem nas ciências e as artes. Desde o início do século XIX, as artes se mostravam ao lado da racionalidade, como um culto a Aristóteles. Já no período futurista, todos se voltam ao culto das máquinas e da velocidade. Os artistas buscam captar e expor a forma da velocidade a qual todos passam a se curvar. Pode-se encontrar neste período uma relação com o tempo da natureza e o tempo do homem. Hoje o tempo do homem é cronometrado. Baseado em: <http://www1.uol.com.br/bibliot/linhadotempo.html> captado em 22/06/2007

[...] demonstrou que o pensar filosófico cometia o erro de tomar como ponto de partida as concepções preestabelecidas, os conceitos já formados e não os fenômenos como eles são de fato. Por isso, a filosofia tem construído concepções abstratas, desvinculadas com a realidade [...] Demonstrou também que a preocupação da filosofia deve ser com o rigor e não com a exatidão. Assim estabeleceu a diferença entre as ciências empíricas (que trabalham com fatos) das ciências eidéticas ou ciências puras (que se ocupam com idealidade).

Apresenta então para que serve a exatidão (matemática):

A exatidão é própria das ciências empíricas, busca a abstração do tipo matemático, que possibilita chegar sem equívoco ao resultado pretendido. É um resultado calculado, comprovado, exato.

E onde se pode utilizar o rigor que é próprio para os fatos subjetivos:

O rigor é próprio das ciências descritivas ou eidéticas. A fenomenologia enquanto ciência eidética que se ocupa da descrição das vivências, dos atos e correlatos da consciência é por natureza inexata; sua preocupação é com o rigor, com a fidelidade ao real, superando os pré-conceitos, as aparências, o imediatismo. Essa inexatidão é proveniente da própria natureza do objeto da filosofia – o mundo humano -, que é complexo, plural e inconcluso. (PEIXOTO, 2003, p. 21 – grifos meus).

No entender da Fenomenologia, o homem percebe o mundo através de algo que aparece para a sua consciência com uma forma: é a aparência, depois, percebe uma combinação de formas e funções: o fenômeno. É a intencionalidade da consciência, ou seja, o que nos aparece, e a organização da razão²⁰.

É necessário esclarecer que há várias correntes fenomenológicas em bases alemãs e francesas segundo Relph, citado por Amorim Filho (1999 p. 73²¹). A base desse estudo é apontada pela fenomenologia baseada em Husserl, por isso, segue um exemplo da diferença da sua filosofia enquanto método utilizado pela Geografia:

²⁰ CASSIRER, E. **Ensaio sobre o homem: introdução à uma filosofia da cultura humana.** Martins Fontes, SP – 1997: Cap. II- Uma chave para a natureza do homem: o símbolo.

²¹ Para aprofundar as leituras sobre as diferenças entre as abordagens, leia AMORIM FILHO, 1999, p. 73 a 77.

Nicholas Entrikin (1980), destaca um traço que distingue a fenomenologia de Husserl das demais, a *epoché* ou redução: a eidética e a fenomenológica, processos mentais ocorridos durante o momento do conhecimento. A redução eidética faz da fenomenologia a ciência das essências. As essências são as formas, as idéias, não são conceitos, antes, são visadas e depois tomam forma na consciência. Já a redução fenomenológica faz com que o senso comum seja deixado de lado, juntamente com outras conceituações científicas, tomando a experiência do momento o ato que precede o conhecer verdadeiro. Dessa forma, escreve:

[...] fenomenologia é um método [...] buscando explicações filosóficas, os fenomenólogos procuram conhecimento através da descrição da experiência. De acordo com Edie, a fenomenologia, melhor que o empirismo é a ciência da experiência. (p. 9. grifos meus).

Portanto, está claro, o método é a descrição da experiência. Husserl aponta os caminhos, inspira esse trabalho e com ele abrem-se as portas para compor uma filosofia inacabada como ele próprio citou, adotando autores que beberam em sua fonte.

Holzer explica que a fenomenologia se propôs a definir leis eidéticas (das essências) que orientassem o conhecimento empírico, que é baseado na experiência e na prática, oferecendo, como alternativa à ciência positivista, a constituição de ciências eidéticas ou das essências. Adotada pela geografia, a fenomenologia, pode orientar o estudo do ser e (em) seu lugar e neste caso, a geograficidade de Dardel entra como a relação homem-terra.

Amorim Filho escreve que a fenomenologia dentro da Geografia torna-se mais aceita e divulgada a partir da primeira metade do século XX. (1999 p. 69). A Geografia Clássica, base de outras orientações como a Geografia Teorética, a Nova Geografia ou a Geografia Crítica, convivem pacificamente entre uma ou outra divergência durante algum período. A partir dos anos setenta (séc. XX), como crítica aos princípios da abordagem teorética principalmente, os geógrafos voltam seu interesse para os problemas sociais e ambientais e, um

grupo desses estudiosos se une em torno da Geografia Humanista. Para Amorim Filho, uma das causas que identificam o deslocamento de muitos geógrafos para a corrente humanista é a adoção de técnicas quantitativas, acrílicas e racionalistas pela maioria dos estudiosos que não permitiam estabelecer relações entre o mundo natural e o construído, portanto, não atrelavam às suas investigações os valores humanos, suas crenças, seus comportamentos e atitudes e, por isso, saem, quando passam a entender que para abarcar esses valores, seria necessário o subsídio de uma filosofia que não negligenciasse tais características humanas. Adotam então a fenomenologia como método para nortear tais estudos porque...

[...] permite-nos definir o humanismo como uma visão ampla do que a pessoa humana é e do que ela pode fazer. Uma visão restritiva ainda existe. Nas universidades é a ciência dogmática ao invés da religião que agora tende a circunscrever a linguagem apropriada das dissertações concernentes ao homem. O humanista hoje não nega as perspectivas científicas sobre o homem; trabalha sobre elas. (TUAN, 1982, p. 144)

Com outra visão de mundo, Eric Dardel trabalha sob essas perspectivas, inserindo o espaço de ação. Uma das obras selecionadas para dar respaldo a este trabalho é desse autor, inicialmente, através da leitura feita por Holzer, pois este apresenta o livro de Eric Dardel: *L'homme et la terre – nature de la réalité géographique*, onde demonstra a renovação da Geografia cultural através da abordagem humanista e possibilita de imediato entrar nesse mundo poético e repleto da ação humana. Esquecido, o livro é reeditado em 1986 na Itália. Entre os principais comentários de Holzer sobre o trabalho de Dardel, estão a utilização desse autor por geógrafos como Relph, que é o primeiro autor da Geografia que cita Dardel em uma tese: *A fenomenologia do lugar*, onde discute o uso do método fenomenológico para as análises geográficas, dedica-se ao conceito de lugar, espaço vivido, no qual as experiências estão impressas. Outro autor é Tuan: através de Dardel, trabalha os conceitos de tempo e distância.

Segundo Holzer, a visão de Dardel é a seguinte:

[...] se a geografia como realidade terrestre é o “lugar” da história, uma persistência que ultrapassa o acontecimento, as geografias como concepções do mundo circundante são testemunhos de épocas sucessivas (...). a história da terra (...) não se confunde com a história da descoberta da terra, nem com o desenvolvimento da ciência geográfica. o que nos importa antes de tudo, é o despertar de uma consciência geográfica, através de diferentes intenções sob as quais aparece ao homem a visão da terra”. (Dardel, 1952, p. 63).

Que desperte no geógrafo a consciência geográfica. Quando essa consciência despertar, ele vai perceber o meio através das suas intenções, assim ele o constrói. Holzer analisa o livro de Dardel e identifica o que seriam as concepções geográficas globais do mundo: Uma Geografia mítica; uma heróica; uma *géographie plein vent*, - pleno vapor e a Geografia Científica. Aponta que a Geografia moderna é medida e analisada e o caminho mais adequado para ela seria observar os fenômenos através do espaço vivido, dos signos ocultos e das relações dos indivíduos. Relaciona sua análise com o espaço geográfico - direções, caminhos, apresentando a paisagem como categoria a ser entendida como espaço vivido. As inserções de intencionalidade e mundo vivido são noções do existencialismo em Geografia que aparecem como uma possibilidade a ser usada para alargar as bases teóricas dessa disciplina que ajusta o entendimento além das pesquisas utilizando o conceito geográficidade ao qual chama relação homem-terra. Pretende unir Geografia e Filosofia. (HOLZER, 1997). Abarcar a dimensão da obra humana é analisar um lugar a partir das direções, caminhos, intenções humanas. Assim é possível desvendar um lugar.

Nas considerações de Holzer há sugestões para discussões e aprofundamento nas questões epistemológicas e teóricas da abordagem humanista e da fenomenologia em Geografia, quando ensina que há muito discurso e pouco resultado prático.

Dessa forma, seguindo Holzer, a partir das experiências e da vivência do homem, é possível explicar o espaço, neste caso tratado como lugar, com uma abordagem subjetiva, mas de forma a não perder as características geográficas da análise e, no caso desse trabalho é a espacialização de dados

obtidos através da observação e descrição, da vivência e da experiência que vão delineá-lo.

A partir da Fenomenologia, Eric Dardel, procura fazer uma análise das relações homem-terra. Pode-se entender que Holzer conversa com o autor, colocando sua opinião e, na maior parte do tempo, concorda com ele quando diz: “[...] seu livro, que é sem dúvida, o melhor tratado de Geografia fenomenológica até hoje escrito” (idem, p. 109). Holzer, escreve que é possível proceder a uma análise fenomenológica do lugar e compreender as relações dos sujeitos como os modeladores deste lugar.

Essa obra ajuda a compreender a abordagem e a escolha das metodologias para a pesquisa, pois somente a lógica não é suficiente e capaz de explicar o homem e suas relações com e no espaço. É necessário razão, intuição e rigor para entender os fatos humanos por meio de métodos que se complementam.

A adoção pela Geografia por mais esta linha de abordagem tem enriquecido as discussões e os debates acerca das novas propostas epistemológicas e, com isso, cresce a necessidade de se aprofundar no entendimento de suas bases filosóficas, principalmente a Fenomenologia. Essa, visa orientar que trabalhos e estudos geográficos tenham um caráter mais concreto em relação à realidade em que vivemos.

A realidade é composta de fatos humanos e naturais. Os fatos humanos podem ser classificados de diversas formas, mas a cultura é um traço que identifica muitas características de um lugar. Dessa forma, os fatos humanos e sociais, bem como as mudanças que ocorrem no espaço/tempo, sua produção e outros aspectos podem ser analisados por este viés.

A Geografia Humanista-Cultural, como todas as abordagens científicas, passa por diversos momentos, de alta fecundidade ou de escassez de

publicações e discussões. A proposta pós-moderna dessa Geografia vai para uma aplicação mais fluída de sua metodologia. Apresenta propostas renovadoras dentro de um período em que a soberania da razão e do consumo trouxe para as pessoas o esgotamento da sua capacidade criativa, a nulidade de suas raízes mais humanas²². O momento pelo qual a Geografia passa, busca um saber que também está ligado ao método, ao rigor, à regra. Entretanto, o estabelecimento da Geografia Humanista-Cultural, com raízes no passado clássico, não desvaloriza a tradição, ao contrário, volta às suas fontes e amplia seu discurso com novos conceitos, lançando mão, sempre que necessário, ancorar-se em outras ciências como a Sociologia, a Filosofia, a História, as Artes, a literatura.

Ao fazer uso de outras ciências, é relevante que se esclareça alguns conceitos e termos utilizados, porque muitos deles, relacionados aos estudos geográficos, não são exclusivos da Geografia e em cada disciplina recebe um significado diferenciado e singular como é por exemplo o termo lugar, esclarecido a seguir.

²² A Ciência, usada pelo homem enriquece, cura, moderniza e traz muitos benefícios para a humanidade, porém, como em tudo, há sempre os dois lados. Interpretar portanto, a ação humana, e não a ciência, não é a ciência a culpada por nada.

2.3. LUGAR, PERCEPÇÃO E GEOGRAFICIDADE

Entre os conceitos²³ e categorias²⁴ que se pretendem utilizar, lugar aparece como uma das principais categorias espaciais. Lugar neste trabalho é visto pelo olhar da Geografia Humanista-Cultural e, aqui, tratado como categoria. Em breves considerações as características dos termos relacionados com esta abordagem são mostrados a seguir.

Baseando-se em Dardel 1980, o lugar neste texto é tratado como um receptáculo que abarca as experiências dos sujeitos que o modelou, é impregnado de histórias, signos e símbolos e expressa a relação homem-terra que passa a ser tratada como geofricidade. Desse modo vai tentar explicar como as experiências formam os elos – **a geofricidade**.

O homem está inserido no lugar, é ele quem medeia as relações entre ambiente/sujeito, e, quando nos referimos a um ambiente restrito, ou singular, pode-se referir como sendo um lugar. Nessas relações, estão inseridas tanto aquelas de afetividade quanto aquelas de medo ou repulsa, ou seja, topofílicas ou topofóbicas, termos citados por Tuan em Topofilia. Os lugares, como espaços do vivido acumulam esses sentimentos, como os elos afetivos entre as pessoas e os lugares.

Espaço vivido: [...] estrutura íntima do espaço tal qual nos aparece em nossas experiências concretas de mundo como membros de um grupo cultural. Ele é intersubjetivo e, portanto, permeia todos os membros

²³MARTINS, apud SPOSITO p. 32: conceito tem que partir sempre de uma forma material passível de experimentação. SPOSITO conclui afirmando que “os conceitos e as idéias fazem parte da elaboração teórica do conhecimento científico [...], a idéia é uma concepção racional, que expressa um objeto concebido, construído cientificamente, o conceito, que é elaborado pela descrição de um fenômeno, expressa esse fenômeno como concepção que parte dos sentidos e que pode ser abordado empiricamente. [...] o conceito é construído cientificamente.

²⁴FRANCISCO MENDONÇA: “Por categorias de análise entende-se [...] os recortes ou as especificidades geográficas da superfície da Terra, utilizados para o exercício intelectual e a produção do conhecimento no âmbito da ciência geográfica.[...]. De acordo com SPOSITO p. 31, que cita Marcondes & Japiassú (1990, p. 45), o termo categoria é “freqüentemente tomado como sinônimo de noção ou de conceito”.

daquele grupo, pois todos foram socializados de acordo com o conjunto de experiências, signos e símbolos. (RELPH, 1976, p. 12).

Para **Holzer**, lugar é um **conceito** fundamental na Geografia e que ganhou destaque e mais importância a partir de 1980.

Ao citar a palavra lugar, ou quando se referem a um lugar, as primeiras impressões que se têm, são imagens. Essas, são representadas pelo pensar, rememorar e, que **levam** as pessoas sempre a um **lugar guardado na memória**.

A **categoria lugar** em Geografia é atualmente fundamental para o entendimento de vários aspectos e fatos geográficos que variam nos espaços e podem ser estudados de forma concreta, porém, com abordagens diversificadas e que expressam a realidade.

La Blache diz que a Geografia é a ciência dos lugares. (CLAVAL, 1999, p. 33). Não obstante, esse mesmo autor põe em foco o homem, quando estuda as relações da cultura que ocorrem no espaço. O homem é fundamental para o entendimento de tais relações. Está inserido no espaço e o produz. O homem faz o espaço humano, faz o lugar. Lugar e homem estão juntos.

Juntamente com a reedição da obra de Eric Dardel, essa categoria começa a ganhar mais importância para a Geografia.

[...] influência decisiva que o geógrafo Eric Dardel teve nas pesquisas sobre o "lugar". Dardel era um professor de liceu que em 1952 publicou um pequeno livro intitulado "L'Homme et la Terre - Nature de la Réalité Géographique" (Dardel, 1990), que talvez seja o único exemplar de uma autêntica geografia existencialista até hoje escrito. Ele opunha ao espaço geométrico, abstrato, o espaço geográfico, com todas as suas implicações sobre a nossa existência e o nosso destino. E, mais importante para este texto, definia o espaço, fenomenologicamente, como a junção de distâncias e de direções que, tendo como referência o corpo e o suporte onde ele se instala, constituiria um espaço primitivo. A partir deste se constituiriam categorias espaciais como a de lugar. (HOLZER, 1997, p. 9).

Sauer, Relph e Tuan passam a expor esse conceito em alguns trabalhos por volta dos anos de 1970. Desta forma, a categoria lugar se desvincula do seu sentido de localização a partir da Escola de Beckerley. O termo sitio, pode ser compreendido como lugar:

Nossa seção ingenuamente selecionada da realidade, a paisagem, submete-se a múltiplas alterações. Este contato do homem e de seu domicílio, mutante, tal como se exprime através da paisagem cultural, é nosso campo de estudo. Concerne a nós a importância que tem o sitio para o homem, e também as transformações que este impõe ao sitio. Em síntese, tratamos das interrelações do grupo, ou das culturas, com o sitio, tal como se exprime através das diversas paisagens da Terra. (SAUER, 1974, apud CLAVAL, 1999, p. 30).

Sauer deixa explícito o sentido do termo lugar quando escreve sítio, domicílio, ou “seção ingenuamente selecionada”, apontando para a paisagem cultural. Ele completa seu pensamento ao dizer: “os fatos da Geografia são os fatos do lugar”. (SAUER, apud HOLZER, 1990, p. 68).

A década de 1970 até os anos 1980/90 pode ser considerada como a época do ressurgimento da Geografia Humanista-Cultural. É uma década pautada pela valorização da experiência, da intuição, dos símbolos e, segundo, CORREA, (2000), o lugar passa a ser o conceito-chave mais importante. Do método fenomenológico “foram apropriados, principalmente, os conceitos de ‘**mundo vivido**’ (Lebenswelt) e de ‘**ser-no-mundo**’, que na geografia seria identificado com o conceito de “**lugar**”. (HOLZER, 1997, p. 12)

TUAN, apresenta-o assim, ligando-o às redes de circulação, às ruas e trilhas:

[...] o lugar é uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de circulação; o lugar no entanto tem mais substância do que nos sugere a palavra localização; ele é uma entidade única, um conjunto “especial” que tem história e significados. O lugar encarna as experiências e as aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade concreta a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhes dão significados. (TUAN, apud HOLZER, 1999, p. 70).

Essa rede de circulação à qual Tuan se refere, dá movimento e ação ao espaço e à vida. São as trilhas apresentadas neste trabalho. Redes que contêm a estória e a história. Não são vistas como qualquer outro ponto, ou como mais um lugar, pois, todas as relações entre os agentes sociais neles inseridos, fazem com que seja singular. Neste ponto, entra o papel do geógrafo humanista, como mostra Tuan:

Como um espaço se torna um lugar intensamente humano é uma tarefa para o geógrafo humanista; para tanto ele apela a interesses humanísticos, como a natureza da experiência, a qualidade da ligação emocional aos objetos físicos, as funções dos conceitos e símbolos na criação da identidade do lugar. (TUAN, 1990, p.149).

Para entender o lugar a partir dessa categorização, Dardel propõe a Geografia vivida: o homem tem relações sociais e vínculos emocionais com o lugar. O espaço vivido é visto e entendido a partir das experiências de cada um e, do grupo. Todos colaboram a partir das experiências individuais e comuns, já que partilham os mesmos signos e símbolos. Dessa maneira, enfatiza o que é relativo, subjetivo, cultural e, as análises passam a valorizar a experiência humana no lugar. O significado de espaço vivido para o homem se dá através da experiência que o homem têm com os lugares conhecidos, um bairro, uma vila.

Une ville active, ce n'est pas un espace inerte, mais un espace qui bouge, un espace vivant.
De plan de la géographie, la notion de situation déborde dans les domaines les plus variés de l'expérience du monde.
La situation d'un homme suppose un espace où il se meut; un ensemble de relations et d'échanges; des directions et des distances qui fixent en quelque sorte le lieu de son existence²⁵(DARDEL, 1952, p. 18/19).

Esse mundo de ação só ocorre através das experiências corporais. O homem se movimenta, vai e volta, experimenta. Ele se fixa em certo lugar e nele cria laços.

²⁵ Uma cidade ativa não é um espaço inerte, mas um espaço que move, um espaço vivo. Do plano da geografia, esse tipo de situação ultrapassa os domínios mais variados da experiência do mundo. A situação do homem, supõe um espaço onde se movimenta; um conjunto de relações trocas; direções e distâncias que fixam em certa medida o lugar de sua existência. (LIMA, 2007)

Tuan considera espaço e lugar “como **conceitos** que definem a natureza da Geografia, assim, pela primeira, vez a Geografia Humanista é explicitamente tratada como subcampo autônomo e a fenomenologia como referência teórica desta”. (HOLZER, 1997 8-18). O lugar é vivido a partir das experiências individuais e **coletivas** com os que partilham os mesmos signos e símbolos, estruturado a partir dos contatos entre o eu e o outro, onde nossa história ocorre, onde encontramos as coisas, os outros e nós mesmos.

Dardel diz que a experiência humana sobre a terra não pode ser mensurada pelo tempo cronológico, mas pelo despertar de sua consciência como Ser, que compreende sua história e a vivência e, então, suas intenções se delineiam e fazem o espaço construído. A história é vista como as intenções do Ser no lugar, pois a cada intenção/ação a história se faz e se faz o lugar com toda a carga afetiva que isso congrega. (1990).

“O resultado da relação homem/terra seria a geograficidade do homem como modo de sua existência e de seu destino”. A frase de Dardel (p. 111), pode ser entendida assim: é a cumplicidade obrigatória entre a Terra e o homem. Refere-se também a um espaço material que contém o “perto e o longe”, pois nesta Geografia que Dardel propõe, a distância é um elemento essencial na estruturação do mundo. Não é experimentada somente como quantidade, mas como qualidade. O perto e o longe, o lá e o aqui, expressam qualidade, **ligados aos significados e importâncias** que o ser lhes atribui. O perto pode ser um perto subjetivo, por exemplo: nos **lembramos de nossa terra natal longe dela, ligados pelos sentimentos** que ligam o Ser ao lugar, (seguindo os comentários de Holzer, 1999). Saio caminhando para conhecer os lugares, há subidas e descidas, há muito verde, ruas de chão cascalhado, árvores antigas e pássaros coloridos no meio de raios de sol. Ponho os óculos, há outros tons que desconheço... e lembro da minha cinzenta São Paulo.

Com isso a corporeidade representa um papel importante, por constituir a existência do eu no - tempo e espaço e formar a noção de distância

(longe, perto, centro), fatores essenciais para criar elos afetivos, intenções, ações que formam a geograficidade.

Tuan, em Espaço e lugar, 1983 ensina que o espaço é amplo, menos conhecido enquanto lugar é restrito, vivido: “Na experiência, o significado de espaço freqüentemente se funde com o de lugar. ‘Espaço’ é mais abstrato que ‘lugar’. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”. (TUAN, 1983, p. 6).

Quando o espaço passa a ter um valor singular, passa a ser lugar, no consciente, que forma o mapa mental, que quando expresso, vem carregado dos signos e símbolos ocultos para serem decifrados. Dessa forma, fica mais fácil entender os lugares onde acontece a vida, pois quando relacionamos as idéias de Dardel com o caminhar, com a comunicação e com as redes de circulação, onde a vida se manifesta, **lugar**, passa a ser visto como **singular**, passível de ser estudado e espacializado pela Geografia Humanista-Cultural.

Neste processo de adequação do termo **lugar** à Geografia que se instala, a Geografia Humanista-Cultural dá respostas a fatos que anteriormente não ficavam totalmente esclarecidos ou ficavam às margens das explicações, essas ligadas à compreensão das relações humanas com o meio físico.

Sem a auto-compreensão não podemos esperar por soluções duradouras para os problemas ambientais que, fundamentalmente, são problemas humanos. E os problemas humanos, quer sejam econômicos, políticos ou sociais, dependem do centro psicológico da motivação, dos valores e atitudes que dirigem as energias para os objetivos: (TUAN, 1980, p. 1)

O geógrafo que parte para as análises do lugar, sob esta perspectiva, pode certamente compreender dados quantitativos como dados brutos, vindos de questionários, de gráficos, de tabelas e mapas que podem ser complementados pela análise qualitativa da vivência, da descrição da vivência, essa é a auto-compreensão do meio ambiente e da própria consciência do que seja o lugar. Partindo daí, é capaz de compreender/analisar outros fatos, aqueles

que ficavam à margem. Essa compreensão se dá muito pela percepção que pode ser entendida como “a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados” (TUAN, 1980, p.). Paramos e observamos uma paisagem em suas cores, odores e formas, percepção pela visão, tato, olfato, (Topofilia, Tuan, 1980). Elas trazem sensações de prazer, de bem estar porque quem viveu na cidade de concreto fica feliz observando a vida, o farfalhar das folhas, percebendo os tons de verde e isso é a compreensão, mudança de **valores e atitudes**, mudança da visão de mundo e que vai formar o elo entre lugar e homem...topofilia. Quando mudamos as atitudes em relação à conservação do meio, da relação homem/Terra...geograficidade... nos percebemos como um ser-no-mundo.

Fatos do lugar agora esclarecidos, não ficam às margens das explicações, porque há compreensão das relações humanas com o meio físico, há auto-compreensão, ao perceber a paisagem e o prazer de formar elos afetivos no lugar através da mudança de valores e atitudes, da visão de mundo, o elo entre lugar e homem...topofilia, relação homem-Terra...geograficidade. Dessa relação fundamental, que certamente é geográfica, derivam todos os conceitos de **lugar**, que sob esse enfoque, responde integralmente às questões propostas nesta pesquisa.

2.4. IMAGENS E REPRESENTAÇÕES

A imagem como representação do espaço é utilizada desde a pré-história, encontrada nas pinturas rupestres e em todos os períodos históricos até os dias atuais.

Nos albores de sua existência, o homem gravou em pedra ou em argila, pintou em peles de animais ou armou em estruturas diversas o seu lugar, seu ambiente e suas atividades. Ao fazer isso não só representava a prática de suas relações espaciais, em terra ou mar, como também expunha o conteúdo das relações sociais de sua comunidade. (KISH, 1980, apud MARTINELLI, 2006, p. 7).

Os primeiros registros de **mapas** ou **representações** ocorrem a partir do aparecimento da linguagem simbólica. Segundo KATUTA, 2006, “as informações puderam ser codificadas em estruturas temporais eficientes, sob a forma de palavras e frases, (p.51)”.

Com o avanço das ciências e das técnicas, a produção de cartas e mapas ou “cartografia” passa a ser uma ciência rigorosa e matematicamente explicada. A concepção de mapa com esse rigor segundo KOZEL, (2006, p. 132), veio junto com o racionalismo científico do final do século XVIII. Antes, “um olhar para a produção simbólica de muitas culturas e civilizações, possibilita considerar como mapas as figurações espaciais tanto de adultos e crianças de uma mesma época e sociedade, como a de culturas e épocas diferentes”, (KATUTA, 2006, p. 43). Nem todos os tipos de representações do espaço são matematicamente confeccionados, dependendo da sociedade e da cultura, já que em diferentes épocas, havia ou não, o rigor matemático para expressar “um lugar através de desenhos”.

A imagem na Geografia é imprescindível, segundo Santos (2006), já que ela é usada para representar espaços. Como a Geografia Humanista-Cultural se importa não somente com os espaços representados ou reais, mas se preocupa em como esses espaços são construídos e como são as relações dos homens com ele. Fazer uso dessa ferramenta de análise é questão corrente, pois

segundo Livia de Oliveira (1978, p. 18 apud SANTOS, 2006 p. 188), “todos os estudos geográficos, não importa a abordagem adotada, valem-se do mapa para representar as relações espaciais que ocorrem entre os eventos e dentro dos mesmos”. Esses mapas podem ser mentais ou aqueles da Ciência Cartográfica.

Na Cartografia Sistemática, usada como base de dados para os mapas temáticos, é possível espacializar os elementos culturais, os fenômenos físicos e a condição das calçadas, das ruas e da sinalização, ainda é possível representar os sentimentos como topofilia e topofobia. Para subsidiar sua utilização, Marcello Martinelli, 2006 (Mapas da Geografia e Cartografia Temática), auxilia no entendimento das principais formas de aplicar os sistemas gráficos. A linguagem gráfica está diretamente relacionada com a percepção, item essencial neste trabalho.

A Cartografia temática pode ser entendida como

ciência da representação e do estudo da distribuição espacial dos fenômenos naturais e sociais, suas relações e suas transformações ao longo do tempo, por meio de representações cartográficas – modelos icônicos – que reproduzem este ou aquele aspecto da realidade de forma gráfica e generalizada. (MARTINELLI, 2006, p. 22)

Os mapas temáticos são documentos feitos em diversas escalas sobre um fundo básico (nesse caso a base do IPPUC, 2000), onde se representam os fenômenos observados e descritos. Esses, registram diversos fenômenos relacionados à sua distribuição espacial adotando cores, sinais gráficos ou símbolos. Para a sua elaboração são necessários os conhecimentos acerca da realidade que se deseja apresentar e representar. Após a definição e escolha do tema, o

objeto de representação, será trabalhado a partir de dados adequados relevantes àquela parte da realidade já definida. Essa aquisição pode levar em conta tanto o aspecto direto – contato do pesquisador com a própria realidade, feitos com observações de campo e respectivas anotações [...] (MARTINELLI, 2006, p. 27).

As calçadas, ruas e trilhas são definidas e, com isso as pesquisas de campo fornecem os dados, fatos, que “em si não trazem grande significado; só depois que eles forem de alguma forma agrupados e processados é que poderemos ver o significado revelado”, concordando com Martinelli, 2006, p. 27.

Inicialmente, realiza-se uma “delimitação da parte da realidade a ser problematizada pelo pesquisador interessado na realização da representação, com vistas a estabelecer as diretrizes que orientassem a busca de respostas às questões a eles colocadas”, (MARTINELLI, 2006, p. 33).

O ponto de vista escolhido é o estático, já que são elementos de ruas e calçadas próprias ou impróprias para circulação e, os elementos culturais importantes como símbolos internalizados desenhados nos mapas mentais dos entrevistados. O outro aspecto a ser retratado no mapa é a sensação, isso será feito como uma experiência: a de revelar o medo e o prazer em um mapa temático. O método para esses casos segundo Martinelli é o de “representações qualitativas”, (idem, 2006, p. 33).

Após a base de dados receber a aplicação temática, passará por um processo de informática que “aplica aos dados um tratamento lógico automático”, gerando os mapas finais.

Esses mapas, com características qualitativas, como dito antes, podem ser definidos como os que “nos informam sobre as características dos objetos”, como mostra Martinelli, (2006, p. 28), revelando Santa Felicidade, suas calçadas, ruas e trilhas urbanas e, além disso, os espaços topofóbicos e topofílicos para os pedestres.

Nos mapas da topofilia e topofobia, foi usada a vivência e a análise quantitativa baseada em um questionário. Esse mapa expressa os pontos

do bairro onde as pessoas têm mais medo de andar ou atravessar ou os pontos nos quais mais gostam de caminhar.

Esclarecemos que juntamente com o mapa das ruas, há os pontos críticos da sinalização eletrônica e vertical, tanto para os veículos quanto para os pedestres, que estão indicados de acordo com as observações dos percursos durante as caminhadas. A sinalização observada revela apenas alguns pontos dos que foram considerados mais críticos na questão da segurança.

Desse modo, quanto às representações opta-se por linhas, pontos e cores para expressar as calçadas, ruas e sinalização, com cores diferentes para cada categoria e, pequenos símbolos para o mapa dos pontos marcantes. Esse assunto é detalhado no capítulo correspondente.

Além da cartografia temática, os mapas mentais serão utilizados nas pesquisas e análises deste trabalho, aqueles concebidos a partir das observações sensíveis do lugar. Buscará representar Santa Felicidade por meio do vivido, da experiência humana no lugar. Esse tipo de mapa, que não se baseia em informações precisas e rigorosamente estabelecidas, vai ao encontro do método fenomenológico, base filosófica e metodológica adotada e que, segundo HOLZER, “a razão objetiva, portanto, se refere à existência humana mesmo que esta não possa ser expressa em categorias de quantidade”, (2006, p. 202).

Segundo SEEMANN, “ao discutir os ‘mapas da mente’, os pesquisadores nem sempre distinguem entre mapas cognitivos e mapas mentais” (2003, s.n.). Para esse autor, os mapas cognitivos são visualizações dentro da mente e não são representados concretamente. Servem basicamente para orientação. Já os mapas mentais, “são produtos de mapeamentos cognitivos e simbólicos do ambiente” (PINHEIRO, 1998, p. 322, apud SEEMANN, s.n. 2003) São, portanto, representados em forma de desenhos e esboços. Podem ser traçados de ruas, ambientes da casa, ou de qualquer lugar que a pessoa tenha

em mente e que expresse através de signos e símbolos em um plano ou objeto. Seemann explica que os mapas mentais e cognitivos não possuem muita diferenciação, e que os dois são produtos da mente (de quem os concebeu). Como analisá-los sob a luz da fenomenologia? Seguindo Lynch, 1980,

As imagens do meio ambiente são o resultado de um processo bilateral entre o observador e o meio. O meio ambiente sugere distinções e relações, e o observador – com grande adaptação e à luz dos seus objectivos próprios – selecciona, organiza e dota de sentido aquilo que vê. (p. 16).

Desse modo, a fenomenologia, que é a ciência da experiência e que analisa o fato através da percepção, vai ao encontro dessa técnica que são os mapas mentais, porque eles são produtos da imagem percebida, do registro perceptual do sujeito.

Segundo Tuan, o homem possui uma capacidade altamente desenvolvida para o comportamento simbólico. Os símbolos internalizados são expressos em diversas formas, como os mitos, os rituais e os desenhos: “uma linguagem abstrata de sinais e símbolos é privativa da espécie humana. Com ela, os seres humanos construíram mundos mentais para se relacionarem entre si e com a realidade externa”. (TUAN, 1980, p.15). Ele mostra que o símbolo “é uma parte, que tem o poder de sugerir um todo”. (idem, p. 26).

A Geografia vai se apropriar dessa capacidade construtiva para dar lugar às expressões dos sujeitos. Desse modo, optou-se por deixar o desenhista explicar sua expressão. Como a fenomenologia deixa claro que é a impressão do observador, daquele que vivencia a experiência, que pode apresentar o conhecido, as mensagens **dos desenhos** são expressas oralmente e depois, através de outras técnicas, busca-se analisá-lo.

Inicialmente, seguindo Wood, o mapa “não nos deixa ver coisa nenhuma, mas ele deixa-nos saber o que outras pessoas viram ou acharam ou

descobriram”, (WOOD, 1992, p.6, apud SEEMANN, s.n, 2003). Como foi apresentado anteriormente, o que interessa nesta pesquisa é compreender as relações dos sujeitos no lugar, sendo assim, os mapas expressos por tais sujeitos fornecem de imediato muitas informações pertinentes dessa relação, impressas nos signos, ocultos ou não e, nas marcas deixadas no papel: “as imagens públicas, as figuras mentais comuns que um grande número de habitantes de uma cidade possui”, são as áreas que estão relacionadas à vivência deles. (LYNCH, 1980, p.17).

SEEMANN, seguindo Tuan, 1975, aponta que os mapas mentais têm cinco funções que podem ser utilizadas para sua compreensão:

eles nos preparam para comunicar efetivamente informações espaciais; tornam possível ensaiar o comportamento espacial da mente; são dispositivos mnemônicos: quando desejamos memorizar eventos, pessoas ou coisas, eles nos ajudam a saber a sua localização; como são mapas reais, mapas mentais são meios de estruturar e armazenar conhecimento; eles são mundos imaginários, porque permitem retratar lugares não acessíveis para as pessoas. (SEEMANN, 2003, s.n.).

Com as informações contidas nos mapas serão possíveis diversas interpretações, além daquelas fornecidas pelo próprio desenhista.

Kozel (2007) apresenta uma metodologia para ser aplicada na análise e interpretação dos mapas mentais. Entre os elementos classificados para a compreensão dos mapas com tal metodologia pode-se destacar a interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem; a distribuição dos elementos na imagem; a especificação dos ícones; a representação dos elementos naturais da paisagem; da paisagem construída; dos elementos móveis e imóveis e dos elementos humanos. Por fim, observa-se a apresentação de outros aspectos ou particularidades. (KOZEL, 2007).

De acordo com a metodologia Kozel, para fazer as análises dos mapas é necessário explicitar inicialmente o universo quanto ao sexo, faixa etária,

local do nascimento e profissão. Essa caracterização é feita através de tabelas e gráficos que apontam as características gerais dos entrevistados. Entretanto, (nesta pesquisa, nem todos os elementos serão contemplados, por tratar-se de um outro universo de entrevistados e de um outro tipo de pesquisa, diferentes daquela utilizada como base).

Posteriormente, faz-se a caracterização dos elementos que compõem os mapas mentais, citados anteriormente. A seguir, organizam-se as representações em relação aos signos registrados: ícones, letras e mapas. Devido à diversidade das formas que podem aparecer nos mapas, as informações também podem ser dispostas em tabelas e gráficos. Nessas análises, através de agrupamentos, podem ser destacados elementos reais ou imaginários que representam a impressão dos indivíduos.

Quando se passa para a análise das distribuições dos elementos nas imagens, destaca-se: (perspectiva, dispersão, isolada, horizontal, circular e quadras). Nessa fase, é possível detectar qual (quais) elemento (elementos) se quer destacar no mapa.

No quesito ícones, os autores dos mapas podem expressar a relação do sujeito/ambiente através das ações humanas com os elementos construídos e naturais. Isso pode ser facilmente notado nos desenhos.

Através de tais análises, é possível relacionar diversos aspectos encontrados nos desenhos: desde a influência da mídia nos comportamentos dos atores sociais, até as idéias incorporadas historicamente no imaginário dos sujeitos, (baseado em KOZEL, 2007). A metodologia poderá ser compreendida na íntegra, no capítulo correspondente que apresenta passo a passo como se dá o processo de análise.

A linguagem visual, como apresentada, pode mostrar e comprovar diversas teorias. Segundo SANTOS, (2006, p. 186), “trabalhar com desenhos é

trabalhar com novas formas de ver, compreender as 'coisas' e verificar-comprovar as próprias idéias. Quando desenha, o sujeito expressa uma visão e um raciocínio”.

Nessas análises, de acordo com Kozel, (2007), os desenhos geralmente são acompanhados de muitas influências, mesmo assim, sem ser neutros, expressam a impressão que o desenhista tem do lugar ou daquilo que pretende apresentar. “Os desenhos são ao mesmo tempo ‘naturais’ (espontâneos) e ‘imitativos’ (copiativos), são construídos de dentro para fora, [...] os desenhos revelam muito sobre a natureza do pensamento humano e a sua capacidade de resolver problemas” (SANTOS, 2006, p.187).

Ao analisar os mapas mentais através de KOZEL (2007), a geograficidade foi inserida como um conceito a mais, para possibilitar a compreensão da relação do homem com sua terra, por isso, as noções dessa Geograficidade de ERIC DARDEL irão aparecer nas interpretações dos mapas mentais, mas os detalhes dos procedimentos aparecem no capítulo correspondente às análises, facilitando o entendimento da aplicação da metodologia KOZEL e do conceito geograficidade.

3. SANTA FELICIDADE SOB DOIS OLHARES: O REAL E O IMAGINÁRIO

LUGAR...

Há muito, muito tempo, quando os homens ainda falavam línguas muito diferentes das nossas, já existiam grandes e magníficas cidades em países ensolarados. Ali se erguiam palácios reais e imperiais, abriam-se largas avenidas, existiam suntuosos templos, com estátuas de ouro e mármore, feiras nas quais se encontravam à venda mercadorias do mundo todo, praças bonitas e espaçosas, onde o povo se reunia para discutir as últimas notícias, ouvir ou fazer discursos. (ENDE, 1973, p. 7)

3.1. LOCALIZAÇÃO DE SANTA FELICIDADE: O REAL SISTEMATIZADO²⁶

Situada no extremo Norte da Cidade de Curitiba, Paraná, Brasil, Santa Felicidade fica entre os bairros São João, Lamenha Pequena, Butiatuvinha, Cascatinha, e São Braz. O lugar possui grande área verde e muitos atrativos turísticos. De origem italiana, a maioria da população local, como alunos e outros entrevistados ainda carregam sobre-nomes tradicionais que podem ser vistos nas placas das ruas, história viva!

A figura a seguir localiza a área de estudo, gentilmente cedida por Anderson Belém.

²⁶ Captado em janeiro, 2008

[http://www.geografia.ufpr.br/laboratorios/labs/arquivos/MOURA%20et%20al%20\(2005\).pdf](http://www.geografia.ufpr.br/laboratorios/labs/arquivos/MOURA%20et%20al%20(2005).pdf)



FIGURA 2 – LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO. + 1MAPA+ESCALADESSE

3.2. O LUGAR: DO REAL AO IMAGINÁRIO²⁷

Nesse capítulo apresenta-se o lugar sob os dois olhares: o primeiro olhar – do real ao imaginário mostrado a partir dos mapas de localização, com o real sistematizado e a história. A formal foi retirada de livros e documentos. A imaginária agregou à formal as imagens dos mapas mentais elaborados por moradores, que apenas ilustraram o texto. O segundo olhar será examinado no próximo item.

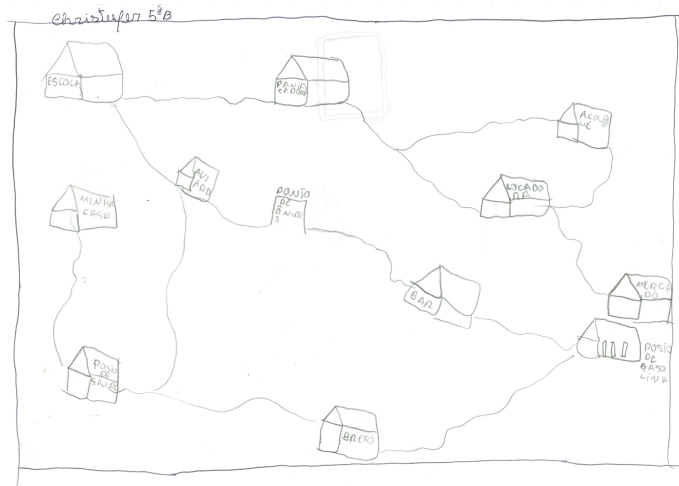


FIGURA:3 BAIRRO SANTA FELICIDADE - IMAGINÁRIO – C. 2006, 14 ANOS.

²⁷ Aqui o real figura como um mapa sistematizado ou como a história formal, enquanto o imaginário figura como um mapa mental ou as histórias contadas. O real e o imaginário querem mostrar as diferenças e semelhanças entre as duas categorias de imaginabilidade ou de pensar. As duas formas de representação partem da capacidade humana de pensar e abstrair, entretanto um fica no imaginário e pode ser representado informalmente, como um simples desenho, impregnado de simbologias que estão impressas nos sinais gráficos e que podem ser decodificadas através de uma análise mais subjetiva, a outra representação, a formal, é decodificada por símbolos convencionados, não são imaginadas individual ou coletivamente, são pesquisadas, medidas e analisadas e após isso, passam por um trabalho minuciosamente matemático. A história formal, provém de pesquisas científicas. A informal é contada, nas rodas de conversas como “causos”. É através dessa informalidade, desse caráter subjetivo e impregnado da dimensão humana que vamos nos apropriar, por isso: o real e o imaginário.

Quinze famílias saíram da Região do Vêneto, no Norte da Itália, em direção à América no ano 1878, em busca de terras férteis e um lugar...

...Para adentrar em Santa Felicidade, com seus 12.274.000 metros quadrados, pela Avenida Manoel Ribas, deve-se obrigatoriamente, passar pelo sugestivo **portal de entrada** do bairro, inaugurado em 27/10/1990, um dos ícones mais representativos do imaginário popular (figura 2²⁸), segundo as imagens desenhadas pelos moradores entrevistados²⁹ e que fica na verdade, no Bairro Cascatinha, muitas vezes confundindo o próprio morador de que este portal pertence à Santa Felicidade, mas é o portal para entrada no bairro italiano, não é um portal de entrada apenas para Santa Felicidade. Pode-se acessar o bairro também pela avenida Fredolin Wolf, estrada que pertence, em parte, ao bairro.

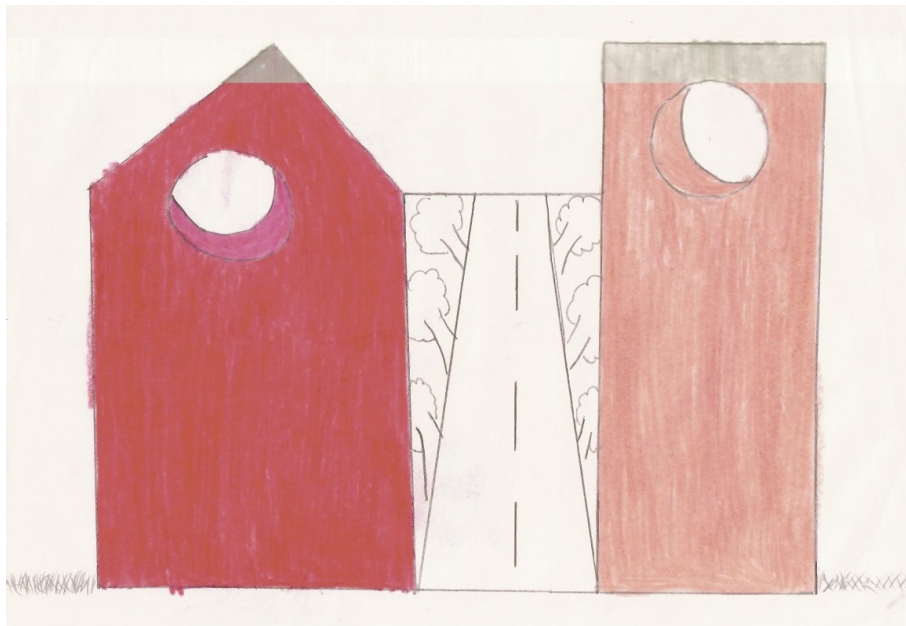


FIGURA 4 - PORTAL DE ENTRADA DO BAIRRO. B. 2006, 12 ANOS.

O portal é dos ícones que aparecem no imaginário, um ícone representativo que pode expressar o lugar. Tuan (1980, p. 31) diz: “ir para frente é

²⁸ Os mapas mentais nesse texto aparecem apenas como ilustração do histórico, fazendo o papel de imagem mentalizada do lugar. Sua análise é feita em outra etapa.

²⁹ Entrevistados que participaram com seus mapas mentais ou com falas.

fácil [...] muitas cidades antigas têm entradas frontais, somente uma estrada era a estrada real e um portão monumental ficava sobre ela”.

Continuando nossa viagem pela história do bairro, os primeiros imigrantes italianos, (87,45% da população desse bairro é branca, maioria de origem européia), chegaram ao Paraná e formaram núcleos no litoral, pois “[...] a promessa de terra em abundância, fertilíssima, capaz de produzir o que eles estavam habituados a cultivar, em condições de clima semelhante, despertava neles a coragem. [...]”, (BRAIDO, 1978, p. 16), fez com que enfrentassem as lágrimas e tristezas da partida de Itália e chegassem ao Brasil cheios de esperança.

Muitos deles, transferiram-se para os arredores de Curitiba, “impressionados com as tropas que por vezes desciam a Serra do Mar com destino a São Paulo, provindas do planalto, formaram a idéia de que acima da Serra deveria haver ambiente mais propício à agricultura” (idem, p. 19), mais precisamente no Bairro que hoje é chamado Santa Felicidade, que surgiu por volta do ano de 1878. Nome Santa Felicidade, deve-se à homenagem à Dona Felicidade Borges por ter feito a doação de uma área de terras para o patrimônio da colônia. A maioria dos colonos se dedicava à produção de hortaliças, frutas e pequenas criações, à plantação de erva mate, ao fabrico de vinho e queijo e ao trançado de vime: “O trabalho na colônia compreendia ainda uma espécie de indústria artesanal para a fabricação de vassouras, cestos de vime, cadeiras rústicas [...]”, (idem, p. 36).

Religiosos que eram, fundaram a Igreja Matriz de São José, (78,42% da população do bairro é católica), na rua que hoje recebe o nome de Avenida Manoel Ribas. A construção dessa igreja fez com que a população local se sentisse mais próxima, devido ao cultivo de suas tradições. Construção com características italianas: uma fachada cheia de elementos românticos, clássicos, um campanário, é também um ícone no imaginário popular, tanto em crianças

quanto em adultos, figura como mais um elemento representativo nos mapas mentais. Com a construção desse tipo de arquitetura, houve a intenção de mostrar o crescimento econômico do lugar bem como resgatar a identidade histórica e religiosa dessas pessoas.



FIGURA 5 – IGREJA MATRIZ SÃO JOSÉ. A. 2007, 12 ANOS.

Entretanto, o ecletismo religioso característico do Brasil, fez da convivência com igrejas evangélicas, templos e grupos de outras religiões uma realidade.

Assim como outras construções, o cemitério de Santa Felicidade, em estilo neoclássico foi inaugurado em 1886, situa-se a duas quadras da igreja, guardando imponentes mausoléus e estátuas, também é considerado mais um elemento para a visita do turista e para pesquisas, fazendo parte da imagem do lugar. Foi tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico em 1977 e hoje é visitado por **tribos urbanas que fazem dali um ponto de encontro.**

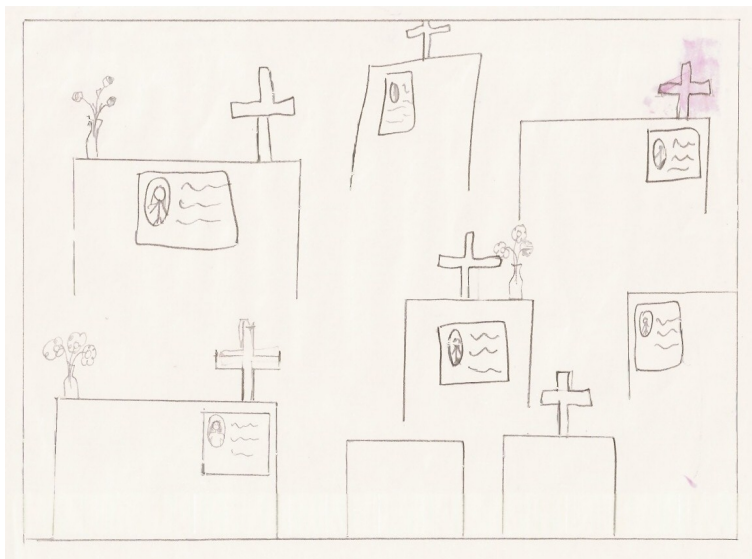


FIGURA 6 – CEMITÉRIO 1 - P. 17 ANOS,2006.

Por isso, é comum encontrar em meio às construções, muitos exemplares da arquitetura primária do lugar, conservada: a Casa dos Gerânios de 1891, a Casa dos Painéis, do século passado, a Casa dos Arcos construída há mais de 100 anos e a Casa Culpí (datada de 1897), entre outras, que trazem em suas formas a influência e a lembrança da terra natal e preservam a memória para os descendentes:

As pessoas olham para trás por diferentes razões, mas uma é comum a todos: a necessidade de adquirir um sentido do eu e da identidade.[...] Os objetos seguram o tempo. [...] Para fortalecer nosso sentido do eu, o passado precisa ser resgatado e tornado acessível. (TUAN, 1983, p. 2007).

As pessoas que saíram de suas terras deixando tudo para trás, resgatam nas construções e no estilo de vida uma parte de sua identidade e de sua história, fortalecendo o elo que as ligará ao novo, inóspito e inesperado.

O inóspito e inesperado é representado pelos remanescentes de áreas verdes do bairro, compondo 3.841.661,64 metros quadrados de área verde (MOURA E NUCCI, 2005). Desta forma, estima-se uma média de 152,78 metros

quadrados de área verde por habitante. Comparando a outros lugares, fica assim a qualidade ambiental desse bairro:

ÁREA VERDE POR HABITANTE³⁰:

LUGAR	% ÁREA VERDE POR HABITANTE	FONTE DE DADOS
Bairro Santa Cecília/SP	2,96	Moura & Nucci, 2005
Centro de Curitiba/PR	12,70	Moura & Nucci, 2005
Santa Felicidade/PR	152,78	Moura & Nucci, 2005

TABELA 1 - ORG. LIMA, 2008

Esse aspecto foi captado pela percepção dos entrevistados o que é referendado no mapa mental a seguir:



FIGURA 7 – CASINHAS NA MATA, J.J. 12 ANOS, 2006

³⁰ Tabela feita com bases em informações retiradas de: [http://www.geografia.ufpr.br/laboratorios/labs/arquivos/MOURA%20et%20al%20\(2005\).pdf](http://www.geografia.ufpr.br/laboratorios/labs/arquivos/MOURA%20et%20al%20(2005).pdf) captado em janeiro 2008

Como se vê, esses atrativos naturais, (muitas áreas verdes) auxiliaram a influenciar o turismo, comandado pelo serviço gastronômico com mais de trinta restaurantes com comida típica italiana que atrai visitantes do país e do mundo para conhecer e experimentar as massas, polentas, vinhos e queijos. Além disso, as lojas de artesanato, paisagismo e jardinagem, decoração e as vinícolas também fazem parte importante do circuito turístico³¹, (figura 6), configurando a mudança das atividades agrícolas para as atividades turísticas.

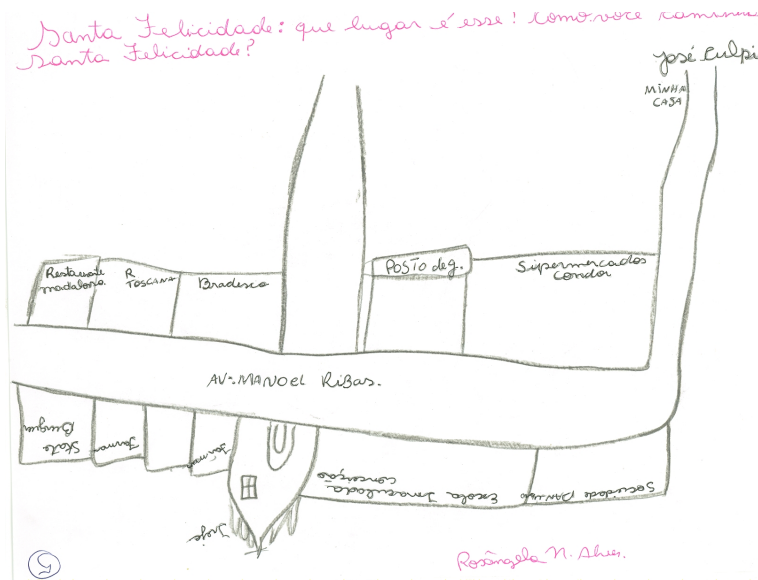


FIGURA 8 - RUA MANOEL RIBAS REPRESENTANDO O TURISMO. R. 34, 2007

O bairro foi se modificando devido ao próprio crescimento do país e da cidade como um todo, adaptando-se ao mercado e às necessidades da população. O crescimento do bairro, relacionado ao crescimento populacional fez surgir outras necessidades: de mais escolas, ônibus, e serviços.

³¹ As partes históricas: baseadas nos escritos captados dia 22/06/2007 em http://www.sergiosakall.com.br/americano/materia_brasil-curitiba.html e no livro "O bairro que chegou num navio", ver referências.



FIGURA 9 - ESCOLA ESTADUAL ANGELO VOLPATO. M. 12 ANOS, 2006

É um bairro turístico, mas a vida do morador é tão comum quanto nos outros lugares, onde se trabalha, estuda-se e enfrentam-se todas as dificuldades de uma cidade. Na questão da educação, o bairro é contemplado com cinco escolas estaduais (duas delas escolhidas para essa pesquisa), e três municipais, além de contar com o serviço de atendimento do **Farol do Saber**, (dois), que oferecem Internet, livros, jornais e revistas com acesso gratuito. Na área de saúde, há disponível para a população duas unidades básicas de saúde.



FIGURA 10 - FAROL DO SABER. 1- P. 15 ANOS, 2006

O bairro conta com praças e um bosque onde se realizam festas, como a festa da uva. As duas creches oferecem serviços para mães que precisam trabalhar e podem deixar nela seus filhos. A rua da cidadania também oferece diversos serviços diretamente ligados à prefeitura, como agência do trabalhador, central de atendimento da Sanepar (Companhia de Saneamento do Paraná) entre outros serviços. Os mapas mentais a seguir ilustram essas construções humanas:

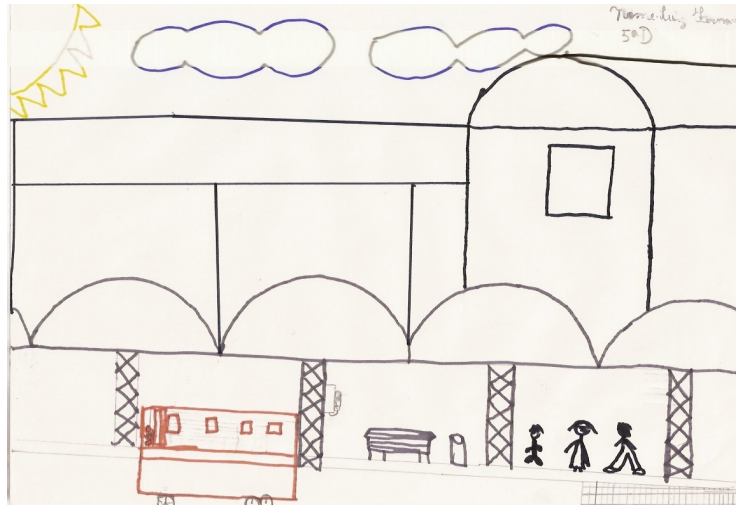


FIGURA 11 - TERMINAL DE ÔNIBUS. L. 12 ANOS



FIGURA 12 - CRECHE PARA AS CRIANÇAS. 1- M. 29 ANOS. 2007

Essas figuras ilustram ações corriqueiras do dia-a-dia da população.

Destaca-se também uma feira noturna, (nas terças feiras), muito freqüentada, na Via Vêneto, que oferece hortifrutigranjeiros, artesanatos, frios e laticínios e uma banca de pastel muito disputada, ao lado de uma pista de Skate onde se observam adolescentes que brincam.



FIGURA 13 - POSTO DE SAÚDE. J. 13 ANOS. 2007

Outros atrativos são as salas e galpões de bailes, desde os mais tradicionais até os atuais, com bandas ao vivo e música eletrônica.



FIGURA 14 - RUA DA CIDADANIA. D. 12 ANOS, 2007

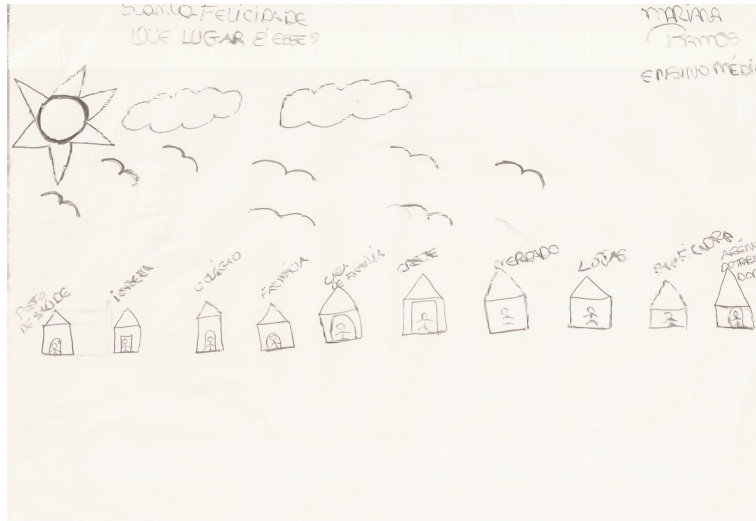


FIGURA 15 - MINI-CENTRO 1- M. 24 ANOS, 2007

O bairro hoje é considerado centro secundário, pois além desse circuito turístico, entre as atividades econômicas pode-se destacar mais de cento e oitenta pequenas indústrias, quase oitocentos estabelecimentos comerciais, razoável serviço bancário, hoteleiro e outras atividades do setor terciário. Os moradores chamam o lugar de “mini centro”, onde podem pagar contas, fazer compras e se alimentar.

Essa é a caracterização-imagem do lugar, obtida através das vivências e dos mapas mentais, elaboradas de acordo com as percepções das pessoas que compõem parte do universo de análise desta pesquisa. Esse olhar compôs parte do real, ora através da história, ora através dos mapas mentais. Segue um outro olhar.

3.6. REVELANDO E DESVENDANDO O LUGAR: DO IMAGINÁRIO E DO VIVIDO AO TEÓRICO

O segundo olhar mostra o bairro através da percepção da pesquisadora, aprofundado pela análise dos mapas mentais. Esses são usados para mostrar aspectos percebidos pelos entrevistados e, verificar a importância desses aspectos no cotidiano das pessoas. A análise mais aprofundada vai permitir desvendar o lugar sob o enfoque humanista, que compreende as subjetividades humanas em suas complexas relações sócio-espaciais.

O bairro foi se tornando mais interessante na medida em que foi possível compará-lo a outros lugares da própria cidade de Curitiba como a área central e outros bairros e também compará-lo com outras cidades como São Paulo. Com base na **minha vivência** em São Paulo como moradora e pesquisadora e, nas informações de pesquisa de E. Yazigi, que estudou as calçadas daquela cidade sob outro enfoque, observam-se vários aspectos. Em Kevin LYNCH que trabalhou a imagem das cidades, TUAN, (1980 e 1983) e DARDEL, (1990), que são referências teóricas da abordagem Humanista-Cultural, as análises e considerações são subsidiadas, quando agregam à descrição pessoal, elementos significativos como as noções de tempo, espaço, distância, limites. Sob essa referência, alia-se a metodologia KOZEL (2007) e a experiência-vivência da pesquisadora, enquanto moradora-observadora, num diálogo entre metodologias, quando se insere o conceito de geograficidade na análise final.

Na análise dos mapas, não há intenção de sistematizar informações, mas desenvolver o uso de uma metodologia que se mostrasse eficiente para esse estudo em particular, mais que isso, que pudesse cruzar as informações das vivências com as percepções que os entrevistados colocaram nos mapas, demonstrando que as descrições e observações sensíveis de um objeto de estudo podem dar subsídios para uma análise científica. Análise essa que tentasse abarcar a complexidade da natureza humana, a qual atribui significados aos lugares, baseadas em informações captadas pelos órgãos

sensoriais. Acredita-se que este seja um trabalho inicial sobre o tema que é interessante e abrangente para o universo geográfico, tanto nas questões das calçadas, quanto dos mapas mentais, difíceis de interpretar, mostrando a princípio uma imagem qualquer, que, observada atentamente, sob o olhar do pesquisador, revela intenções, ações e o cotidiano das pessoas do lugar. Esta pesquisa não chegou a conclusões definitivas e deixa-as em aberto, às inquietações dos leitores, pesquisadores e planejadores.

O bairro Santa Felicidade passa a ser observado através da percepção de pessoas entre 12 a 60 anos: entre moradores diversos e alunos das escolas públicas Ângelo Volpato e Pinheiro do Paraná, dos cursos do Ensino Fundamental e Médio. Esses colégios situam-se em dois pontos diferentes do bairro, (Jardim Ipê e Jardim Itália), abrangendo assim, moradores de diversas áreas do lugar. Foram divididos em duas categorias: adolescentes entre 12 a 17 anos e adultos, acima de 18 anos. Esse grupo compõe um universo de 26 pessoas. São portanto considerados entrevistados todos aqueles que desenharam um mapa mental ou responderam perguntas feitas na rua à moda³² de LYNCH, com objetivo de adicionar mais detalhes, como seus sentimentos, desejos, angústias e impressões, desta forma, articulam-se as vivências necessárias entre o pesquisador e os atores sociais envolvidos no trabalho.

Para a análise, utilizou-se inicialmente a base da metodologia Kozel (2007), que visa decodificar a mensagem impressa nos desenhos elaborados por aqueles que vivenciam as experiências num determinado espaço. Seguindo sua orientação, os mapas foram agrupados em categorias: a) por grupos, b) quanto à forma de apresentação dos desenhos. Optou-se por inserir as diversas tabelas e organizá-las para facilitar a identificação dos elementos, mas, são facultativas.

³² Abordar a pessoa na rua ou em outro local e lançar uma pergunta.

UNIVERSO DE MAPAS ESCOLHIDOS PARA A ANÁLISE - GRUPOS

Adolescentes: 12 a 17 anos	Adultos acima de 18 anos	Total de mapas
13 mapas	13 mapas	26 mapas

TABELA 2 - ORG. LIMA, 2008

UNIVERSO DE MAPAS POR FORMA DE APRESENTAÇÃO

Categorias	Adolescentes de 12 a 17 anos	Adultos acima de 18 anos	Total de citações
Ícone representativo isolado	6	6	12
Letra e palavras nos mapas	10	9	19
Mapa em forma de traçados	7	7	14
Total geral	22	22	44

TABELA 3 - ORG. LIMA, 2008

Nessa etapa, agruparam-se os mapas de acordo com as formas de apresentação de cada um. Agruparam-se também todos aqueles nos quais apareciam os ícones letras, mesmo que o mapa mental tivesse outra forma. Percebe-se que as palavras compõem a metade mais um dos mapas analisados. As letras e símbolos formais estão presentes em 19 citações, ou seja, além da representação do desenho, o entrevistado sente a necessidade de se expressar com frases para deixar bem clara a sua intenção, marcando-a com palavras, na certeza de que se o símbolo-ícone não atingiu o leitor, a grafia formal vai atingir.

A partir das indicações dessa autora, em seguida, o conteúdo dos mapas é analisado sob os seguintes quesitos:

1- interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem;

2- interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem;

3- interpretação quanto à especificidade dos ícones: a) elementos da paisagem natural; b) elementos da paisagem construída; c) elementos móveis e imóveis; d) elementos humanos;

4- Apresentação de outros aspectos ou particularidades.

A análise, feita a partir dessas etapas, permite compreender a relação sujeito-espaço vivido-construído, de modo a captar nos desenhos qual discurso pode estar impresso nos signos expressos, assim, se têm um panorama daquilo que compõe o universo desse ator social. **Os mapas repetidos, apresentam, em cada lugar que aparecem, análises diferenciadas, devido aos detalhes e particularidades e são incluídos por diferenciar a grande gama de análises que eles proporcionam.**

Para complementar as análises observa-se ainda os seguintes aspectos: como as formas aparecem nas imagens?

- letras
- em forma de mapa
- linhas
- figuras geométricas

Observa-se também a distribuição dos elementos:

- horizontalmente
- isolados
- forma dispersa
- em perspectiva
- circular

Desse modo, na análise das representações mentais, identificam-se as formas que são desenhadas: uma igreja, uma cruz, uma via ou outro elemento. Identificam-se também as expressões em forma de letras ou palavras, que complementam o desenho com uma explicação na linguagem formal. A outra

identificação é a representação do desenho em forma de mapa, que aponta para uma concepção mental da espacialização do lugar já interiorizada.

Na outra etapa de seleção, os desenhos foram agrupados por ícones representativos: elementos humanos: desenhos representando pessoas em geral; elementos naturais: árvores ou vegetação em geral, lagos, rios, Sol, nuvens e, por último, elementos construídos: casas, ruas, prédios, plantações, entre outros. Os ícones representativos que aparecem nos desenhos são agrupados segundo a idade:

UNIVERSO DE ÍCONES REPRESENTATIVOS

CATEGORIAS	Adolescentes de 12 a 17 anos	Adultos acima de 18 anos	Total de vezes
Elementos humanos	4 vezes	5 vezes	10
Elementos naturais	10 vezes	6 vezes	16
Elementos construídos	13 vezes	13 vezes	26

TABELA 4 - ORG. LIMA, 2008

A partir dessa categorização, foi possível constatar que para os adolescentes entre 12 e 17 anos e o grupo de adultos, o elemento humano é pouco citado, demonstrando a pouca importância desse sobre o espaço construído. Em contrapartida, os elementos do espaço construído são citados em todos os mapas, revelando que esse espaço está, de certa forma, interiorizado entre adolescentes e adultos. Entre aqueles com idade até 17 anos, os elementos naturais aparecem em quase todos os desenhos, enquanto que nos adultos apenas em 6 mapas. Em seguida, os mapas foram observados e agrupados quanto aos ícones nas suas particularidades como se apresenta na tabela a seguir:

ÍCONES QUE MAIS APARECERAM NOS MAPAS

Categorias	Adultos acima de 18 anos	Adolescentes entre 12 a 17	Total de vezes
Rua da cidadania	2	1	3
Estacionamentos	2	2	4
Representação de pessoas	5	5	10
Carros	5	8	13
Igreja	8	5	13
Restaurante	7	1	8
Vias em geral	10	10	20
Comércios	8	4	12
Árvores /vegetação	5	11	16
Portal de entrada	1	2	3
Parques	3	3	6
Barigui/Tingui/outros			
Escola	5	2	7
Animais	3	3	6
Cemitério	3	1	4
Farol do saber	1	1	2
Calçadas	1	3	4
Terminal de ônibus/ponto de parada	4	2	6
Sinalização das ruas	5	8	13
Casas e prédios	13	7	20
Posto de saúde/creche	3	0	3
Sol, nuvens	3	4	7
Água	2	3	5

TABELA 5 - ORG. LIMA, 2008

Nas categorias - ícones representativos, registra-se que entre os mais lembrados por todos os entrevistados estão as vias em geral com 20 citações, juntamente com as casas ou prédios. As áreas verdes/vegetação com 16 citações e os carros e a sinalização das ruas com 13 citações, mostrando que esses elementos estão presentes no cotidiano dessas pessoas, ou seja, demonstra a importância dos acessos e dos percursos feitos de carro, confirmando a suposição inicial, que não levava em conta os dados sistematizados em tabelas, ou numericamente ordenados. A área verde ou elementos naturais é presença garantida nas percepções, visto que é um elemento de destaque nessa paisagem.

Dessa forma, pode-se perceber um vasto campo de possibilidades para desvendar os mapas mentais, entretanto, ao propor a leitura de Dardel como uma das principais referências desse trabalho, quis-se dar a dimensão humana da ação do corpo nas análises, por isso o termo geograficidade entra agora como parte nas interpretações, aproveitando a abertura que a metodologia KOZEL oferece.

Para KOZEL, essa é “uma proposta em aberto: diante de todas as reflexões [...] pretendemos apresentar mapas mentais como um aporte teórico-metodológico de grande valia para as investigações, sobretudo as de cunho humanista-cultural e social”. (p. 136). A proposta metodológica é aberta devido ao grande desafio da interpretação das subjetividades e, mapas mentais são diretamente relacionados a elas, as subjetividades humanas: “Trabalhar com as subjetividades e na interface do conhecimento representa um grande desafio, sobretudo por correr o risco de que a nossa pesquisa seja desqualificada por incoerência e falta de ‘cientificidade’”. (2007, p. 136).

Como já foi apontado, o rigor é tão científico quanto a exatidão, essa, utilizada para certos fins, enquanto o rigor é válido para os casos mais subjetivos e serve perfeitamente aos mapas mentais. Desse modo, aproveita-se a abertura para dialogar com a metodologia. As referências teóricas da abordagem Humanista-Cultural, propõem um entendimento das análises Geográficas a partir da auto-compreensão, quando pode incluir na metodologia proposta por KOZEL (2007), as noções de tempo-espaço-distância que formam a Geograficidade.

Ao analisar os mapas mentais, é preciso, não pensar neles como meros desenhos sem sentido, observando a intenção do que se quis representar, como aponta KOZEL (2007). Para se contemplar uma obra de arte “é importante o conhecimento da história crítica, porque mantém presa a atenção na obra, enquanto os sentidos se recuperam” (TUAN, 1980, p.108), assim foi feita a leitura dos mapas mentais, como se o entrevistado fosse um artista imaginando sua vida,

relembrando fatos que pudessem ser registrados naquele desenho. Alia-se a isso o interesse científico e as reflexões teóricas, para se chegar a uma análise final.

Para isso, propôs-se um diálogo entre a **metodologia KOZEL** (2007) e o conceito **Geograficidade** – dimensão da relação homem-Terra. O conceito Geograficidade é aplicado com outros itens na análise:

- a) noção da distância (longe, perto, dentro, fora);
- b) questão da afetividade, dos laços afetivos;
- c) as ações e as intenções humanas;
- d) questões dos limites afetivos;

Esses conceitos e termos são resgatados em DARDEL (1952), TUAN (1980/83) e LYNCH (1980). Obtém-se desse modo uma análise aprofundada, uma ponte entre as representações e a Geografia Humanista-Cultural, que retratam justamente o conceito proposto por Dardel (a Geograficidade). Tuan colabora no entendimento das sensações de topofilia e topofobia e na questão dos limites, indicado por Lynch, quando os dois autores se complementam nas suas colocações.

Dessa forma, procurou-se fazer essa análise seguindo com um critério de abarcar o bairro como um todo, iniciando pelas calçadas, um dos temas centrais da pesquisa, passando por diversos aspectos particulares do bairro, (ruas, casas, movimentos, objetos), como que fragmentando-o para tentar revelá-lo em detalhes e, em seguida procura-se reuni-lo novamente, apresentando o aspecto geral. Assim, algumas figuras com legendas explicativas complementam as análises e são tidas como exemplos para a sua aplicação, outras análises aparecem inseridas no texto na tentativa de torná-lo mais fluído... de leitura mais leve, pois a “paisagem em demasia, tanto na literatura como na vida, pode se tornar fatigante e cansativa”, (TUAN, 1980, p. 109). Segue-se então o segundo olhar:

Os caminhos para os pedestres são urgentes nas cidades, não menos importantes que outros projetos relacionados à qualidade de vida, como ruas, avenidas, saneamento, energia, questões mais valorizadas em estudos e priorizadas nas ações públicas, isso porque damos mais importância aos aspectos práticos e estatisticamente definidos: nós “medimos e mapeamos [...]” (TUAN, 1980, p.5), esquecendo-nos de inserir neles, **nos mapas, (e nas ações planejadas)** as interpretações do sensível, do humano: “essas são abordagens importantes, porém precisam ser complementadas por dados experienciais [...] porque nós mesmos somos humanos” (idem, p.5). Partindo das estatísticas principalmente, leis e normas são feitas por seres humanos e, os mesmos se anulam diante delas, chegando ao extremo de não respeitá-las, mesmo tendo em frente outras pessoas. Há normas, leis e regulamentações que pouco servem quando os princípios humanos vão aos poucos se distorcendo, quando o humano não se reconhece no outro. Fatos assim ajudam a tornar inacessíveis a passagem a pé por caminhos de um bairro, torna topofóbica a imagem de um lugar, torna um lugar inóspito ao andar.

Aceito pela maioria das pessoas condição comum ou normal, gera nas consciências uma idéia de conformismo, de habitual, uma inércia moral e que está além da aparência do visível e que fica no percebido como uma sensação e uma realidade coletiva, mas poucos o percebem.

Em Curitiba, não é diferente, existem leis que tratam dos assuntos das calçadas , regulamentam ações e dispõem sobre a segurança do pedestre, leis estas que deveriam ser cumpridas pelas pessoas e fiscalizadas pelos órgãos públicos:

Art. 1º. As calçadas, no Município de Curitiba, deverão oferecer, prioritariamente, toda a segurança de trânsito aos pedestres, que se utilizam das mesmas, inclusive as pessoas portadoras de deficiências. E logo em seguida o artigo segundo mostra sobre a sua estrutura física:
Art. 2º. As calçadas deverão ser construídas de acordo com o Projeto elaborado pelo órgão competente da Prefeitura Municipal de Curitiba, que preverá, obrigatoriamente, o uso de material liso e não derrapante no seu leito, sem obstáculos de qualquer natureza, exceto os indispensáveis e de Utilidade Pública previstos oficialmente por aquele órgão, permitindo o

fácil deslocamento de portadores de deficiência visual e física que se utilizam de cadeiras de rodas. (LEI Nº 9.121 - DE 10 DE JULHO DE 1997)

Com esses dois artigos que demonstram a preocupação com o pedestre em geral, inicia-se a observação e as análises das calçadas do lugar, seguindo as indicações de KOZEL (2007).

A preocupação fica apenas nas normas, já que na cidade, assim como nos bairros, a percepção da qualidade dos acessos para pedestres não corresponde ao planejamento. O que se percebeu nas caminhadas é real: não há espaço para andar, tanto pelas condições físicas das calçadas, quanto pelo desrespeito do condutor.

O mapa mental a seguir exemplifica as condições de boa parte das calçadas de Santa Felicidade:



FIGURA 16 – CALÇADAS 1. A. 13 ANOS, 2006 - Entre os elementos, destacam-se as condições das calçadas do bairro. É notório que esse elemento (calçada), só foi citado 4 vezes nos desenhos e, essa representação mostra a característica geral das ruas do lugar: ruas com antipó ou asfalto e calçadas verdes e irregulares, (com mato, grama, pequenos jardins ou plantas), - sem acesso aos pedestres. Uma ou outra calçada é construída dentro das normas estabelecidas e o pedestre pode andar, entretanto, abruptamente, esse andar é interrompido por outros elementos, impedindo o passo. O ícone elemento construído se sobrepõe ao ícone elemento natural ou humano este, não aparece no desenho.

A seguir, duas imagens de calçadas com particularidades especiais:



FIGURA 17 - CALÇADAS 2. K. 14, 2007 - Este mapa tem a presença de diversos ícones como as casas, as ruas, as calçadas e os carros, além do elemento humano. Para essa entrevistada, o elemento marcante é o percurso (direções e caminhos) de casa para a escola. Os elementos humanos parados no portão da escola representam o universo do grupo social com o qual essa adolescente mais convive, ou seja, os amigos. A calçada está bem delineada no desenho, o que pode representar a importância que esse elemento teria no caminho que ela percorre a pé, mas que na verdade não está presente em todos os acessos para essa escola citada, Ângelo Volpato. Outra característica do desenho é a forma fechada, ou seja, segundo Tuan, 1980, o fechado representa o “seguro, o útero, o conforto” elementos essenciais se analisarmos essa necessidade humana.

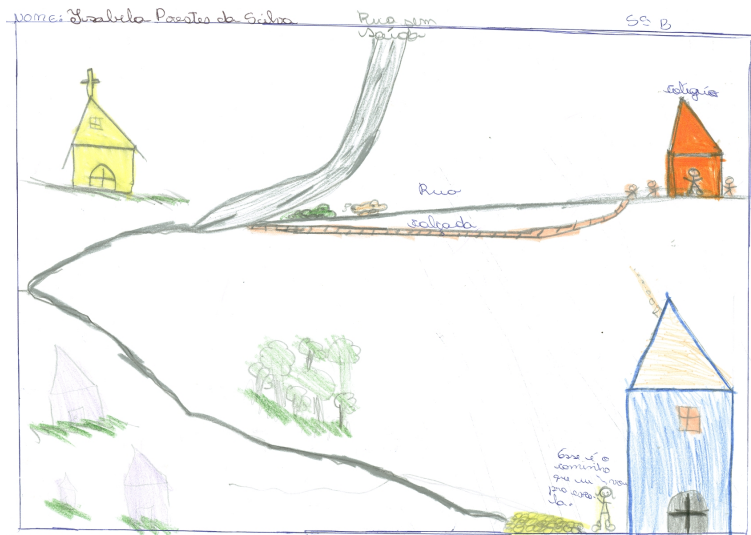


FIGURA 18 – CALÇADAS 3 - I. 12, 2007 - Esse mapa traz elementos dispersos que se ligam através das redes formadas por caminhos e direções: a casa, a escola e a igreja conectadas pelas vias de circulação. Note-se que os elementos humanos estão representados nos colegas da escola, a forte ligação com a casa e a relação com a religiosidade. São três ícones bastante representativos e que de certa forma são o elo de ligação entre a pessoa e o lugar: a casa, a escola e a igreja: Geograficidade. O elemento, calçada, é um item a parte, note-se que há palavras para destacar e separar a calçada da rua e há ênfase ao traçado da calçada com as mesmas cores que usou para pintar as crianças reforçando a idéia do percurso ideal para o pedestre e para os carros. Essa entrevistada mora no bairro vizinho São João, mas se considera como moradora de Santa Felicidade e nas ruas que percorre para a escola há calçadas, mas, segundo ela, são poucos os lugares com calçadas seguras.

Dessa forma, o tema (**calçadas**), na questão legal da acessibilidade e no planejamento urbano, é negligenciado. As leis não são efetivamente cumpridas: a) por parte do proprietário que deve construir a calçada, b) por parte do condutor de veículos com a questão dos limites de velocidade e demais regras e, c) por parte do poder público com todas as suas atribuições. **Pessoas** que se omitem. Percebe-se a displicência em relação ao respeito pelo outro e pelo coletivo. Tuan novamente colabora no entendimento desse aspecto humano quando escreve sobre o egocentrismo e etnocentrismo, voltando-se para a análise das cidades:

Os seres humanos, individualmente ou em grupos, tendem a perceber o mundo com o *self*, como o centro. O egocentrismo e o etnocentrismo parecem traços humanos universais [...]. Como a consciência fica no indivíduo, é inevitável uma estruturação egocêntrica do mundo [...]. (TUAN, 1983, p.34).

Com essa visão, o ser humano tende a perceber que o **seu espaço** é mais importante, as outras coisas, pessoas e objetos diminuem de valor quando se separam do **eu**. Isso não significa que não precisamos uns dos outros, mas o **eu, o nós (de certos grupos)**, acaba sempre em primeiro plano.

Desse modo, os elementos construídos são muito valorizados e percebidos pois fazem parte do espaço de ação onde a vida acontece. A próxima figura representa objetos construídos.



FIGURA 19 - ELEMENTOS CONSTRUIDOS E OBJETOS, T, 15 ANOS, 2007 - Esta condição de desvalorização do humano se inicia nas ciências modernas, como se viu nas teorias, quando o humano é posto de lado, dando-se preferência aos aspectos numéricos das coisas, como explica DARDEL: p.124: "cette volonté de promouvoir un ordre spatial et visuel du monde répond à la

tendance générale de la pensée occidentale dans les temps modernes³³. Dessa forma, acredita-se que o resgate pela humanidade pode ser pensado em todos os níveis, inclusive aos que parecem mais banais: o caminhar.

Quando Tuan comenta sobre o etnocentrismo, mostra que o grupo se considera auto-suficiente, entretanto dentro desse grupo de pessoas, apesar de perceberem as coisas de forma comum ao ser humano, cada um tem a sua visão particular do mundo e a consciência de respeito e consideração entre **um e outro** é diferenciada, tornando-os estranhos uns aos outros, portanto, valorizando menos as pessoas e mais as coisas. Assim, nesses mapas, há predominância pelos aspectos do espaço construído: o ícone formas e coisas e não do ícone pessoas. A figura a seguir mostra outros aspectos das relações humanas:



FIGURA 20 – RELAÇÕES SÓCIO-ESPACIAIS - Este mapa mostra várias facetas do lugar, inclusive a proximidade dos prédios para aumentar a percepção de perto do centro da cidade. Por outro lado, confirmando as questões iniciais, o caminhante não aparece em calçadas. Um destaque nesse mapa é a relação sócio-espacial: as pessoas estão nas festas, na igreja e no parque. É um dos dois mapas que mostram o **viver a cidade, a ação corpo-espaço. Todos os lugares estão repletos de pessoas. Entretanto, essa relação é muito mais solitária, é um afastamento do eu para o outro.**

³³ Esta vontade de promover uma ordem espacial e visual do mundo responde à tendência geral do pensamento ocidental nos tempos modernos (tradução Lima, 2007)

Se não há pessoas, ou, se não há tanta importância pelas pessoas, há um reflexo nas relações humanas, nas relações sociais, nas cidades e nos bairros. Se uma pessoa se considera superior às demais, acredita que não é preciso respeitar normas. Nas questões do trânsito por exemplo, ou em outras que envolvam o outro, como a construção e conservação das calçadas: são suficientemente adequadas ao interesse e gosto pessoal, forçando as pessoas a circularem **na rua**, já que isso, está de **fora do meu centro, não me pertence...**

As relações se enfraquecem por outro lado, entre as pessoas e os órgãos públicos também constituídos de cidadãos: nos departamentos de planejamento se pensa a forma urbana com o senso numérico e mensurável, na certeza de que somente esses aspectos vão viabilizar as principais necessidades das pessoas para uma digna vida cidadina. Compartilho da idéia de Tuan quando ele diz que:

os planejadores profissionais com suas necessidades urgentes de agir, apressam demais a produção de modelos e inventários. Por sua vez, o leigo aceita sem muita hesitação, dos planejadores carismáticos e dos propagandistas, *slogans* sobre o meio ambiente que tenha recebido através da mídia, esquecendo-se facilmente a rica informação derivada da experiência, da qual dependem essas abstrações. (TUAN 1980, p.7)

Dessa forma a cidade se constrói e se reconstrói constantemente, formando um imaginário coletivo que privilegia o movimento rápido de ir e vir, o consumo, a anonimidade e, por conseqüência, o etnocentrismo se reforça.

Além disso, a influência da mídia, dos *slogans*, formam outra consciência nas pessoas, que geralmente concebem como realidade aquilo que lhes é passado e repassado através de imagens e falas, nos meios de comunicação. O mapa mental abaixo, rico em detalhes serve para diversas análises, uma delas é a questão da importância da centralidade e não isolamento e a outra, a fixação de imagens através da mídia.



FIGURA 21 – O LUGAR CONSTRUÍDO E O SUJEITO. B. 12 ANOS, 2006 - Apresenta uma cidade, na forma do bairro, e uma placa significativa, “amo minha cidade”, influência da mídia, ao lado do parque, lugar para caminhar. O mapa se apresenta cercado de ícones palavras os ícones formas, reforçando a necessidade da expressão formal para fixar a idéia a ser mostrada. Note-se que novamente a via interliga os demais elementos que estão dispersos, apontando casas, **morada**, com as áreas de lazer e a relação com o centro da cidade, não traduz isolamento, mas ligação, feita através do carro que chega a certos pontos. Como no exemplo anterior, a paisagem construída predomina, e neste, diferentemente, não há elementos humanos e a cidade desumanizada vai se transformando aos poucos em um ambiente – meio - sem vida:

E a cidade deve ser compreendida como um lugar de vivência, como aponta Yazigi:

A finalidade da sociedade humana, como diz o biólogo Laborit, não é construir cidades, mas viver. Isso muda muito as coisas. Este simples enunciado de coisas ligadas ao corpo sugere, de imediato, várias opções de reorganização da vida urbana, em que o espaço público, grandemente confundido com a calçada, representa uma frente da maior importância. Creio firmemente ser impossível humanizar a cidade sem o sistema de pedestres [...]

A vida se faz de ações e movimentos; a vida se concentra em pequenas ações, muitas delas influenciadas pela mídia. Os meios de comunicação referenciam muito sobre o bem estar das caminhadas, geralmente ligando-as aos parques e quase nunca às caminhadas nas calçadas entre curtas distâncias. Quando essa influência é incorporada ao vivido, aparecem nas expressões, ações e representações das pessoas, como neste mapa. Entre outros elementos, aparece “Amo minha cidade” ou Curitiba a cidade da gente”, *slogans* que tentam imprimir nas pessoas a imagem de um lugar em que todos **têm acesso a tudo**, que tudo pode ser compartilhado e conquistado, um lugar onde tudo é bom. Entretanto, percebe-se que o modo de vida urbano atual não compreende e não contempla a dimensão humana da vivência, como a condição do andar em parques. Esse andar tem um objetivo principal voltado ao culto do corpo e da saúde, não é relacionado diretamente ao andar, deslocar-se, à ação do corpo – espaço construído – distâncias, ao viver o lugar e as suas relações.

No mesmo mapa, salienta-se uma concepção de centro serve para mostrar um espaço construído - a cidade relacionada ao **eu: a minha cidade**. A relação centro-pessoa é particularmente expressiva, é um ponto de identidade, quando se refere a um lugar.

A identidade das pessoas com os lugares se faz através da vivencia cotidiana, da relação entre elas, com os objetos e com o grupo. Constrói-se com o tempo um elo que liga o eu ao lugar, e é ressaltado quando se expressa o **meu lugar**. Nos desenhos uma característica é a referência ao centro, ou, como lugar próximo ao centro. Outra, é a representação das ligações das pessoas com os símbolos que ajudam a manter sua identidade cultural: as igrejas católicas, as festas comuns, o portal de entrada que representa a entrada **no meu bairro**. Esses elementos juntos ou individualmente mostram o espaço físico-construído e o espaço telúrico aquele que envolve as relações sentimentais. Os dois espaços se tornam **um lugar**. O espaço está deserto de pessoas. Existe o sentimento, existe a ligação, mas não existe a relação mais próxima sujeito-lugar.

Na relação, centro-espaco construído, o entendimento é diverso do ego e etnocentrismo. A importância do lugar passa a ser como **centro de referência e identidade**, de compras de objetos de subsistência, de lazer, de conexão, de orientação, é extremamente importante na compreensão do próprio lugar. No centro, se concentram as práticas sociais mais visíveis: as econômicas, como o centro financeiro e as práticas sociais e culturais como os centros históricos e as igrejas; os centros turísticos; os centros de lazer como cinemas e *shoppings*. Todas essas práticas ajudam a fortalecer os elos afetivos de pertença a um lugar. Muitos mapas mentais revelaram esse significado do centro, mesmo que tenha sido de forma inconsciente. Nesse mesmo mapa, há várias igrejas, indicando a importância desse ícone na vivência do entrevistado. Além disso, forma um outro centro - que reúne certo grupo social ligado pela religiosidade. Vive-se o bairro dentro de uma relação - deslocamento-ícones representativos: o espaço construído liga a pessoa aos outros espaços construídos enquanto que as relações sujeito-lugar-sujeito não aparecem explicitamente nessa representação, indicando o afastamento das pessoas nas cidades. As igrejas são ícones da cultura e, principalmente dessa comunidade. A via apresenta caminhos que vão às igrejas, que estão no alto – ligadas ao divino – cosmo – grafias.

As figuras a seguir trazem uma igreja e o cemitério, representando as ligações humanas com o divino:

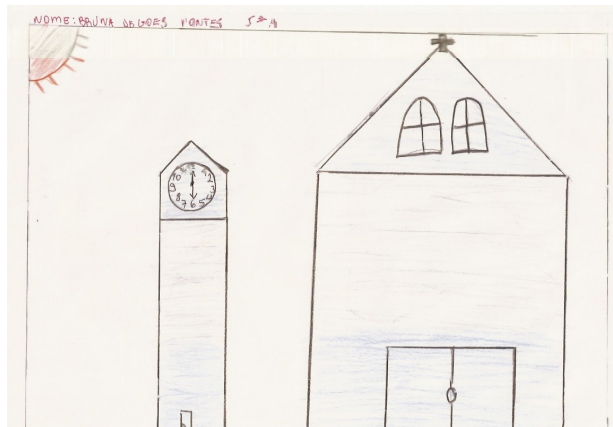


FIGURA 22 – IGREJA MATRIZ SÃO JOSÉ. B. 12 anos, 2007 - A igreja matriz é um elemento cultural que simboliza a religiosidade dessa população majoritariamente católica, com uma quantidade de representações significativa. Ponto de encontro de pessoas, de afirmação da identidade, do reconhecimento do outro como pertencente ao mesmo grupo³⁴. Aparecem outros ícones como o Sol revelando a ligação dos elementos construídos com o ambiente natural. A imagem é feita sobre um plano horizontal. Traçados bem definidos da arquitetura da igreja, aparecem com a torre solitária e o relógio. O ícone cruz pode representar por si só a relação pessoa-divino.

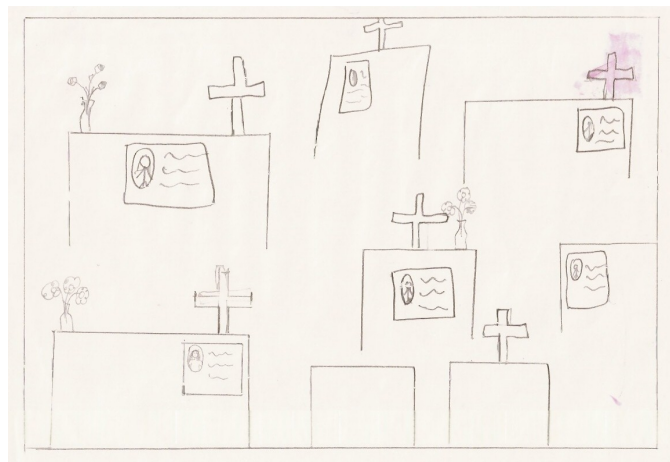


FIGURA 23 – CEMITÉRIO 2 – R. 16 ANOS, 2006 – Há inserções de outras religiões no bairro, além das tribos urbanas que freqüentam o cemitério. Para esses adolescentes, o cemitério

³⁴ Há outras religiões no bairro, uma delas que foi citada em representação é uma cerimônia religiosa ligada às religiões africanas, as demais protestantes ou evangélicas não foram citadas, entretanto, as religiões não são nosso tema central. Outro grupo, os chamados góticos freqüentam o cemitério a noite.

representa a formação de grupos ou tribos que compartilham de estilos e modos e, que o freqüentam para expor sua noção de pertencer ao mesmo. Esse mapa ainda que expresse apenas elementos construídos, está muito mais relacionado ao elemento humano, pois cita subjetivamente os encontros de pessoas nesse lugar. Relaciona inicialmente a reunião de pessoas vivas, mas liga-as também à rebeldia desse grupo que se relaciona com a morte de uma maneira não trágica, mas irreverente.

Na igreja e em outras práticas sociais vão se incorporando elementos àquela imagem pessoal do lugar, que podem ser fixos ou móveis, criando condições de adaptabilidade para que o ser humano sinta-se confortável. Essa adaptação do corpo ao lugar é vital, pois a vida diária das pessoas nas cidades é corrida e estressante: os compromissos, o tempo cronometrado e a visão de grupo acrescida das mídias, influenciam diretamente nas ações e nas atitudes de cada um. Assim, do mesmo modo que se elege um símbolo para um lugar, como uma igreja, que atribui um sentido de identidade às pessoas, se elegem símbolos, que atribuem valores, tanto para os lugares, quanto para as pessoas. Esses valores medeiam a convivência do grupo entre aqueles que se reconhecem como pertencentes ou não a ele e às vezes se tornam muito fechados.

Um carro, uma casa própria, o trabalho, o lazer, símbolos da sociedade moderna, são elementos marcantes das relações e aparecem nos mapas e, como são incorporados e valorizados na construção do espaço aparecem nas representações de acordo com o valor atribuído por quem desenhou. Inicialmente, observam-se os carros, as vias e o portal

O carro, símbolo de status, dentro das relações sócio-espaciais, trouxe benefícios às pessoas no sentido de facilitar e acelerar o processo de deslocamento entre os lugares. Graças a esse objeto e às novas tecnologias, as cidades foram se modificando para poder acomodá-los. Hoje as vias públicas são pensadas prioritariamente para o condutor dos veículos.



FIGURA 24 – O PORTAL E OS CARROS: ENTRADA E SAÍDA. W. 12 ANOS, 2007 - O bairro turístico revela o morador como pertencente a um lugar diferenciado dos demais, o próprio bairro é símbolo de *status* para aqueles que podem morar. Os de fora podem visitar os restaurantes ou comprar nas lojas de artesanatos e decorações. Esse mapa dá a impressão de uma vista aérea do portal. Os elementos móveis estão representados pelos veículos que circulam pelas vias. Mostra a organização do trânsito: carros nas setas indicando a direção dos acessos e a separação legal entre as pistas para ir e vir, sugerindo a organização. Representa bem o mundo vivido dentro de carros que se torna um lugar. O lugar que se desloca entre lugares...e leva o sujeito consigo. Revela a distância entre o sujeito e a paisagem construída, a distância entre o corpo-ação e o lugar. Ícone e letras para representar o lugar, a entrada a esse lugar, através das vias, apesar de ser um elemento isolado como representação, aponta a entrada de um todo. Os carros circulam através do portal de acesso. Dentro do carro, dentro e fora do bairro. O carro como a dinâmica que movimenta a vida no lugar, visto como um dos ícones que representam o lugar. Um dos símbolos de *status* da vida na cidade.

Nos mapas apresentados, é o símbolo de status mais visível, que também ajuda a formar uma imagem do lugar: a) o bairro é um ponto turístico, para onde o carro facilita a chegada; b) não aparecem pessoas, as mesmas estão nos carros, indo ou voltando em direção a; c) as pessoas aparecem esperando um carro para se deslocar; d) o portal reforça a idéia de entrada-saída. Dessa forma,

esse elemento citado nos mapas ajuda a definir a idéia de lugar. Há duas percepções de orientação do bairro: **de dentro ou de fora**.

O carro leva para o portal de entrada que convida as pessoas a entrar para o bairro, **dentro**, não é simplesmente ir até lá. É chegar e entrar, pois é um portão aberto que se torna acolhedor aos olhos dos moradores do bairro, da cidade e principalmente dos turistas. Essa condição dentro-fora é mostrada por Tuan, 1983, aponta a tendência da organização da mente humana para os fenômenos situados entre dentro-fora, perto-longe e são noções importantes para a construção da imagem e identidade do lugar. Portanto quando um mapa revela um certo conhecimento espacial do lugar, essa representação de orientação – deslocamento é relevante para saber qual noção de lugar a pessoa tem. E quando ela acredita estar dentro de algo é mais importante, pois, estando dentro de, ela se identifica com o lugar e com os objetos. É o que Dardel chama de sentimento de pertencer a um lugar.

Esse é o espaço material - contém o perto e o longe - a distância é um elemento essencial na estruturação do mundo e nas sensações de perceber o mundo. É experimentada somente como qualidade: quando se conhece o lugar ou os percursos, as distâncias são menores, pois a sensação de perto é presente. Segundo Dardel, esse tipo de concepção é o que forma o elo - a geograficidade.

A dualidade entre dentro e fora, perto e longe, se revela também nos desenhos como um sentido de lugar diferente, **fora dos padrões** habituais das demais partes da cidade, **fora do comum**, ao mesmo tempo pode-se observar o outro lado: o dentro: **próximo do centro** da cidade, **perto do Bariqui, portal de entrada**. Dessa forma, o bairro pode ser visto pela dualidade dentro-fora, um ambiente dicotômico: é fora porque tem o portal de entrada, é dentro porque possui as vias que dão acesso fácil ao centro da cidade que forma o todo e essa via é a própria via onde está o portal.

Assim, o lugar transcende à sua condição de bairro comum, que se manifesta através do portal: “se a cidade moderna nos dá a impressão de ter frente e atrás, esta impressão é tanto resultado da direção e volume do trânsito como dos símbolos arquitetônicos”. (TUAN, 1980, p. 48). Manifesta-se inicialmente através do portal e das vias.



FIGURA 25 – VIA E ÁRVORES. J. 13 ANOS, 2006 - Esse mapa destaca a via cercada de áreas verdes. A via tem um traçado sinuoso, (Rua José Ari Valle). Destaca também as faixas para pedestre. Entretanto, nessa rua não há faixas. Pode-se compreender que essa sinalização é um elemento desejável no imaginário, porque entre as duas faixas de segurança está escrita a palavra pare e escola.

E as vias dentro do bairro são canais por onde circulam pessoas, mercadorias, valores, como aponta Lynch: “as pessoas observam a cidade à medida que nela se deslocam e os outros elementos organizam-se e relacionam-se ao longo dessas vias” 1980, p. 58. Lynch comenta que uma rua pode ter um

significado importante quando, além da própria mobilidade e acesso a outros pontos, concentra atividades facilitadoras: “Vias específicas podem tornar-se importantes [...]; o hábito de deslocar-se [...]; a concentração de um costume ou de atividades especiais [...]” (LINCH, 1980, p. 61).



FIGURA 26 – VIAS E CRUZAMENTOS – M. 13 ANOS, 2007 - Rua Manoel Ribas com Saturnino Miranda: mostra a paisagem construída com elementos icônicos como ruas, casas e palavras, que ajudam a firmar as idéias a serem expressas. Há uma intenção de representar em forma de mapa ou planta. Fixa-se também nos elementos imóveis: as construções e as vias. Apresenta-se aqui a idéia dos pontos marcantes e turísticos e as vias de acesso. Em primeiro plano, a Via Vêneto, onde há carros circulando. A cruz demarca a fé na vida (igreja) e na morte (cemitério). Os caminhos e as vias são citados muitas vezes, ficando a certeza da importância desse ícone no cotidiano de todos os cidadãos. A via é o elemento que faz a ligação entre as pessoas-lugares e pessoas-objetos, portanto sua presença nos desenhos era esperada de forma maciça, como ocorreu. Nessa análise, o privilégio das vias para os carros é presente pois as vias estão desertas de pessoas, confirmando a tendência do isolamento humano dentro das cidades, negligenciado pelas condições de circulação para os caminhantes.

No caso da Avenida Manoel Ribas, centro do circuito turístico do bairro, a partir do Restaurante Siciliano, a pavimentação é feita de paralelepípedos até o cruzamento com a Rua Madre Clélia, duas quadras antes do cemitério, onde as referências e os pontos marcantes do bairro **turístico** são mais concentrados: os restaurantes, as lojas de artesanato, a igreja, as lojas de vinho. Devido a essa qualidade turística que atrai atenção, percebe-se, no cruzamento desta com a Saturnino Miranda, que a qualidade de rua turística muda para uma rua comum onde o tipo do pavimento passa a ser asfalto, modificando os aspectos dos elementos construídos: o aspecto comercial passa a ser direcionado à população do bairro, o elemento humano passa de turista para morador, assim, tem-se a impressão que a rua acaba na esquina com o cemitério, configurando um mini-centro, **dentro**. Esse cruzamento também é reconhecido pelos moradores como se vê no mapa abaixo que destaca os elementos mais representativos.

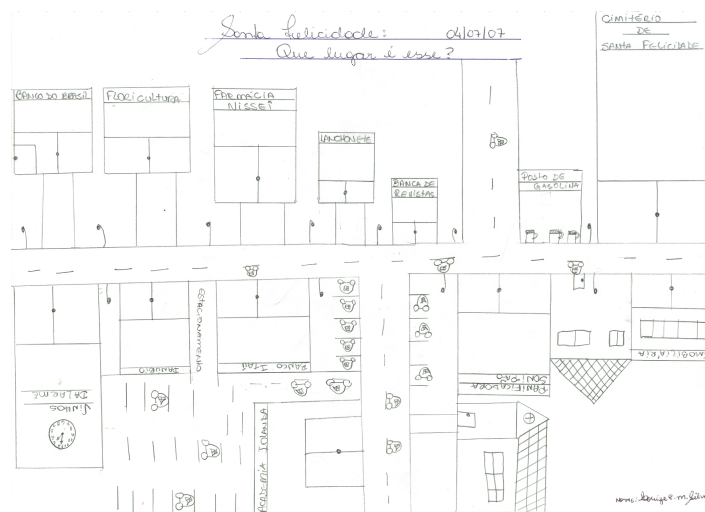


FIGURA 27 – MINI-CENTRO 2 - L. 27, 2007 - A representação em forma de mapas demonstra o conhecimento espacial da área pelo morador e a sua percepção em espacializá-lo através das características formais e sistematizadas, como mapas. Apresenta um traçado geométrico do bairro, **área central**, em forma de planta, organizado em quadras. É novamente a visão ordenada, mas vazia de elementos humanos, priorizando os acessos para os veículos e a paisagem construída.

Reforça a condição do lugar como mini-centro, um bairro auto-suficiente, mas que está sempre ligado ao todo da cidade através das vias e dos carros. Os acessos aos comércios na parte superior são acessos aos carros e muitos estão estacionados. O lugar “é um mini centro, mas é grande, tem tudo que precisamos, banco, lojas, escolas, tem tudo, L. 27 anos. A fala da moradora revela a condição de bairro independente.

O bairro se configura mini-centro, tanto para o turista quanto para o morador que prescinde de diversos outros serviços. Aparecem assim, imagens de elementos relacionados diretamente com morador, esse que trabalha, faz compras, vive no bairro. Entre esses ícones, pode-se citar: farol do saber, rua da cidadania, escolas entre outros. A seguir, apresenta-se o bairro como um mini-centro pela cartografia sensível de três pessoas:

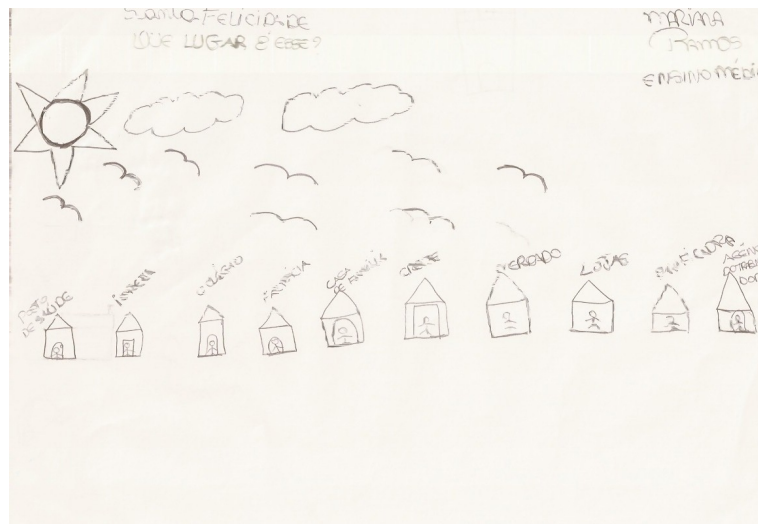


FIGURA 28 – MINI-CENTRO 3. M. 24 ANOS, 2007 - O mapa mostra em um plano horizontal uma rede de casinhas que formam o mini-centro. Aponta através do ícone palavras a denominação de cada um, mostrando o tipo de serviço que oferecem, ressaltando a relação do morador com o setor terciário próximo de casa e necessidades básicas diárias como padaria, farmácia, mercado e lojas. Observe-se que em cada entrada há uma figura representando o elemento humano: aquele que usa o serviço. Há também a ligação com o estudo, religião e trabalho: casa de família..., escola, igreja (sem a cruz, porque a pessoa se denomina pertencer à religião não católica), mas a igreja está no imaginário e no espaço construído. Os elementos naturais representam o lugar como que

tem pássaros, sol. E o elemento nuvens quis representar o tempo de Curitiba, segundo a entrevistada.

M. 24 anos, (fig. 28), apresenta o lugar como que “tem vários comércios, mas não tem C&A, pena, mas tem as lojas pequenas, tem de tudo, tem lugar para comprar e pagar”. Essa categoria de autonomia do bairro faz com que muitos moradores saiam pouco do lugar. Aqui a expressão de mini-centro faz referência a uma rede de lojas, comparando o bairro com a área central que tem todos os serviços e comércios importantes e isso confere segurança ao morador que não precisa se deslocar a maiores distâncias no seu cotidiano.



FIGURA 29 – BAIRRO. M. 38, 2007 - Este mapa traz diversos elementos que querem mostrar o bairro em todos os seus aspectos, que vão do lugar turístico ao lugar comum. Elementos de ambientes isolados que se interligam por vias...interrompidas entre ligações...condomínios isolados cercados por muros com piscina e verde e, ligações pelas vias com o mundo exterior; vias que passam por chácaras com animais, com casas comuns. Passam pelo turismo representado na igreja, portal, restaurantes e a festa da uva. Entretanto, apesar de mostrar todo esse mundo diversificado, que parece dinâmico, não mostra o elemento humano.

Esse mini-centro que aparece nos mapas “apresenta a infraestrutura que existe para o morador e turista, como a gastronomia, os artesanatos e a diversidade de tipos de comércios e serviços além da **diversidade de classes**, tem o lado chique, tem o lado rural, tem minas, tem laguinhos. Na minha rua aparecem tucanos de vez em quando e, piriquitinhos, canários e esquilos. No mesmo tempo que é rural, é chique por causa dos condomínios e é isso que me agrada” (M, 38). Grifos meus.

O morador tem a sua concepção sócio-espacial do lugar e nota as características gerais dele, pois, consegue perceber a relação turista-morador e a relação das diferenças entre as pessoas porque expressa isso de forma gráfica. O sujeito-morador do lugar mostra o bairro em vários detalhes, como as imagens a seguir que revelam o bairro, não só como mini-centro ou centro de turismo e sim um lugar para o morador: o Farol do Saber, o terminal de ônibus, o próprio ônibus – carro - que aqui não aparece como símbolo de status.

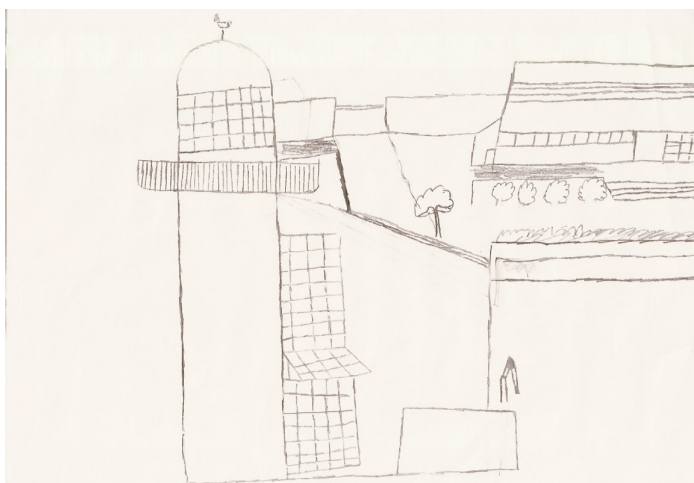


FIGURA 30 – FAROL DO SABER 2 – R. 16, 2006 - É destaque a paisagem construída, com elementos naturais complementando a imagem. Revela a relação do farol do saber com adolescentes de 14 a 17 anos. Mostra a comunicação entre eles, ou seja, nessa fase, esses adolescentes já interiorizaram a internet e o computador como uma ferramenta de comunicação e

se utilizam dela para o seu dia-a-dia. Nos adultos entrevistados, o uso da Internet não é tão comum, ou seja, os adolescentes dominam muito mais o conhecimento dessas linguagens e ferramentas, enquanto os mais velhos são reticentes quanto ao uso de internet. Desse modo, o Farol do Saber está diretamente relacionado com essa categoria analisada. Ressalta também, em segundo plano, a escola. A cancha fica aos fundos da escola. Todos os três elementos construídos mostram o dia-a-dia de alunos na Escola Estadual Pinheiro do Paraná.

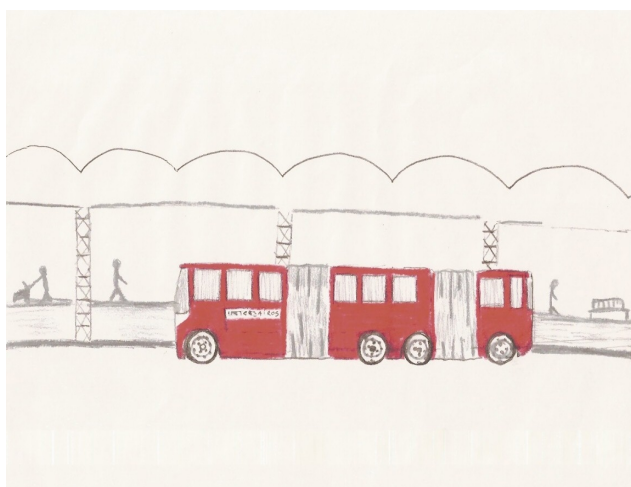


FIGURA 31 – ÔNIBUS BIARTICULADO. M. 14 ANOS, 2006 - Os elementos evidenciam o aspecto do bairro para o morador, principalmente, aqueles que têm como principal meio de transporte o ônibus. Pode-se diferenciar essa percepção em dois pontos diferentes: o turista, geralmente, se desloca de carro e o morador trabalhador de ônibus. Destacam-se entre a imagem os elementos humanos que se deslocam dentro do terminal de ônibus, no acesso ao transporte coletivo. As pessoas estão dentro dos veículos ou nos pontos esperando para entrar neles. Morador com o seu cotidiano, no transporte coletivo para se deslocar entre o trabalho e a casa. Note-se que os elementos que se destacam são o ônibus e as pessoas no terminal urbano. Um dia-a-dia comum fora do circuito turístico que revela aos turistas outras imagens.



FIGURA 32 – VIVER O LUGAR – M. 56, 2007 - Este mapa expressa diversos elementos icônicos marcantes na paisagem construída. Também mostra a relação de **viver o lugar** com as crianças brincando em um parque e na quadra de futebol. Revela ainda a relação morador-religiosidade e seu cotidiano no bairro. Os elementos humanos são crianças. Não apresenta lugares para o caminhar, as crianças brincam cercadas e protegidas. As casas, a igreja são interligadas pelas vias, a principal é a Av. Manoel Ribas. O Sol representa um dia ideal para brincar segundo a entrevistada.



FIGURA 33 – CRECHE PARA AS CRIANÇAS 2. M. 33, 2007 - Este mapa mostra as relações entre o morador-lugar, as suas condições e necessidades reais, saindo do circuito turismo. Segundo a desenhista, aponta para duas questões sociais: a da creche para as crianças e do transporte urbano. Ambos são deficitários. O universo dessa trabalhadora é esse: sai de casa para o trabalho, faz uma parte do percurso a pé e depois toma o ônibus, sempre lotados e nesse caminho observa todos os dias a creche com as crianças penduradas na janela.

Estes mapas podem expressar o morador e suas ligações com o lugar, por exemplo: desde os adolescentes com o Farol do Saber, até os ônibus que estão relacionados com os cidadãos mais comuns como um veículo que propicia o deslocamento, principalmente, para o trabalho. Assim, as representações com os carros estão mais relacionadas com o portal, com o turismo, com os pontos marcantes ou importantes, comprovando que esse espaço sócio-cultural é permeado por valores subjetivos, como a condição de classe social implícita e subjetivamente representada nos mapas, como aponta Tuan, 1980 p. 201 em Topofilia:

Os estilos de vida dificilmente são verbalizados e desempenhados conscientemente. Na maioria dos casos chegamos a compreender algo do estilo de vida de um povo, incluindo a sua atitude em relação ao mundo somente através da evidência acumulada dos atos diários e ao caráter das circunstâncias físicas onde ocorrem.

As contradições são outra característica do lugar: condomínios e casas de madeira lado a lado, condomínios e invasões, o lado chique e o lado comum, como mostrou a entrevistada, por isso, analisam-se agora as casas e condomínios:

As casas: o bairro tem um relevo levemente acidentado: níveis elevados e mais planos, dessa forma, o espaço construído está distribuído entre os lugares mais ou menos valorizados. Há uma grande mescla de tipos de propriedades, uma convivendo com a outra, entre elas, os condomínios que se localizam prioritariamente em partes mais elevadas. Em contrapartida, nas partes mais baixas, podem-se encontrar as invasões e favelas e as residências mais pobres. Como Tuan aponta: o alto representa o céu, o contato com o divino. O baixo relaciona-se com o inferno. Ainda pode-se perceber certa relação mítica nas pessoas.

É a mesma hierarquia que se encontra na situação dos veículos, uma atribuição de valores sobre o uso do solo urbano, como Tuan mostra em Espaço e Lugar:

Os ricos e poderosos, não somente possuem mais bens imóveis do que os menos privilegiados, como também dominam mais o espaço visual. O status deles se torna evidente aos estranhos pela localização superior de suas residências; e de suas residências, os ricos reafirmam sua posição [...], (TUAN, 1980, p. 44).

A cidade, assim como os lugares vivem essa contradição, entre os valores humanos e os valores de uso, esses, mais importantes. E o espaço urbano vai criando essas características, assim como as pessoas que estão inseridas nele, valorando mais os objetos que os seus semelhantes.

Ao contrário dos condomínios espaçosos, as invasões e as favelas dão a sensação de apinhamento, seguindo Tuan, 1980. Esse apinhamento se dá

tanto pela falta de recursos para adquirir maiores áreas, quanto pelos espaços que são ocupados, geralmente beiras de rios ou córregos. Essa condição é sua referência sócio-econômica-espacial, como aponta Tuan, 1980, demonstra sua condição de privação: liberdade de ir e vir, liberdade de conseguir uma condição melhor, ou privação de alimentos, de saneamento básico, privação de ensino de qualidade, privação de senso de organização e higiene, privação da própria condição humana, substituída assim por esses valores de uso, coletivamente internalizados nas pessoas.

Isso revela a **distância social** que mantém uma hierarquia no bairro, como Tuan aponta em Espaço e lugar (1980), não é a distância geográfica, pois as duas condições estão próximas e, essa distância também provoca a sensação de menor importância ou significado para quem que está do **outro lado**. “Nós estamos aqui; nós somos essa afortunada estirpe de homens. Eles estão lá; eles não são completamente humanos e vivem naquele lugar”. (TUAN, 1980, p. 56). Esse **aqui**, é um estar entre muros, “ai se paga o preço de uma banalidade que virou requinte, como andar a pé ou brincar na rua”. (YAZIGI, 2000, p. 164).

Desse modo, pode-se considerar que esses condomínios sugerem a sensação de espaciosidade, citada por Tuan, (1980), enquanto as invasões sugerem a condição de apinhamento, porque a questão não é se o espaço é maior ou menor, mas do valor atribuído a este ou aquele espaço, e, conseqüentemente às pessoas.

Compreende-se desse modo que o bairro é visto pelos dois aspectos: o lugar do morador e o lugar do turista, expressos também nos desenhos. Essa qualidade turística também faz com que os espaços sejam pensados com tal intenção, por isso, as calçadas estão mais conservadas no trecho de paralelepípedos onde se forma o circuito turístico. Os quebra-molas e as placas sinalizadoras impedem os veículos de circularem com mais velocidade, obrigando-os, através desses recursos, a circularem devagar, propiciando tanto ao turista quanto ao morador uma observação de todo o potencial do lugar. Esses

recursos favorecem os pedestres, já que podem atravessar as ruas com mais tranquilidade, já que podem ir e vir entre os carros que circulam. Observa-se agora, o bairro sob esses dois aspectos: morador e turista e, pedestres que podem ser considerados uma categoria à parte.

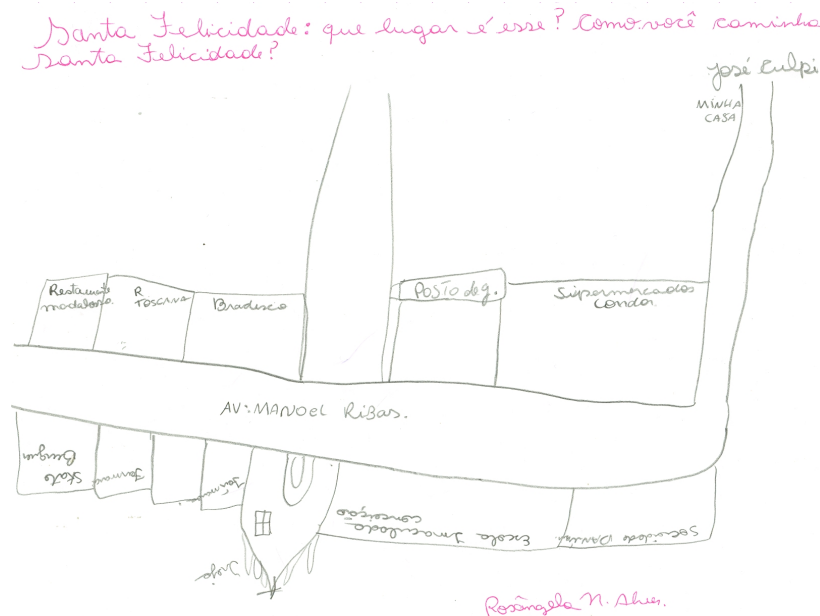


FIGURA 34 - BAIRRO TURÍSTICO E RESIDENCIAL 1. R. 34 ANOS, 2007 - Mostra muitos elementos relacionados ao turismo no lugar, mas não deixa de mostrar a relação morador do bairro. Apresenta, em primeiro plano, a rua principal do turismo, a Av. Manoel Ribas com todos os elementos icônicos que se destacam na paisagem, como os restaurantes, a igreja Matriz São José, a Casa dos arcos, como ícone da arquitetura. No fundo, apresenta como rua secundária, a rua da própria casa, revelando a ligação direta com a rua principal ela. Representa, ao mesmo tempo, essa relação morador-trabalhador, pois se vê o ponto de ônibus e os elementos do dia-a-dia como panificadora, mercado e a igreja Butiatuvinha, freqüentada pela entrevistada. É interessante frisar que algumas pessoas entrevistadas, aleatoriamente no bairro não moram em Santa Felicidade, mas em bairros limites e mesmo assim se consideram como sendo de Santa Felicidade, sentindo-se inclusive quase ofendidas quando se mostra que efetivamente o limite entre os bairros é outro. Isso demonstra que os limites afetivos estão além dos limites oficiais e o que conta para a representação mental de um lugar são as relações afetivas. É o caso dessa entrevistada. Tuan demonstra essa relação:

Um distrito bem definido de acordo com as suas características físicas e denominado no plano da cidade com um nome proeminente pode não ter realidade para os habitantes locais. As palavras bairro e distrito tendem a evocar na mente dos estranhos imagens de formas geométricas simples, quando de fato os canais de atos amistosos, que definem o bairro podem ser extremamente complexos e variam entre os pequenos grupos que vivem próximos. Além disso, a extensão percebida do bairro não corresponde necessariamente à rede de contatos amistosos numerosos. [...] os residentes de um verdadeiro bairro não reconhecem a extensão e singularidade de sua área [...] (TUAN, 1980, p. 243)

Enquanto a afetividade é percebida por um morador, outro pode fornecer uma parte da visão sobre relação entre o morador e o turista como entendida através desse mapa:



FIGURA 35 – BAIRRO TURÍSTICO - C. 31 ANOS, 2007 - Aqui o bairro é mostrado destacando-se a Avenida Manoel Ribas. Note-se que há um veículo, com a indicação turismo. Na via, há calçadas, mas não há o elemento humano. Representa muito bem o circuito turístico do lugar e, é importante frisar que nessa rua há calçadas bem conservadas entretanto não há o estabelecimento da relação entre ela e o elemento humano, caracterizando que a calçada não é um elemento do vivido pois o humano pouco aparece nas representações. A via representa a ligação e, pelo que pode ser decodificado, está ligada a circulação dos veículos, pois as pessoas não estão nem nas ruas nem nos veículos, portanto a via está associada aos carros e, a área associada com o turismo.

Entende-se que fora desse circuito, as pessoas geralmente se deslocam nos carros, e os pedestres pelas vias, pois não há essa estrutura de calçadas. É comum encontrá-las andando nos parques, lugares para a diversão, esporte e lazer. Encontram-se pessoas nas ruas, geralmente indo ao trabalho, a pé ou de bicicleta, entretanto, são poucas, comparando-se ao número daquelas dentro dos veículos, porque as referências para essa prática são outras, “em virtude das facilidades concebidas para o automóvel e a circulação de mercadorias que norteiam todo o urbanismo da cidade, o pedestre vê-se mais uma vez diminuído.” (YAZIGI, 2000, p. 283). “Sabe, é muito ruim andar a pé. Outro dia a gente estava andando ali, naquela rua e tinha umas poças d’água, aí o ônibus passou e espirrou tudo na gente. Quando a gente passou, o motorista olhou e ficou rindo, e a gente todo ensopado.” (A, 13 anos, 2007).

Cada mapa trás em si diversas possibilidades de análises, uns mais explícitos e objetivos e outros se mostram como que “sem intenções definidas”, mas impressas nos signos ocultos a ser revelados. Assim, através de mapas e conversas informais, vão se desvendando sensações, como essa apontada pelo menino e confirmada pelo autor:

Como se não bastasse a inferioridade psicológica e social com que é tido; como se insuficientes não fossem os buracos e obstruções automotoras e não-automotoras das mais diversas naturezas, desponta a pior delas, o risco de acidente e da morte. [...] Em virtude das facilidades concebidas para o automóvel e a circulação de mercadorias que norteiam todo urbanismo da cidade, o pedestre vê-se mais uma vez diminuído. (YAZIGI, 2000, p. 281-282).

Diante de todas as facilidades concebidas aos carros, o pedestre se desloca nele entre os diversos lugares. Os mapas em seguida mostram as diversas relações entre o morador e o lugar e confirma que um mesmo mapa (fig: 36), pode ser analisado por vários olhares.

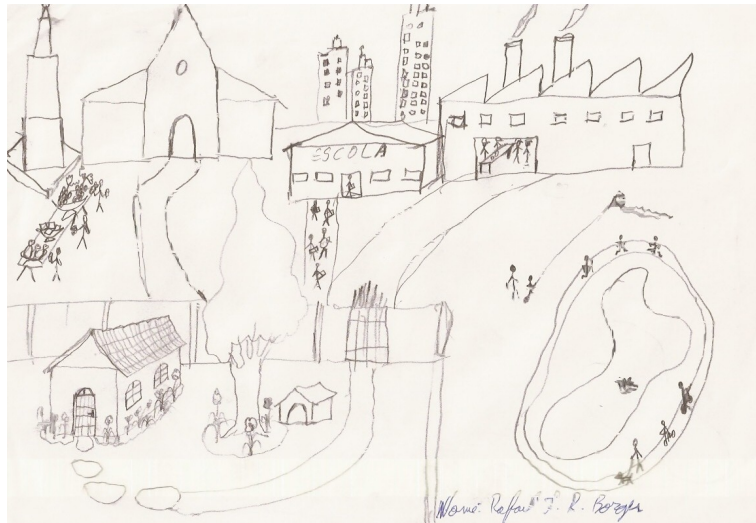


FIGURA 36 – PARQUES PARA CAMINHAR – R. 25 ANOS, 2007 - Destaca-se aqui na parte inferior direita o Parque Barigui, que não fica no bairro. São os limites, (Lynch). Fica claro que as relações entre os lugares próximos de Santa Felicidade servem para evidenciar pontos de referências importantes na questão da “construção da imagem” mental do lugar. Por outro lado, confirmando as questões iniciais, o caminhante não aparece nas calçadas, apenas uma citação no parque, constatando que o lugar para caminhar não é na via e nem na calçada. Note-se que os desenhos apresentam movimentos, atos de andar, de correr, somente nos parques. O desenho apresenta “onde eu moro, trabalho, estudo, vivo. Tem lazer no domingo, tem minha casa, tudo aqui. É retirado do centro, fica mais no interior e é mais sossegado. Tem também a festa da uva que é tradicional, tem o Barigui, tem a igreja” (R, 25 anos).



FIGURA 37 – PARQUE BARIGÜI.1- K. 12 ANOS, 2007 - Referência ao parque Barigüi: nos elementos dispersos e nas particularidades expressam os equipamentos para exercícios físicos, o jacaré, elemento que está na grama e representa uma certa ameaça para algumas pessoas, portanto expressa **cuidado com o jacaré ao caminhar no parque**, o carro estacionado, que leva as pessoas até o parque, uma contradição na condição humana: ir até certo lugar de carro para poder caminhar...e o carrinho de caldo-de-cana ou água-de-côco e a ponte. Elementos que fazem o contraste quando o humano aparece apenas na relação de troca representada pelo comércio. Na questão dos elementos naturais o verde é representado apenas na grama. Assim o parque aqui é a imagem revelada do lugar para esportes e lazer e a caminhada faz parte das atividades físicas relacionadas ao culto do corpo, da forma e da saúde.



FIGURA 38 - PARQUE TINGUI. A, 12 ANOS, 2006 - O Sol vem demonstrar novamente a relação andar no parque – dia bonito, com Sol. Neste mapa os elementos humanos aparecem. Os elementos naturais predominam e a placa reforça a idéia de lugar. Para o morador em geral, os parques Barigüi e Tingüi estão dentro do bairro no imaginário, contam com diversas citações mostrando a importância desse lugar para o lazer e diversão das pessoas.



FIGURA 39 – PARQUE TINGUI 2. R.14 ANOS, 2007 - Mapa que mostra o traçado das trilhas de Santa Felicidade, com referência ao parque Tingüi. Elementos naturais (vegetação, sol, lagos e

animais) e elementos construídos: ruas, casa e placa sinalizadora, elemento móvel: o carro. Traçado orgânico das ruas do lugar está internalizado nas pessoas. O sol novamente reforça a idéia de caminhar em dias bonitos. Não há elementos humanos.

Na pesquisa aparecem apenas dois mapas onde se vêem pessoas caminhando ou brincando e, no parque, ou seja, está internalizado esse conceito: prega-se que lugar para andar é no parque. Isso se mostra evidente: as pessoas fora dos carros estão nos pontos ou no terminal esperando um ônibus, esperando a entrada na escola, mas não as mostra circulando, caminhando. “Caminhar aqui é difícil e o médico manda a gente andar, mas essas ruas, essas calçadas, quem consegue? (I, 2007). “Ah, eu não acho, é porque você nunca foi ali no centro, à noite, quanta gente andando nas calçadas”. (M, 2007). Essas considerações demonstram a comprovação da idéia inicial: no centro do bairro, há condições de circulação, nos outros lugares, não há essas mesmas condições.

O pedestre não é visto como uma pessoa comum, o comum é a pessoa se deslocar de carro, por isso, os desenhos reforçam a idéia das vias sinalizadas para os carros e não as expressa com calçadas para o caminhante.

Essas imagens mostram os parques Tingüi e Barigüi como elementos fixos das paisagens nas imagens mentais, servem ao lazer da população, outra vez referenciando o **perto e longe**, pois o bairro fica perto desses dois parques propícios para caminhadas e reúnem os dois aspectos de amenidades ambientais que fazem a diferença do lugar na concepção da vida urbana: água e áreas verdes.

As áreas verdes representam para a população de Santa Felicidade um elemento de destaque, proporcionando aos habitantes desse lugar uma qualidade de vida favorável, já que esses elementos, diferentemente de outros nas cidades, trazem cor e vida, justamente o oposto das paisagens cinzentas dos velhos centros e das grandes metrópoles. Para compreender a importância do verde para uma população é preciso estar consciente do seu valor

como aponta Tuan: “Parece que a topofilia necessita um tamanho compacto, reduzido às necessidades biológicas do homem e às capacidades limitadas dos sentidos. Além disso, uma pessoa pode se identificar mais facilmente com uma área, se ela parece uma unidade natural.” (TUAN, 1980, p. 116-117).



FIGURA 40 – ÁREAS VERDES ENTRE CASAS. J. 13 ANOS, 2006 - Este mapa mostra como a área verde faz parte da vivência dessa população e se destaca da paisagem urbana em vários pontos, contrastando entre ruas, casinhas, ou construções humanas. (comparar com a tabela apresentada na caracterização do bairro), e isso é um importante aspecto na qualidade ambiental. É o lugar que mais possui área verde por habitante. As vias, são o elo de ligação e deslocamento e são sinalizadas para a passagem dos carros, mostrando a organização desejada para o trânsito, fato que não ocorre, principalmente nessas áreas onde predominam os remanescentes de mata, pois as vias são feitas com camada asfáltica ou anti-pó, ou ainda são de terra e, na grande maioria dos casos, há apenas a sinalização vertical com placas de limites de velocidade e a indicação **pare**. Portanto destaca-se a imagem do lugar como grande área verde, ligada pelas ruas. Mostra também e de forma clara a concepção orgânica do traçado, onde elas, as ruas, se relacionam com o elemento verde, adquirindo uma identidade particular pelas formas sinuosas.

Considerando o bairro como um todo, dentro dessas reflexões, seguindo Tuan, 1980, o bairro é concebido pelo morador e observador como **dentro**, tem uma característica reservada ao turista e esse é um elemento

marcante que dá sensação de morar num lugar diferente dos outros e ao mesmo tempo com o privilégio de estar em meio ao verde.

O bairro possui a característica da dualidade: condomínios e favelas, ricos e pobres, turistas e moradores: não é um bairro que tem uma unidade em suas características gerais, desde o relevo, levemente ondulado e áreas mais planas, sua planta não possui característica de quadras, pois ruas começam e terminam abruptamente dentro da mata ou em um ponto qualquer. Tem características de espaço rural e é urbano e tem mata e animais silvestres como poucos lugares. É turístico, é comum e, é único por ser diferente.

As calçadas se apresentam como temas relevantes aos moradores, muitos acreditam ser uma característica normal, conforme conversas com pessoas do lugar, outros se incomodam mas não levantam as questões, apenas comentam e a maioria que prefere andar a pé, enfrenta carros e adversidades; outros, vão caminhar nos parques. TUAN, 1980, apresenta uma suposição:

em grande parte, as pessoas estão satisfeitas com a sua área residencial. Para aqueles que viveram muitos anos em um lugar, a familiaridade engendra aceitação e até afeição. [...] As pessoas de alta renda comumente expressam afeição, [...] estão ali por sua própria escolha [...]. As pessoas de menor renda são menos entusiastas [...]. (TUAN, 1980, p. 250).

Portanto, os mapas conseguem representar com clareza as características físicas naturais e construídas do lugar, além disso, expressam ações, movimentos, distâncias, limites, longe, perto, afetividade – topofilia e medo – topofobia. Sua interpretação é complexa e deve-se levar em conta o ator social, mas sua análise permite estabelecer parâmetros entre o vivido e o planejamento desejável. O mapa a seguir revela a imagem mental do lugar, quase perfeito quanto a planta do bairro e encerra essa etapa da pesquisa.

SANTA Felicidade: que Lugar é esse? Como Você
CAMINHA em SANTA Felicidade?

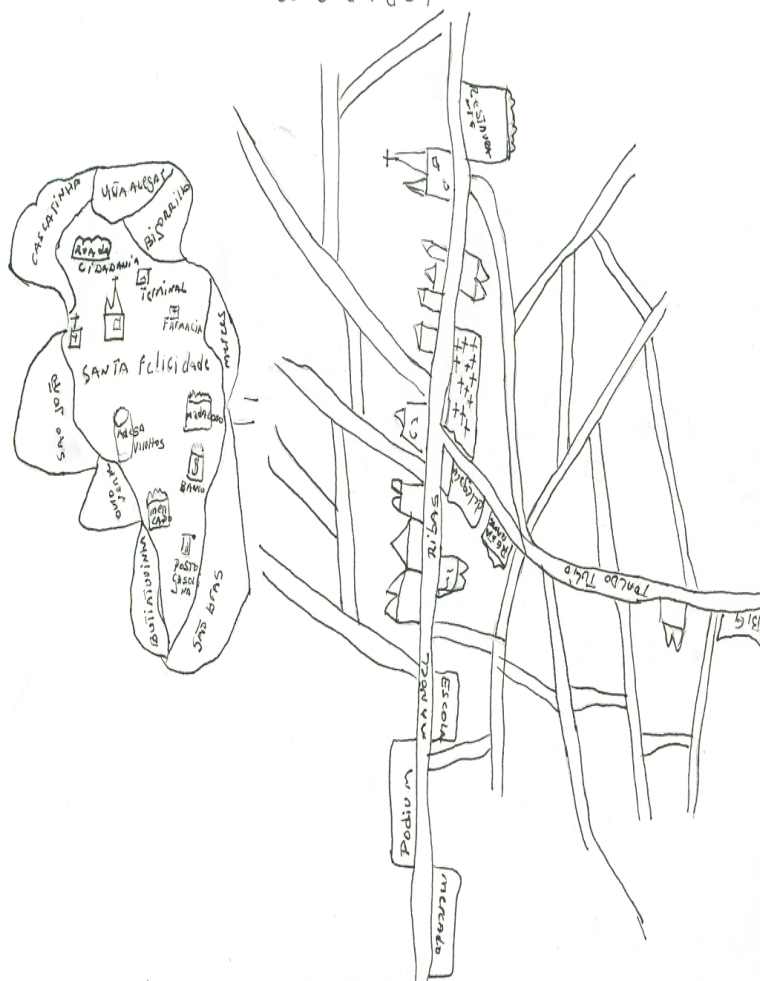


FIGURA 41 - VISÃO GERAL DO BAIRRO - J. 26 ANOS, 2007

Revelado o lugar sob os dois olhares: o real e o imaginário, pode-se concluir este capítulo com a frase de Tuan: “o meio ambiente construído define as funções sociais e as relações.” (TUAN, 1980, p. 114). O meio ambiente construído é um misto de objetos, espaços, sensações e memórias remotas e atuais. **Lugar.**

A seguir, ampliam-se as reflexões com as representações formais e imaginárias.

4. AS REPRESENTAÇÕES CARTOGRÁFICAS DO LUGAR: A FORMAL E A IMAGINÁRIA

4.1. ENQUETE SOBRE AS CALÇADAS

Com o intuito de ampliar as reflexões sobre a problemática proposta, aprofundando-as nas representações, tanto mentais quanto formais, optou-se por realizar uma enquete de cunho qualitativo, com pessoas escolhidas entre os moradores para responder a questões relativas às calçadas. O universo escolhido conta com 26 pessoas entre homens, mulheres e adolescentes com idades que variam entre 12 a 60 anos de idade, sem formar grupos ou categorias. Não foi solicitada durante a entrevista declaração do nível de escolaridade, renda, entre outros porque se pretende apenas saber a percepção das pessoas nos caminhos das calçadas, independente do nível socioeconômico ou intelectual. Desse modo, há um grupo de 13 homens e 13 mulheres para contemplar os dois gêneros.

Seguindo as linhas da enquete feita por Yazigi (2000), em sua pesquisa nas calçadas de São Paulo, foram feitas perguntas aos entrevistados selecionados com os critérios a seguir:

- morador do bairro ou que se considerava morador;
- pessoas que caminhavam nas ruas em Santa Felicidade;
- pessoas dos dois sexos e de idades diferentes contemplando crianças, adolescentes e adultos compreendidos entre 12 a 60 anos;
- pessoas com níveis de estudo e classes sociais variadas, conhecidas, devido ao contato como moradora-pesquisadora. Assim se obteve um universo abrangente: os entrevistados possuem desse modo o Ensino Fundamental, o Médio e o Superior.

Dentro das percepções nos trabalhos de campo e dos resultados com os mapas mentais, organizou-se um questionário com perguntas abertas e fechadas. Através das questões gerais, havia a intenção de descobrir se as impressões pessoais anteriormente apresentadas como hipóteses, também estavam presentes em outros moradores. Já as questões abertas subsidiariam a elaboração dos mapas das sensações.

Esses mapas, nomeados de mapa da topofobia e mapa da topofilia (no caminhar), foram pensados para revelar sensações através da cartografia temática, demonstrando que dados brutos podem ser transformados e lapidados, formando cartografias sensíveis que podem ajudar no planejamento urbano. Do mesmo modo que se pode propor ao entrevistado um desenho, o mesmo pode responder a perguntas, analisadas de forma qualitativa que geram mapas diversos daqueles que estamos acostumados. Assim, pensamos em juntar nesses mapas, cores internalizadas do cotidiano dos pedestres e motoristas: as cores dos semáforos - vermelho – (medo – pare – topofobia); verde – (amor, prazer, em frente topofilia); amarelo – (atenção – amor e medo – topofobia e topofilia).

Desse modo, as perguntas para essa enquete são as seguintes, com um resultado que ficou assim:

- 1- Você caminha em Santa Felicidade em ruas ou (parques mesmo fora do bairro)?

Em ruas	Em parques	Em ruas e em parques
19	1	6

TABELA 6, ORG. LIMA, 2008

Entre os entrevistados, 19 pessoas preferem caminhar nas ruas, 6 gostam de caminhar nas ruas e nos parques e 1 pessoa gosta de caminhar

apenas em parques. A preferência maior dos moradores caminhantes é a de andar nas ruas e isso se dá observando a resposta da questão seguinte:

2- Por que você gosta de andar a pé em Santa Felicidade?

- (A) Porque as calçadas são boas e você prefere andar a ir de carro.
- (B) Você não tem carro e, se tivesse não andaria a pé.
- (C) Porque é bonito e agradável andar a pé em Santa Felicidade.

A	B	C	Não respondeu
1	3	20	2

TABELA 7, ORG. LIMA, 2008

As pessoas que preferem caminhar, responderam que é por ser bonito e agradável andar a pé em Santa Felicidade.

3- Você acha que os motoristas dos veículos que circulam nas ruas de Santa Felicidade respeitam o pedestre e os limites de velocidade?

Sim	Não	Não Respondeu
4	20	2

TABELA 8, ORG. LIMA, 2008

Entretanto, mesmo com essa preferência, as pessoas percebem que os veículos circulam em maior velocidade que o permitido, portanto constata-se que do ponto de vista do caminhante, o motorista não respeita os limites de velocidade e a sensação para quem está a pé é diferente, pois os carros passam bem ao lado dos caminhantes nas ruas onde não há calçamento.

4- Como motorista, você se lembra que também é pedestre?

Sim	Não	Não é motorista
15	5	6

TABELA 9, ORG. LIMA, 2008

Com essa resposta, pode-se considerar três problemas:

- como a grande maioria dos entrevistados caminha por ruas, com certeza compreendem a condição de ser pedestre e respeitam;
- quem está ao volante do carro não percebe os danos que causam ao pedestre ou se omitem;
- ou mentiram em suas respostas.

Sendo assim, fica ao cargo do leitor compreender o resultado, porque mais da metade declara se lembrar que é pedestre, entretanto, dos entrevistados, 5 declaram não se lembrar e 6 não são motoristas, portanto compare-se o fato real que se opõe na resposta anterior.

5- Em Santa Felicidade cada um constrói a calçada do jeito que quer? A maioria prefere deixar apenas a grama?

Sim	Não	Não respondeu
20	4	2

TABELA 10, ORG. LIMA, 2008

Entre tantos problemas enfrentados por pedestres, a irregularidade das calçadas é um dos itens responsáveis, pois segundo os entrevistados, a percepção das condições das calçadas é que a maioria dos moradores deixa a calçada só com grama e não seguem as determinações. Isso se dá porque as ruas são cobertas com o antipó, ou seja, como não há asfalto definitivo, as calçadas são também provisórias, só com a grama...

6- Quando há apenas grama, dificulta o andar porque se pisa na grama dos outros e não há a passagem própria ao caminhar?

Sim	Não	Não respondeu
22	3	1

TABELA 11, ORG. LIMA, 2008

Essa condição de gramados é confirmada novamente aqui, quando se declara que as calçadas gramadas dificultam o andar, pois também são irregulares e cheias de buracos, além disso, há o constrangimento de se pisar nos gramados em frente as residências, já que muitos o tratam o podam freqüentemente. Assim, fica-se entre o gramado e o meio fio, pois quase não existem guias instaladas.

7- As calçadas não são boas para andar. Na maior parte do tempo você anda na rua correndo riscos, próximo dos carros?

Sim	Não	Não respondeu
21	4	1

TABELA 12, ORG. LIMA, 2008

Essa resposta confirma a anterior, ou seja, apesar de muitas calçadas possuírem gramado podado, não são próprias para a sua função, ou seja, elas fazem um papel de manter certa estética, mas sua função de caminho é relegada. Novamente se dá ênfase ao espaço construído não para o humano, ou seu conforto, mas para a estética e o próprio bem estar.

8- Em Santa Felicidade, as calçadas são construídas de forma planejada facilitando a caminhada?

Sim	Não	Não
------------	------------	------------

		respondeu
11	13	2

TABELA 13, ORG. LIMA, 2008

Compreendem-se essas respostas sob dois pontos de vista:

- noção de que a grama é o melhor projeto de planejamento para a calçada, então se opta por deixá-la assim;
- as pessoas desconhecem ou não compreendem a noção da calçada planejada com acessibilidade ao pedestre.

9- Para melhorar seria bom manter calçadas com estruturas conservadas para pedestres?

Sim	Não	Não respondeu
24	0	2

TABELA 14, ORG. LIMA, 2008

São 24 respostas apontando para uma estrutura bem conservada aos pedestres, sendo assim, a resposta anterior pode ser compreendida como noção da importância da estética, ou seja, há necessidade da estrutura para os caminhantes, mas não pode deixar de contemplar a estética, que confere a beleza aos lugares.

10- Para melhorar poderiam manter uma sinalização adequada para atravessar as ruas?

Sim	Não	Não respondeu
24	2	0

TABELA 15, ORG. LIMA, 2008

Com essa resposta percebe-se que outro ponto encontrado entre as dificuldades e problemas para os pedestres é a falta de sinalização adequada para a circulação nas ruas e calçadas.

11- Sobre as calçadas do bairro Santa Felicidade como um todo:

(A) Há calçadas boas só no centro de Santa Felicidade ?

(B) Há calçadas boas no bairro inteiro?

A	B
18	8

TABELA 16, ORG. LIMA, 2008

A maioria dos entrevistados afirmam que as calçadas boas estão apenas no centro de Santa Felicidade. Isso é realidade e os mapas temáticos comprovam essa situação. Entretanto isso pode ser observado também nos mapas mentais.

12- Se as calçadas fossem melhores, você andaria mais a pé?

Sim	Não	Não respondeu
23	3	0

TABELA 17, ORG. LIMA, 2008

Compreende-se aqui que os entrevistados gostam muito de andar a pé em Santa Felicidade, porque é bonito e agradável e se as calçadas fossem melhores, andariam mais a pé. A maioria entrevistada é caminhanete de ruas e sente a necessidade de melhorias.

13-Dê o nome de duas ruas em Santa Felicidade que têm calçadas boas e seguras para caminhar:

Entre as ruas mais citadas enumera-se aquelas que receberam entre 4 a 12 citações:

- Manoel Ribas; Via Vêneto; Ângelo Domingos Durigan; Toaldo Túlio

Entre as ruas mais citadas enumera-se aquelas que receberam de 1 a 3 citações:

- Anair Balla; Marco Mocellin; Madre Clélia Merloni; Francisco Pedroso

14- Dê o nome de duas ruas em Santa Felicidade que não têm calçadas boas e seguras para caminhar:

Entre as ruas mais citadas enumera-se aquelas que receberam de 4 a 12 citações:

- José Ari Valle; Marco Mocelin:

Entre as ruas mais citadas enumera-se aquelas que receberam entre 1 a 3 citações.

- Otávio Bressan; João Mocellin; Francisco Zardo; (em 2008 está com obras restauradoras nas ruas e calçadas); José Valle; Fredolin Wolf; Luiz Stval; Wanda Wolf; Edson Campos Matzeck; José Risseto; Napoli; Saturnino Miranda.

15- Quais são as ruas em Santa Felicidade que você mais gosta de andar a pé?

Entre as ruas mais citadas enumera-se aquelas que receberam entre 4 a 12 citações:

- Manoel Ribas; Via Vêneto; José Ari Valle; Marco Mocellin; Ângelo Domingos Durigan.

Entre as ruas mais citadas enumera-se aquelas que receberam de 1 a 3 citações:

- Francisco Zardo; Toaldo Túlio; Edson Campos Matzeck; Bortolo Paulin; Anair Balla.

16-Dê o nome de duas a três ruas que você tem medo de andar a pé por causa das condições das calçadas e do trânsito:

Entre as ruas mais citadas enumera-se aquelas que receberam entre 4 a 12 citações:

- Padre Alberione; Manoel Ribas; Via Vêneto; José Ari Valle; Marco Mocellin.

Enumera-se também aquelas que receberam entre 1 a 3 citações:

- Fredolin Wolf; Toaldo Túlio; Pedro Dalla Stella; João Mocellin; Iguaçu; Arthur Belache; Luiz Stival; Wanda Wolf; Saturnino Miranda; Santa B. Boscardin.

Essa enquête analisada, liga-se às análises anteriores, quando a seguir, mostram-se três mapas mentais de calçadas, sem comentários, fazendo a ponte entre a cartografia mental das pessoas e sua opinião através do questionário. Além disso, subsidiam a elaboração dos mapas temáticos que aparecem nos próximos sub-capítulos.

4.2. AS CALÇADAS IMAGINÁRIAS: REPRESENTAÇÃO MENTAL

Após todas as reflexões sobre o lugar e suas trilhas urbanas, apresentam-se as imagens mentais e formais do lugar, encerrando desse modo o revelar e desvendar o bairro. Aparecem a seguir, imagens com calçadas imaginárias e representações das calçadas reais e, ruas imaginárias e representações das ruas reais. Surgem assim, as calçadas do medo e do prazer.

Figuras apenas, sem legendas, para um observar reflexivo, complementam as análises amplamente exploradas anteriormente³⁵.



FIGURA 42 - CAMINHOS E CALÇADAS DESEJÁVEIS

³⁵ Os nomes dos autores aparecem nas figuras anteriores, por isso, suprimidos aqui.



FIGURA 43 – CALÇADAS SEGURAS: DE CASA PARA A ESCOLA



FIGURA 44 - CALÇADAS GRAMADAS DE SANTA FELICIDADE

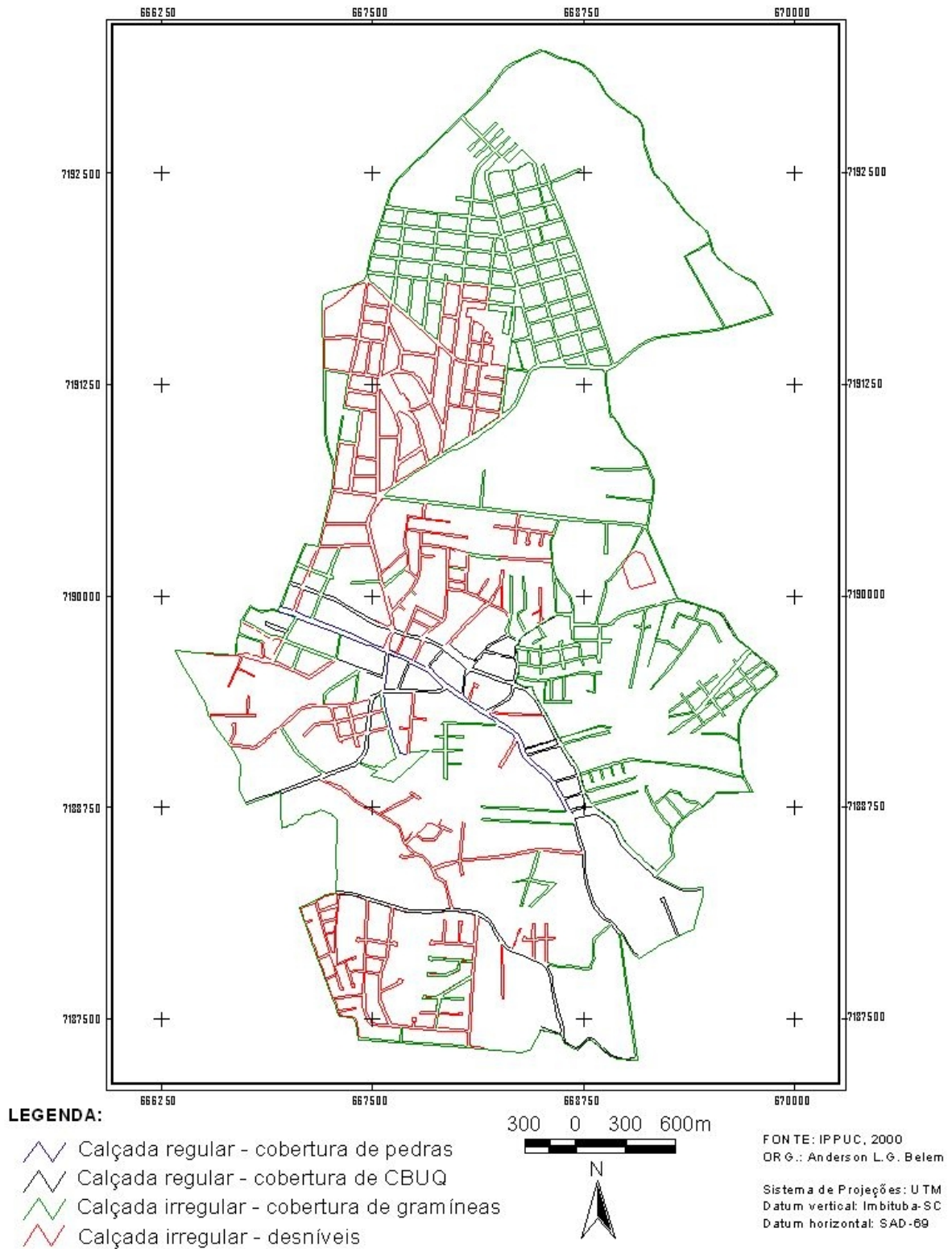
Sento Felicidade: que lugar é esse?
Como voce comend em Sento Felicidade
nome: Felio Regina Lopes 20/02/2008.



FIGURA 45 - CALÇADAS TURÍSTICAS DA AVENIDA MANOEL RIBAS

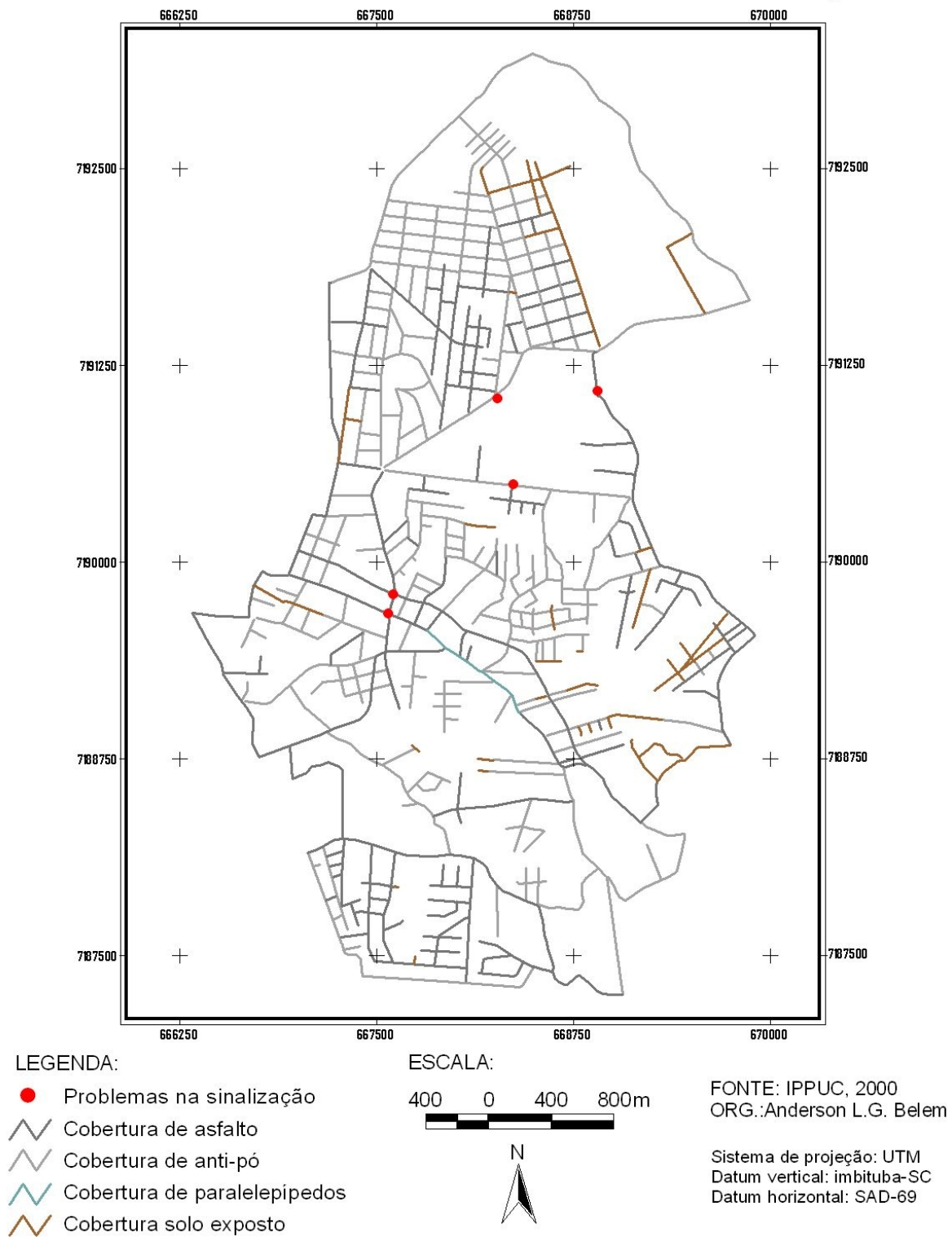
4.3. AS CALÇADAS REAIS: REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA

As calçadas reais do bairro de Santa Felicidade



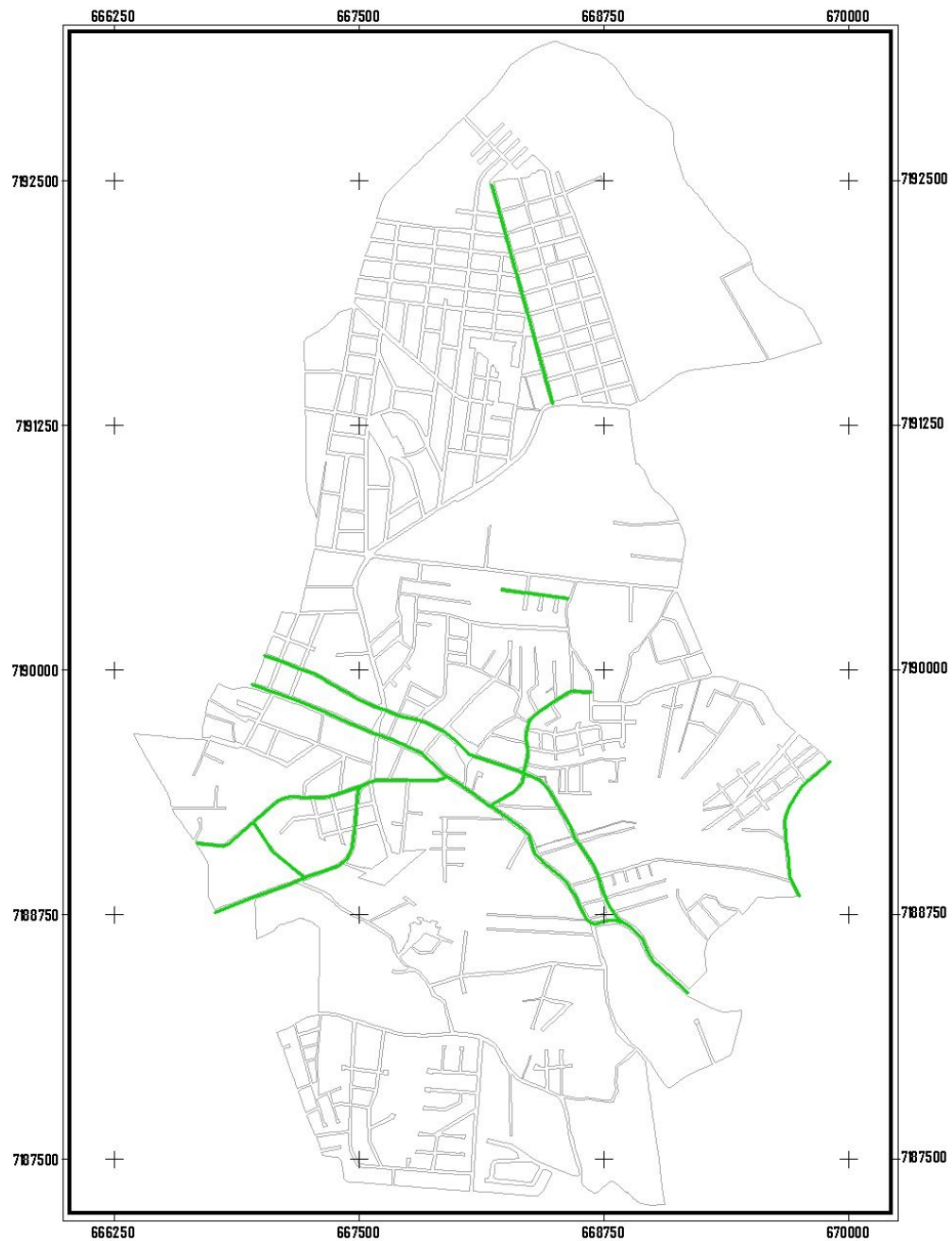
4.4. AS RUAS REAIS DE SANTA FELICIDADE: REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA

Carta de Arruamento e Problemas de Sinalização




4.5. AS CALÇADAS DA TOPOFILIA E DA TOPOFOBIA:

AS CALÇADAS DA TOPOFILIA



LEGENDA:

 Calçadas do prazer em andar

 Arruamento do bairro de Santa Felicidade

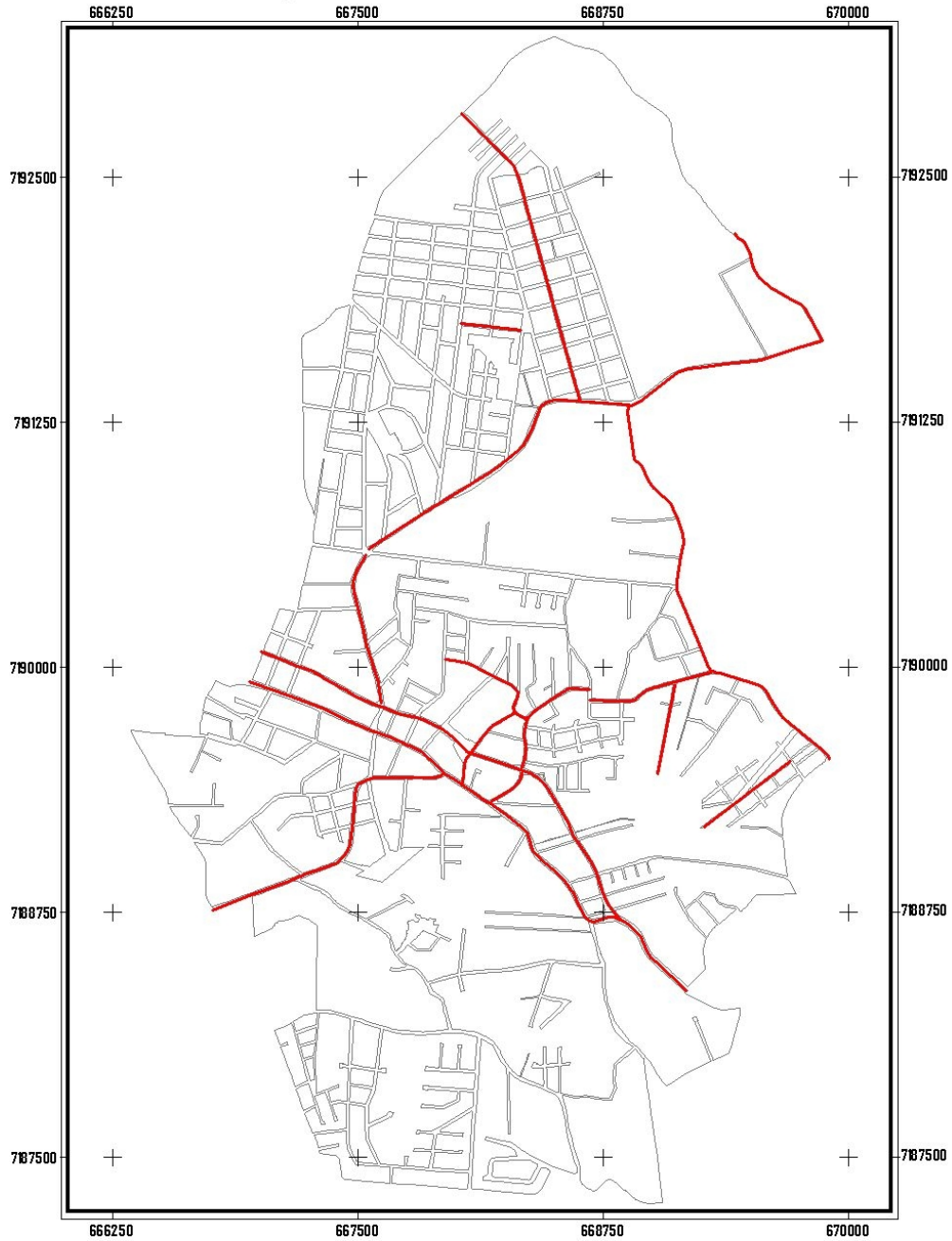


300 0 300 600 m



FONTE: IPPUC,2000
ORG.: Anderson L. G. Belem

Sistema de Projeções: UTM
Datum vertical: Imbituba-SC
Datum horizontal: SAD-69

AS CALÇADAS DA TOPOFOBIA



LEGENDA:

 Calçadas do medo em andar

 Arruamento do bairro de Santa Felicidade

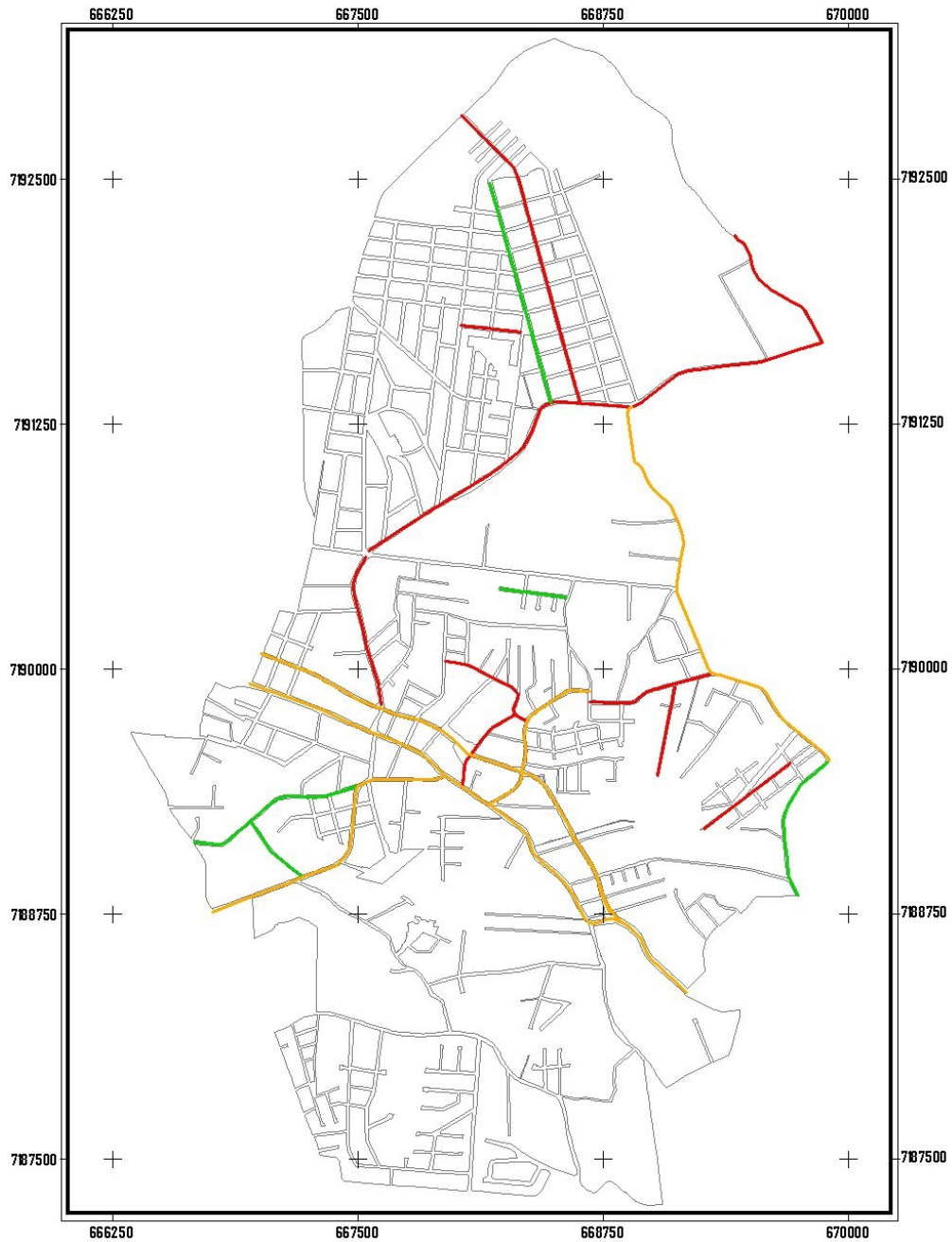


300 0 300 600m






FONTE: IPPUC, 2000
ORG.: Anderson L. G. Belem

Sistema de Projeções: UTM
Datum vertical: Imbituba-SC
Datum horizontal: SAD-69

AS CALÇADAS DA TOPOFOBIA E DA TOPOFILIA



LEGENDA:

-  Calçadas do medo em andar
-  Calçadas do prazer em andar
-  Calçadas mistas - medo e prazer
-  Arruamento do bairro de Santa Felicidade

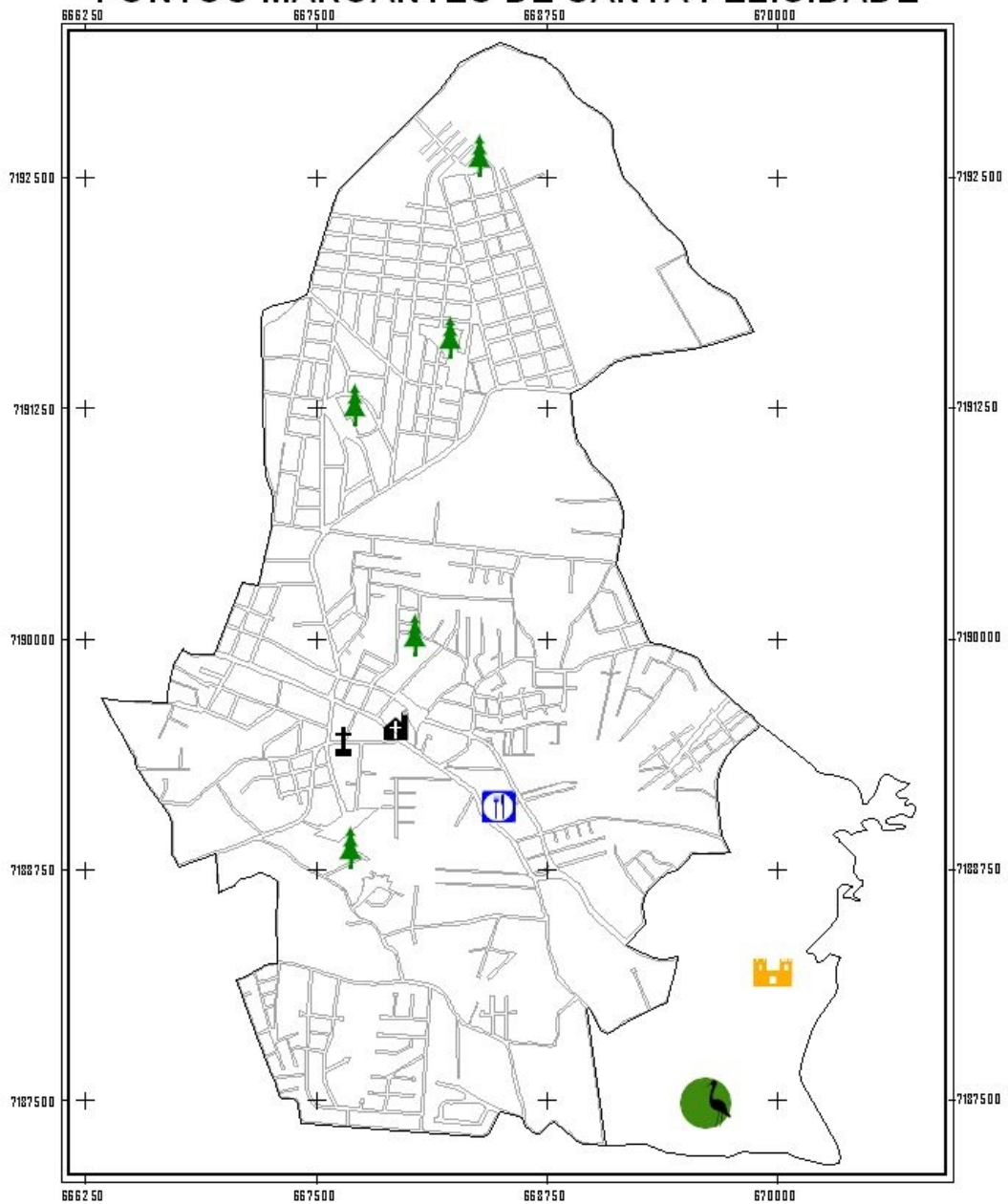


FONTE: IPPUC, 2000
ORG.: Anderson L. G. Belem










Sistema de Projeções: UTM
Datum vertical: Imbituba-SC
Datum horizontal: SAD-69

4.6. OS PONTOS MARCANTES DO BAIRRO E SÍMBOLOS CULTURAIS

PONTOS MARCANTES DE SANTA FELICIDADE



LEGENDA:

- | | | | | | |
|---|--|---|----------------------------|--|-------------------|
|  | Área turística com vários restaurantes |  | Portal de Santa Felicidade |  | Arnuamento |
|  | Áreas Verdes |  | Cemitério Santa Felicidade |  | Limites de bairro |
|  | Parque Barigüi |  | Igreja Matriz São José |  | |



FO NTE: IP PUC, 2000
 ORG.: Anderson Belem
 Sô.L.de Projeções: UTM
 Datum ver.: WGS84
 Datum hor.: GAB-69

4.7. PRIMEIRAS REFLEXÕES: OS OLHARES POR SANTA FELICIDADE

As calçadas, inicialmente, pareceram um tema restrito, entretanto, quando os trabalhos de campo começaram, notou-se que o campo de pesquisa era bem maior que o universo imaginado, por isso precisou-se limitar as análises. Ao agregar os questionamentos iniciais às leituras, tornava-se mais difícil delinear que tipo de análise seria possível: uma mais profunda e específica, ou uma mais abrangente e superficial, mas substancial de elementos para as futuras reflexões? Assim, opta-se pela última, apesar de ser a mais arriscada, por contemplar assuntos relativamente intrigantes como as análises dos mapas e as metodologias adequadas para tais finalidades e, as questões mais subjetivas, mais sensíveis, como se pretendia inicialmente. As calçadas como elementos importantes na vida cidadina tem como principal função, o acesso a pé aos lugares. Atualmente, se faz urgente atentar para as outras necessidades das pessoas como, por exemplo, as caminhadas a pé. Para tanto, essas, precisam ser acessíveis a esses pés.

As calçadas, como objetos de estudos, são temas atuais e importantes se considerarmos as condições caóticas do trânsito nas grandes e médias cidades. Com certeza, os acessos para os pedestres não resolverão todos os problemas, mas constituem outra possibilidade de deslocamento, principalmente entre as curtas e médias distâncias, feitas geralmente em carros.

Eduardo Yazigi em seu livro “O mundo das calçadas”, fez um estudo importante, abordando o sub-mundo das calçadas, o comércio informal, os acidentes entre outros temas. Aborda a questão não só pelo conceito território: dos camelôs, do sub-mundo, dos cidadãos, por exemplo, mas também como conceito lugar: das vivências, das relações sociais. Comparando esse estudo às caminhadas em Santa Felicidade, pode-se considerar as calçadas desse bairro um estado bruto de matéria a ser lapidada, antecipando-se aos problemas futuros que, depois de instalados, são de difícil solução. As calçadas desse bairro têm

uma característica comum à cidade, com a extensão quase toda coberta por gramas ou pequenos jardins. Infelizmente, o acesso do pedestre não é construído em todas as extensões conforme as normatizações da lei 11596/2005: “Seção I Das Calçadas Art. 1º. O proprietário de terreno, edificado ou não, situado em via provida de pavimentação, deverá construir e manter calçada em toda a extensão da testada do imóvel”. (Lei Nº 11596 DE 24 DE Novembro DE 2005).

Pelo menos não se entende aqui que as calçadas devam permanecer nessa condição de abandono, além do mais, a lei dispõe de outras determinações:

Os materiais empregados na construção, reconstrução ou reparo das calçadas, especialmente do pavimento, entendido este como um sistema composto de base, sub-base e revestimento, da faixa livre, deverão: I - garantir superfície firme, regular, estável e não escorregadia sob qualquer condição; II - evitar vibrações de qualquer natureza que prejudiquem a livre circulação, principalmente de pessoas usuárias de cadeiras de rodas; III - ter durabilidade garantida ou mínima de 5 (cinco) anos; IV - possuir resistência à carga de veículos, quando os materiais forem utilizados na faixa de acesso de garagem e estacionamento e o rebaixamento de guia para veículos; § 1º. Sempre que possível, a calçada deve possuir faixas permeáveis, compostas com paisagismo, garantindo e melhorando a permeabilidade do solo. (idem, 2005)

Assim, entende-se que o acesso aos pedestres é prioridade pelo menos nas questões legais, ficando muito claro que nas áreas com pavimentação definitiva, a calçada deva ser construída de acordo com os critérios estabelecidos através do decreto³⁶, entretanto, a condição de antipó é quase uma **realidade definitiva** em muitos lugares que estão com esse perfil há muitos e muitos anos. Desse modo, a calçada vai ficando esquecida, como o próprio tipo de pavimento, ou seja, a própria lei se anula diante de tais condições e junto com ela os pedestres da maioria dos bairros curitibanos, cobertos com a camada antipó.

³⁶ Art. 3º Os passeios terão os seguintes padrões: - Padrão A - bloco de concreto pré-moldado intertravado (Anexo I); - Padrão B - CBUQ com fiada de paralelepípedo (Anexo II); - Padrão B1 - CBUQ sem acabamento (Anexo III); - Padrão C - placa de concreto pré-moldado, dimensões de 40 x 40 cm ou 45 x 45 cm (Anexo IV), com rejunte nivelado na superfície do piso. <http://www.leismunicipais.com.br/cgi-local/forpgs/showinglaw.pl> - captado em:02/2008 Decreto de Curitiba – PR n. 1066/2006

É necessário fazer um parêntese na análise de Yazigi sobre as calçadas de Curitiba que apresenta diversas características da cidade como exemplo a ser seguido, visto que o estudo citado, longe de mostrar as evidências reais, aponta principalmente as condições das calçadas da área central da cidade, que, diferentemente de muitas outras áreas, como a própria área central do bairro Santa Felicidade, está recebendo diversos tratamentos para a sua conservação e manutenção. Isso porque as calçadas representam um lugar visitado por turistas e fazem parte de um lugar que é centro econômico e de consumo, têm pavimentos definitivos e, por isso gozam da condição de área calçada dentro das normas legais, visando principalmente ao turista e, em segundo plano, ao morador - ser humano, que como em outras áreas, momentos ou outras ações é relegado ao plano secundário:

Com a implantação de placas de sinalização de pedestres e de totem informativo, o roteiro turístico cultural localizado no Centro Histórico de Curitiba será revitalizado e ainda agregará valor ao Produto Turístico Curitiba, valorizando o patrimônio histórico-cultural e manifestações artísticas, potencializando o roteiro a pé, a promoção e informação do roteiro turístico ao visitante, contribuindo também para elevar o gasto médio do turista na cidade, incentivando o comércio e o artesanato na área de abrangência do Centro Histórico otimizando o Roteiro da Feira de Arte e Artesanato do Largo da Ordem [...] ³⁷

Essa manutenção foi feita em Santa Felicidade (pontos turísticos). A condição do morador é completamente diversa dessa apresentada: a área central é uma área de passagem, não é uma área voltada especificamente à residência, como os bairros. Dois exemplos podem ser mostrados: o bairro Portão não apresenta unidade nas calçadas e o pedestre precisa desviar constantemente ou circular nas ruas porque não há calçadas adequadas. Uma das ruas principais (João Betega) pode servir como exemplo: a ciclovia é priorizada mas está mal conservada e os acessos para pedestres são irregulares e perigosos (visita em 2006). A Rua Rio de Janeiro no bairro Guaíra não apresenta condições de

³⁷ CÂMARA MUNICIPAL DE CURITIBA, CAPITAL DO ESTADO DO PARANÁ - captada em dezembro de 2007 em: **Projeto Lei Ordinária: Leis Orçamentárias -** <http://domino.cmc.pr.gov.br/web/prop2005.nsf/45c928cfcc66cba103256e8a0060f31f/f52547b5fc37ad550325738b006e4116?OpenDocument>

circulação em todos os trechos, tornando-se armadilhas aos pés. (visita em 2006). A área no entorno do Centro Politécnico da Universidade Federal do Paraná recebeu obras que melhoraram a situação das calçadas, entretanto, essas obras restauraram as calçadas no circuito por onde circulam os ônibus principalmente, e, os acessos à faculdade e aos *shoppings*. A restauração se deu nas vias principais (coletoras), enquanto as áreas circundantes permaneceram iguais: sem acesso aos caminhantes. (visitas em 2007). Citam-se apenas esses casos, podendo-se enumerar em uma pesquisa mais detalhada, todas as condições das ruas nos bairros.

Assim, esse autor levanta os aspectos positivos das calçadas centrais de Curitiba e que podem ser estendidos aos outros bairros da cidade e não apenas aos centros históricos e turísticos, ficando os bairros e as periferias com uma situação nada confortável. Santa Felicidade, com seu circuito turístico e como bairro, está nessa condição, onde se encontram os dois extremos: o bem conservado e o esquecido.

Yazigi colabora ainda com a reflexão quando escreve que o século XIX “não poderia ter formulado uma teoria muito sofisticada sobre a rua, pois não tinha experimentado os transtornos do automóvel que as transformariam radicalmente”. (2000, p. 304)

Desse modo, a condição da crise como o próprio Yazigi considera, é reflexo do trânsito de veículos e da falta de ações adequadas para resolver a questão dos acessos aos pedestres, quando se pensa primeiramente nos carros e nas partes mais vistas da cidade e no gasto médio do turista. Aponta ainda que é preciso pensar em soluções adequadas aos problemas e características do Brasil e, Curitiba pode servir de exemplo, visando aos moradores dos bairros.

O bairro Santa Felicidade possui moradores que em geral gostam dele e se preocupam muito com essa situação das calçadas. Entretanto, esse

modelo já faz parte de seu cotidiano. Adaptaram-se aos veículos, convivendo com eles nas ruas, há bastante tempo, mesmo representando um perigo. As pessoas circulam nas ruas como se isso fosse o adequado e o normal, mas suas preocupações aparecem na enquete feita a alguns moradores³⁸.

A condição de bairro turístico concede ao lugar um *status* que o faz ser diferente dos outros lugares, isso também é mostrado pelos moradores. As características físicas do lugar constituem outro elemento que atrai a atenção dos visitantes e turistas, mas os moradores também valorizam essa estrutura a qual consideram quase rural por estar próximo ao centro e ter ar puro. Essa condição de *status*, muitas áreas verdes e outras condições, (que não serão discutidas), favoreceram a entrada dos condomínios no lugar e, conseqüentemente, a expansão desse mercado imobiliário, atraindo mais população, valorizando o preço do metro de terra. Isso configura outros problemas, por exemplo a questão das áreas aterradas, geralmente com nascentes e minas d'água e a dispersão de esgotos em pequenos córregos, pois o bairro ainda não conta com uma rede de esgotos cem por cento instalada. Outro problema aparece com os catadores de material reciclável os quais despejam os rejeitos que não interessam nos terrenos baldios ou nas proximidades dos remanescentes verdes, agregando mais elementos tóxicos ao meio ambiente.

O desmatamento é muito visível, principalmente para os loteamentos. Certas ruas do bairro parecem um canteiro de obras. Nos lugares reservados aos condomínios, usa-se construir as calçadas de acordo com as condições específicas, a exemplo da Rua Ângelo Domingos Durigan onde um condomínio foi instalado e, no ano de 2006/2007, quando intensificaram a divulgação do loteamento, foi feita a reforma da cobertura asfáltica e das calçadas.

As belezas do bairro são incontáveis e muito se pode contemplar, da natureza ao mundo construído. Desde as atrações turísticas nos restaurantes,

³⁸ Ver enquete, capítulo 4.

lojas e pracinhas até as construções antigas contrastando o verde com a moderna arquitetura. Além desses encantos visuais, pode-se ouvir o canto de pássaros diversos, sentir o cheiro de **ar puro** e se aventurar no mato para ter uma experiência topofílica com a natureza que é rara dentro das cidades.

As percepções do bairro pelo imaginário revelaram o lugar de forma minuciosa. Os mapas mentais analisados sob a metodologia Kozel, ampliada pelo conceito Geograficidade de Dardel, mostraram um lado do lugar só percebido pela experiência da vivência. O morador que desenhou o mapa expressou a sua relação e sua concepção de espaço construído. A metodologia permitiu analisar as particularidades de cada desenho, retirando deles muitas impressões codificadas. Revelou-se, assim, o bairro, sua história, as relações sujeito-ambiente e as relações sujeito-lugar. Revelou-se ainda a condição diferente do bairro, a relação que os moradores têm com o centro dele e com o da cidade e a relação entre eles e os acessos de passagens. Os mapas revelaram a condição do morador, com o seu dia-a-dia e, revelaram o bairro para os olhos dos turistas.

Percebemos através do caminhar, do enxergar, do ouvir, do sentir, a distinção dos caminhos bons para caminhar daqueles inóspitos aos caminhantes... o que tornou possível registrar essas sensações num mapa temático de topofobia e topofilia que revela onde é possível circular com mais segurança e onde não é. Assim, surgem os mapas imaginários e os mapas temáticos...

4.8. REFLEXÕES SOBRE AS REPRESENTAÇÕES

As representações qualitativas indicam a situação das ruas e das calçadas com variável de propriedade visual seletiva e respondem: (O que há em tal lugar? Como é?), respondidos através das legendas. Todos foram feitos sobre a base de dados do arruamento (IPPUC, 2000).

O mapa das sensações totofóbicas e totofílicas das pessoas que caminham trazem três variáveis visuais usando o simbolismo dos semáforos. Verde, vermelho e amarelo. O vermelho indica o medo de andar. Ruas nessa cor apontam para os lugares onde os pedestres sentem mais medo de caminhar devido às condições das calçadas e também do trânsito de veículos, são inseguras. O verde indica o prazer de andar. São os lugares onde os caminhantes sentem prazer em caminhar por dois motivos: a) calçadas seguras e acessíveis; b) calçadas inseguras mas com belas paisagens, o pedestre caminha nelas pelo prazer do lugar. As ruas em amarelo são ruas mistas, ou seja: nelas há uma contradição: há o medo, mas ocorre a caminhada, por necessidade, ou por prazer de observar as belas paisagens ou por gostar muito do lugar e, foram citadas na enquete.

O último mapa é o dos pontos marcantes e elementos icônicos: cada um é representado por um símbolo de fácil identificação. Para a sinalização, foram anotados apenas os pontos mais críticos do bairro considerados pela observação de campo.

Os pontos marcantes, são os símbolos que expressam o lugar, pois ao olhar o símbolo sabe-se que representam Santa Felicidade para os moradores do lugar. São pontos marcantes e também de referência, isto é, servem inclusive para direcionar as pessoas. Esses pontos estão marcados no mapa como desenhos miniaturas dos lugares, por exemplo: a igreja, com o desenho de uma igreja, o portal, entre outros. Subjetivamente, pode-se apontar um elemento icônico que apareceu citado nos desenhos e poderia ser representado no mapa: o carro que se transforma em lugar e leva as pessoas aos

lugares através das vias, essas, são outros pontos marcantes, mas não estão destacadas nos mapas como elementos icônicos, já que o arruamento as destaca.

Desse modo, as vias e calçadas, como temas explorados amplamente nos capítulos anteriores, puderam ser observadas agora nos mapas temáticos. Muitas áreas asfaltadas encontram-se próximas ao centro do bairro, nas vias principais ou, então, próximas aos novos condomínios e novos loteamentos, que já saíram com o asfalto e a infra-estrutura mais definidos. Há locais com asfaltamento, mas nem todos os lotes estão construídos e isso é outro indicativo das calçadas irregulares nesses locais. Entretanto, nos loteamentos com asfalto novo, há muitas residências onde se construíram as calçadas de acordo com o gosto pessoal, não apresentando uma regularidade ou padrão definido. As ruas de terra estão em extremos diferentes: são ruas que terminam abruptamente na mata e continuam como uma trilha de terra; estão dentro de lugares com remanescentes verdes e pouco povoados; estão em áreas de invasão em margens de córregos. Há outro caso de ruas de terra: loteamentos abertos sem a infra-estrutura, onde predominam poucas construções de casas, geralmente de classe média e, muitos terrenos ainda vazios. Há ainda ruas que constam no mapa mas não foram abertas.

De acordo com as percepções, os cruzamentos mais críticos são dois que se encontram na rua Saturnino Miranda: com a Via Vêneto e com a Av. Manoel Ribas e que necessitam de um semáforo de quatro fases, e melhoria para os sinais para os pedestres, pois não há em todos os lados dos cruzamentos. A rua Fredolin Wolf, além de ser completamente desprovida de luz (de qualidade), é outro ponto crítico pois é muito movimentada e não possui nem mesmo as faixas contínuas horizontais. Assim, estão (a maioria) das ruas do bairro.

5. AS CAMINHADAS E A VIVÊNCIA: O REAL E A GEOGRAFICIDADE.

Encontra-se e se compreende a geograficidade, a topofilia e a topofobia e o lugar é revelado em sua imponência e beleza, singeleza e amenidades...e seus problemas, um lugar que vai do comum ao exótico...Um lugar com suas trilhas urbanas, suas calçadas, suas ruas e avenidas para os carros e para os pés que caminham. LIMA, 2007

Nos dias ensolarados, bons para caminhar de manhã, visitamos ruas e lugares que inicialmente consideramos uma aventura diferente, tanto para turistas de grandes metrópoles quanto para os moradores. Aqueles que têm espírito sonhador vão se deliciar com tantas surpresas que não se encontram usualmente nas grandes metrópoles.

Hoje, acredito que existam mais pessoas que possam se encantar com pequenas coisas, como os musguinhos e as mamonas de Yazigi no seu livro - O mundo das calçadas. Pensar que mamonas eram coisas que somente eu poderia lembrar... e encontrá-las citada em Yazigi foi grata surpresa, pois nos tempos de rua, brincava-se com bolinhas de mamona, ou se inventava o “Bloco da Mamona³⁹”. Outra surpresa foi ver o impressionante afeto desse autor pelos musguinhos nascidos nas rachaduras dos muros...enquanto eu, nas minhas observações das calçadas de Santa Felicidade, parava sobre musguinhos e florezinhas quase invisíveis...Tuan, em suas considerações também escreve sobre o contato físico, sobre a importância desse contato para perceber o meio ambiente e para compreendê-lo e, isso está relacionado ao tempo, ao tempo rápido de hoje, onde não há tempo para apreciar o mundo físico:

³⁹ Um bloco de carnaval criado por jovens e crianças de um bairro de São Paulo, por volta dos anos de 1978, e não sei se ainda existe, mas brinquei nele, segurando galhos de mamona e jogando suas bolinhas.

Na vida moderna, o contato físico com o próprio meio ambiente natural é cada vez mais indireto e limitado a ocasiões especiais [...], o envolvimento do homem tecnológico com a natureza é mais recreacional [...]. O que falta às pessoas nas sociedades avançadas [...], é o envolvimento suave, inconsciente com o mundo físico, [...] que prevaleceu no passado, quando o ritmo de vida era mais lento... (TUAN, 1980, p.110)

Entretanto, como o próprio Yazigi considera, a maturidade nos leva à necessidade de deixar de lado os musguinhos e as mamonas e enveredar pelos caminhos mais concretos da vida. Mas a Geografia também pode ser feita com beleza e simplicidade e, isso não poderia deixar de ser mostrado, pois revela uma parte da vida e das relações com os lugares em que se vivia nas ruas e calçadas e que se perdeu com o tempo, e se não registrada em papel, perde-se para sempre e, o encanto da Geografia sonhada por Dardel também: “E coloquei-me de joelhos, e como pude, esta florzinha saudei, fiquei ajoelhado até que ela fosse rodeada pela pequenina e suave perfumada grama” (Prólogo das lendas das boas mulheres in TUAN, 1980, p. 110).

E com o tempo também se caminha com mais tranqüilidade, como aponta Yazigi:

Onde fosse pelo mundo, conhecer era por meio do passo. Vim a descobrir efetivamente, cada polegada quadrada das calçadas de meu quarteirão, rachaduras nos muros; ervinhas que grassavam; os musguinhos. Um modo sensualíssimo de me relacionar com as coisas da cidade. (YAZIGI, 2000, p.17).

Assim, palmilhei muitas ruas: a rua José Ari Valle chamava a atenção, um lugar de contrastes. Há um sensível movimento de carros e pessoas. Pedestres disputando com carros, que se movimentam em elevada velocidade entre a área verde que cerca a rua em parte de sua extensão, nos dois lados onde condomínios são construídos e as calçadas continuam esquecidas...e os pedestres precisam parar,

encolher-se entre o mato e a via para esperar os carros passarem e depois continuar o caminho entre o antipó e o mato.



FOTO 1 - RUA JOSÉ ARI VALLE. LIMA, 2008

Não há nenhuma sinalização horizontal, apenas algumas placas ignoradas indicando a velocidade e uma lombada nas proximidades da escola. Essa rua é circuito importante dentro do bairro, pois é acesso ao centro de Curitiba, ao centro do bairro e a vários outros lugares que compõem Santa Felicidade.

Como contraponto, um pouco de verde, os raios de Sol entre os galhos e o pio dos passarinhos retiram a sensação de insegurança por instantes, enquanto outro carro não passa, sigo meu flamar...

Sua camada de antipó, remendada chuva após chuva, representa muitas outras ruas do lugar, é uma estranha combinação de perigo e aventura aos motoristas, mas principalmente aos pedestres. Nos dias chuvosos, uma boa bota de borracha faz de qualquer *scarpin*

um objeto descartável, cedendo aos mais jovens a tentação de retirar os calçados e seguirem descalços, pulando as poças d'água, sempre atentos ao perigo que ronda sobre quatro ou mais rodas.

Sob o Sol, as árvores protegem do calor, e sob a névoa, a imagem é mais encantadora. Ligação entre o ponto central do bairro e outros bairros. A rua não é conservada como aquelas mais centralizadas, está dentro, é interiorizada, escondida aos olhos dos visitantes. Por ela, vão e vêm boa parte dos alunos da Escola Pública, a pé, ou de bicicleta, sem escolha de caminho. O lugar, fora das vias principais de acesso, é um mundo particular e diferenciado.

E no passo, conhecendo o bairro, piso em lugares onde o pedestre não está convidado, é um ambiente **convidativo à contemplação** e ao mesmo tempo **ao caminhar**, não fosse a situação da maioria das calçadas. Todo o bairro é rodeado de verdes e amarelos, de vários tons de folha e flor, que chama para o seu interior, para o observador, atento ou não aos pequenos detalhes, que passam, quase imperceptíveis, enquanto se caminha porque “as cenas simples e mesmo as pouco atrativas podem revelar aspectos que antes passavam despercebidos e esse novo *insight* é as vezes, experienciado como beleza.” (TUAN, 1980, p. 110).

Viver a vida nos espaços públicos é se aventurar no impensável. Em Santa Felicidade, quando se pensa que acabou a aventura, embrenha-se em uma trilha que parece rua...de repente é uma pequena mata. É uma novidade a cada esquina ou a cada fim de rua... sem saída e, que se pode seguir, ir em frente, para o mato, para um córrego, para um lugar que não se imagina, “nos apanham de surpresa. A beleza é sentida, como o contato repentino com um aspecto da realidade até então desconhecido”...(TUAN, 1980, p. 108).

E nesse conhecer o bairro, embrenhando-se, pois são ruas que aparecem inesperadas, que começam onde não se acredita possível... vão se construindo casas, condomínios... em meio aos verdes e sobe-desce... conhecemos seu traçado, orgânico, longe de ter a concepção cartesiana do plano de xadrez, as ruas são traçadas de acordo com a funcionalidade, sinuosas, acompanhando o relevo, como que se rebelasse da funcionalidade racional dos planos geométricos para seguir seu próprio caminho...

...Começamos por ver uma rua que a principio parecia comum como as demais e continuamos descendo a rua de cascalhos, casas, trilha...e não mais que de repente, como dizia o poeta, surge uma alameda de terra e árvores, sem precedentes dentro do bairro... como poderia uma rua começar com várias casas e construções, depois acabar subitamente, dando lugar a uma alameda de mais ou menos cinqüenta metros? Para em seguida continuar o asfalto!!! Lindo...impressionante, acho que isso só se vê aqui!



FOTO 2 – A ALAMEDA: RUA BASSANO DE GRAPA. LIMA,2008

E por aí se caminha entre diversos tipos de casas, das mais diversas formas arquitetônicas, desde aquelas de madeira, bem antigas e simples, até as mais imponentes construções modernas. Há outras casas nas beiras de córregos, entre os vários lugares, considerados todos bons de morar.



FOTO 3 – INVASÃO, CASAS DE MADEIRA OU INACABADAS. LIMA, 2008

Seguindo um mapa, descobrem-se outros pontos do bairro, em busca das suas características. Surgem ruas trancadas por um grande portão – é um condomínio exclusivo digno de ser estudado, pois suas ruas constam no mapa de arruamento, há placas indicativas das ruas, inclusive com código de endereçamento postal, mas são intramuros, com guarita e segurança. Há lugares que estão no mapa, mas não constam na realidade visual: praças, pequenas ruas, ainda repletas de árvores que, com certeza, serão derrubadas. São ruas que se iniciam com casas e pavimento e ao longo do caminho, aos poucos, dão lugar às matilhas ainda ralas que vão se adensando para transformarem-se em um emaranhado de folhas e galhos inacessíveis e uma trilha de terra, convidativa...

E entrando de rua em rua, de loja em loja, vemos agora com os olhos do turista-morador: os trançados dos tapetes e das redes, os objetos para a casa, tudo convida ao comprador, turista. E para aquele que gosta de experimentar, sentir o sabor, o aroma, a casa de vinhos convida a provar. Vinhos e queijos servidos a tira-gosto, só compra quem gostou. Os enfeites, os ambientes antigos para fotos, tudo leva o turista a se encantar, e o morador também...



FOTO 4 - AV. MANOEL RIBAS – ARTESANATO. LIMA, 2008

O circuito turístico do lugar tem movimento que pode ser comparado ao das ruas centrais de Curitiba, com grande volume de pessoas e de veículos circulando durante a maior parte do dia até o início da noite, quando por volta das 19.00 o movimento vai diminuindo gradativamente. Isso acontece também nos sábados, domingos e feriados pela manhã, o movimento é bem tranquilo e só muda a partir da metade do dia quando pessoas de todos os lugares, da cidade ou turistas chegam para almoçar nos restaurantes, formando inclusive um congestionamento que começa próximo ao bairro Mercês, na avenida Manoel Ribas, caminho para o bairro italiano.



FOTO 5 - AV. MANOEL RIBAS – CALÇADA. LIMA, 2008

Essas vias principais apresentam uma estrutura razoável tanto para os pedestres quanto para os condutores, pois há calçadas em condições de circulação e boa parte da sinalização. A foto 5 mostra uma calçada recém reformada, bonita de se ver e andar sobre ela.



FOTO 6 - VIA VÊNETO – CALÇADAS. LIMA, 2008

Na via Vêneto, (foto 6), a calçada é feita de concreto betuminoso usinado a quente – CBUQ, em quase toda extensão. Nome pomposo para uma calçada acessível. Próximo ao terminal de ônibus, há falta de farol eletrônico com fases nas duas calçadas, para os pedestres, que vão e vêm ao terminal.

Aqui se sente mais segurança ao caminhar, pois dificilmente se corre o risco de perder uma parte do calçado em alguma pedra solta, tanto que essas ruas são as mais citadas na enquete na questão de acessibilidade. Atrás do circuito turístico da Avenida Manoel Ribas é possível novamente se reencontrar com o verde e com as características naturais do lugar. Saindo desse circuito, a vida se manifesta diferente... as áreas verdes são notadamente o elemento de maior destaque, juntando-se a elas os outros elementos que lhes dão vida.



FOTO 7 - CALÇADAS PREDOMINANTES NO BAIRRO. LIMA, 2008



FOTO 8 - ÁREAS VERDES ENTRE AS CASAS. LIMA, 2008

À noite ou durante o dia, seguindo os passos a caminho das aventuras pelo bairro, na Saturnino Miranda, é um pouco mais fácil caminhar, uma condição mais favorável, comparando-a aos outros acessos, mesmo assim, o pé sempre falseia em um buraco ou outro, que impede o caminhante de ir sempre em frente...

Os faróis dos carros, à noite, e a Rua Fredolin Wolf, inóspita ao passo durante o dia se torna armadilha ao anoitecer. Completamente desprovida de sinalização, o percurso entre Santa Felicidade e fora dele, não é o mais seguro nem mesmo de carro. Percorrer essa avenida, importante acesso ao centro e aos outros bairros de Curitiba, é mais perigoso que se pode pensar. Nenhuma sinalização horizontal é vista por quase todo o percurso, deixando a insegurança e a topofobia tomarem conta das sensações do condutor. Quando não se tem certeza de onde se pisa, o receio é maior. Caminhando nela durante o dia, pelo menos se tem o acostamento, cheio de mato ou cascalhos, mas longe dos carros, assim as topofobias se instalam no inconsciente, quando estão “longe de serem excitantes e divertidas, as experiências da natureza podem freqüentemente ser cheias

de ansiedade e de pânico, como quando o tempo repentinamente piora, cai a noite ou se perdemos nosso caminho”, (RELPH, 1979, p. 20).



FOTO 9 - RUA FREDOLIN WOLF. LIMA, 2008

Os aromas não são os mesmos de outro bairro, e o tempo é diferente: pela manhã, o dia começa mais cedo, porque todos os sons emitidos pelos pássaros se juntam para acordá-lo, ainda escuro, mas os sons o tornam claro – é dia para os pássaros. Perto do bosque do Colégio Pinheiro do Paraná, provavelmente não se dorme após o raiar do dia, pois os passarinhos do lugar insistem que é hora de acordar.

Por volta das cinco horas, quando é verão, lá estão eles, cantando e se espreguiçando, dando boas vindas ao dia que nasce. Assim, os sapos também se animam e passam os dias e as noites cantando (coaxando) e namorando, principalmente no período que vai de outubro até meados de abril, quando esfria e, com o frio, o silêncio se instala nos banhados dos sapos. Silêncio que logo vai se estender por

mais tempo, quando os caminhões cheios de terra terminarem de enterrar as últimas nascentes... e os banhados...dos sapos...silêncio...



FOTO 10 - BOSQUE DO COLÉGIO PINHEIRO DO PARANÁ. LIMA, 2008

É nesse silêncio que se espera a noite... “que provoca o sentimento de desligamento e paz, como acontece de modo agradável quando os sons da cidade são abafados [...], (TUAN, 1980, p. 11), e os tons da iluminação da rua são insuficientes para proteger os caminhantes, amigos da lua e das estrelas, que se atrevem a sair e palmilhar o chão. Caminhar à noite é mais complicado... e no frio quase não há sons...e, a noite se entrega, e a penumbra e as sombras se instalam entre a paisagem e o caminhante...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

TEMPO...

Numa grande e misteriosa casa vivem três irmãos. Cada um é diferente do outro.

No entanto, se você procurar distinguir irmão de irmão, descobrirá que os três se parecem muito entre si.

O primeiro não está em casa – ainda não chegou.

O segundo estava, mas foi-se.

O terceiro, o menor dos três, está em casa, pois se não estivesse...seus dois irmãos não poderiam existir.

Contudo, a existência do terceiro só pode ser avaliada porque o primeiro se transformou no segundo.

E, se você olhar bem para o terceiro;

O primeiro e o segundo é que virão à sua lembrança.

São os três realmente um só?

São apenas dois?

Ou talvez nenhum?

[...] se seus nomes você descobrir saberá que são três poderosos reis governando juntos um grande reino, e são eles próprios esse reino, que dominam em pé de igualdade⁴⁰. ENDE, 1973, p.120

É difícil imaginar, agora, como aponta o próprio Dardel, uma Geografia que não possa ser pensada e escrita sob os pontos de vista científicos – humanizados.

O mundo vivido, o mundo construído, o mundo físico são todas partes do mundo humano, - ser humano interagindo com o espaço.

O espaço é material e humano – real e imaginário – simbólico. O ser humano é um ser complexo, que visa a objetos e objetivos. Está no espaço e constrói os lugares. Realiza sua existência sobre ele. É previsível e imprevisível e só ele pode tomar as rédeas de seu destino e decidir o seu futuro, de como quer viver seu espaço, pode opinar e planejar.

⁴⁰ 1º irmão: o futuro; 2º irmão: o passado; 3º irmão: o presente. A palavra tempo não faz parte do texto original e foi inserida por (LIMA, 2008).

No espaço construído, questões das cidades e do modo de vida urbano, onde calçadas acessíveis fazem a diferença no cotidiano das pessoas. A diferença entre a cidade hoje e a cidade amanhã precisa ser pensada para que o objetivo possa ser atingido. É inevitável que se reflita sobre os acessos para a melhoria do trânsito dos veículos, mas é necessário, principalmente considerar os acessos aos pedestres. Isso precisa ser pensado, porque assim se fazem as mudanças. Enquanto não se analisam e se discutem os problemas, esses ficam engavetados e esquecidos. O trânsito de pedestres precisa ser colocado em primeiro plano.

Dessa forma, este estudo visa proporcionar um amplo entendimento das questões inicialmente levantadas: por que se anda entre carros motos e velocidade? Por que não se anda a pé?

Todos os levantamentos apontaram para respostas indiscutíveis: anda-se a pé, entretanto, anda-se entre os carros motos e velocidade porque não há acessos para os caminhantes e se isso ocorresse muito mais pessoas andariam a pé. De casa para a escola, para o trabalho, seriam muitos percursos feitos a pé, vivendo a cidade e as relações com as pessoas. Seriam muitos os bons dias nos encontros cara a cara...Todos os que andam têm uma história para contar: um banho de lama, um torção no pé, um escorregão na grama, um motorista que jogou o carro em cima, enfim, muitos encontros topofóbicos nas calçadas e seus caminhantes. Um contraponto, nesse bairro, é a paisagem, que torna qualquer passeio a pé um momento de satisfação. Fora todos os contratemplos das condições de

acesso, o caminhante vai ter momentos únicos em lugares pouco vistos em cidades, possibilitando os encontros topofílicos.

Os encontros, a vivência do lugar, como apontado anteriormente, gravados na memória das pessoas, possibilitam a construção dos mapas mentais. Esses, foram uma das ferramentas utilizadas nesse estudo. Essa vivência e essas percepções fizeram das análises um momento de reflexões, apresentado a seguir:

Comparando as análises dos mapas mentais com a enquete realizada, nota-se que a percepção das pessoas é bastante aguçada nas representações e que isso se reflete nos mapas mentais e nas entrevistas. As pessoas que responderam à enquete são caminhantes, independente das condições das calçadas, elas saem para caminhar, ou seja, são caminhantes. O resultado vem confirmar a situação das condições das calçadas na percepção dos caminhantes.

Para os mapas mentais, se perguntando: Santa Felicidade que lugar é esse? ou, Como você caminha por Santa Felicidade? , as pessoas se colocam na posição de moradores do lugar, daqueles que o conhecem bem portanto, podem expressá-lo, visto a riqueza dos detalhes em cada desenho analisado.

Na enquete, diferentemente do mapa, as questões são direcionadas ao caminhar e às calçadas enfaticamente, não referendando o lugar como bairro, mas o lugar como calçada. Nesse ponto, a pessoa se põe como pedestre.

Quando relacionamos a representação do lugar como bairro, através de desenhos, ela se põe na condição de morador, entretanto, são duas formas diferentes de representação e em cada uma pode-se perceber como é interessante a subjetividade humana.

No mapa mental, apesar de ser uma expressão do sensível, carrega consigo a formalidade, é expressão territorial, nele, a pessoa se põe como elemento simbólico, ou seja, expondo seus símbolos internalizados.

A enquete é mais informal, mais vivida, é simultânea, as pessoas apenas expressam sua opinião.

Os mapas mentais e as entrevistas mostraram o espaço construído: o lugar é formado pelos seres humanos e suas obras.

O espaço construído é uma obra do homem onde há uma combinação de elementos materiais, de elementos abstratos como o próprio espaço mensurável e os elementos subjetivos, inerentes ao ser humano. O espaço construído, na medida em que adquire essa combinação de elementos, passa a ser um lugar.

Dardel diz que um lugar não é somente um panorama, uma paisagem, é uma realidade onde estão registrados os históricos dos seres humanos.

E no lugar estão as ruas e as calçadas: a rua é o centro da vida, aponta Dardel. Lá, o homem é tudo, desde

caminhante, habitante ou artista. A rua e o homem são elementos constitutivos das cidades.

Hoje, a rua não tem mais aquela característica pitoresca, hoje, é símbolo de velocidade, de trocas e de fluxos. A urbanidade e a urbanização fizeram das ruas um elemento que torna as cidades muito mais dinâmicas.

Pensar nas cidades é pensar nas ruas. Isso leva a pensar nas pessoas e, conseqüentemente, nas calçadas e nos carros. Quando se juntam esses elementos que fazem parte das cidades, lembramos imediatamente do tempo.

E o tempo nas cidades está ligado ao caminhar...

Hillman aponta que o homem da cidade está eliminando a necessidade de andar, de caminhar, porque a dinâmica da cidade se fez rápida demais, e a locomoção a pé, o andar, cede lugar ao deslocamento mecanizado, motorizado. A cidade é pensada pelo tempo e para o carro, nesse sentido.

O homem de carro não tem face, pois ela está escondida sob a película protetora dos vidros. Não há o encontro, o corpo-a-corpo, não há vivência efetiva, porque o tempo da cidade é rápido e não há tempo, porque as distancias encurtaram devido ao movimento rápido – das comunicações e dos deslocamentos. “Então, o fato de não encontrar rostos por não andar entre a multidão abstém-nos do próprio rosto; também nos abstém da própria cidade como foi originalmente imaginada: uma congregação de faces humanas originadas de todos os ‘caminhos’ da vida”. (HILLMAN, 1993, p. 52).

Para haver esse encontro, o espaço construído precisa ser favorável, precisa ser cúmplice das pessoas, assim, o encontro acontece. A ação do corpo, o andar, o deslocar-se a pé, segundo Hillman, é cura para os males do corpo, conseqüentemente, ajudariam a curar muitos males da cidade, que é parte dos humanos.

O andar opera nas pessoas, o senso de direção a seguir. E o passo, um após o outro, alivia as tensões e organiza as idéias. O ser humano é parte do espaço, é nele que se faz gente, é no espaço que ele se movimenta e o movimento – ação requer tempo e possibilidade. As calçadas são essa possibilidade.

BIBLIOGRAFIA

AMORIM FILHO. A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia: **Sociedade & natureza**, Uberlândia, 11 (21e 22): 67/87, jan./dez. 1999

BRAIDO, Jacir F. **O Bairro que chegou num navio**: Santa Felicidade – Centenário. Lítero-Tecnica: Curitiba, 1978

BRASIL. Lei federal n. 10.257, de 10 de julho de 201 (estatuto da cidade)

Disponível em:

www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis?LEIS_2001/L10257.htm

captado em 10/2007

BUENO. F. S. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO: Dicionário

Escolar da Língua portuguesa. 11º ed. FAE, BRASÍLIA, 1995

BUTTNER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, p 165-193, 1982.

CAMPANI, **Victor B. Os percalços do caminho**: A saga de motoristas e pedestres nas vias públicas de Curitiba e Região Metropolitana: Disponível em: <http://www.senge-pr.org.br/Dezembro2006/caminho.asp>
Captado setembro/2007

HONORÉ, CARL. **DEVAGAR**, Record, Rio de Janeiro, 2005

CÂMARA MUNICIPAL DE CURITIBA, CAPITAL DO ESTADO DO PARANÁ -
captada em dezembro de 2007 em: **Projeto de Lei Ordinária: Leis Orçamentárias**
-<http://domino.cmc.pr.gov.br/web/prop2005.nsf/45c928cfcc66cba103256e8a0060f31f/f52547b5fc37ad550325738b006e4116?OpenDocument>

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASSIRER, E. **Ensaio sobre o homem: introdução à uma filosofia da cultura humana**. Martins Fontes, SP – 1997: Cap. II- Uma chave para a natureza do homem: o símbolo.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis : Ed.UFSC, 1999.

CÓDIGO DE TRÂNSITO BRASILEIRO. **LEI Nº 9.503, DE 23 DE SETEMBRO DE 1997**.

DARDEL. E. **L' homme et la terre – nature de la réalité géographique**: Editions du CTHS: Paris, 1990

DICKENSON, John. P.; AMORIM FILHO; OSWALDO. B. A. Geografia experiencial: uma perspectiva binacional. **Cadernos geográficos**. Belo Horizonte, v. 6, n. 7, p. 23-32, jul. 1996.

ENDE, Michael. **Manu**: a menina que sabia ouvir. São Paulo: Círculo de Livro, 1978

ENTRIKIN, J. N.. O Humanismo contemporâneo em geografia – **Boletim de Geografia Teórica**. Rio Claro: [s.n.], v. 10, 1980, p 5-30.

GUIA DO PROGRAMA CRIANÇA SEGURA – PEDESTRE. Disponível em:
http://www.sinaldetransito.com.br/artigos/guia_crianca_segura.pdf
captado em 01/2008

GILES, T. R. **Introdução à filosofia**. São Paulo: EPU: Editora da Universidade de São Paulo, 1979

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. São Paulo: Record, 1997. 107 p.

GOMES, P. C. da C.. **Geografia e modernidade**: Rio de Janeiro – Bertrand Brasil, 1996

HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**. Rio de Janeiro: ano IV, n. 7, p. 67-78, jul/dez. 1999.

_____. **A geografia humanista** – sua trajetória de 1959 a 1990. 1992. 645 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. **A geografia fenomenológica de Eric Dardel** – trabalho apresentado no 2º Simpósio Nacional sobre Espaço e Cultura, realizado na UERJ em 25/26/27 de outubro de 2000. orgs. Zeni Rosendahl e Roberto Lobato Correa.

_____. ESPAÇO E CULTURA-Nº 3 -JANEIRO DE 1997 – 8-18 A GEOGRAFIA HUMANISTA: UMA REVISÃO- WERTHER HOLZER *Departamento de Urbanismo*

HOLZER, Werther; HOLZER, Selma. Cartografia para crianças: qual é o seu lugar? In: SEEMANN, J. (org): **A aventura Cartográfica**: Perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana. Fortaleza – CE, Expressão Gráfica, 2006. p. 201-217

HILLMAN, James. Caminhar In: **Cidade e Amor**. São Paulo: Studio Nobel. 1993

HUSSERL E. **Investigações lógicas: sexta investigação (elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento)**: 1º ed. Coleção Os pensadores; Abril Cultural, São Paulo: 1975

IPPUC INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA SUPERVISÃO DE INFORMAÇÕES -SETOR DE GEOPROCESSAMENTO.

KATUTA, Ângela M. A(s) Natureza(s) da cartografia in: SEEMANN, J. (org): **A aventura Cartográfica**: Perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana. Fortaleza – CE, Expressão Gráfica, 2006. p.39-59

KOZEL, S. **Imagens e linguagens do geográfico**: Curitiba a “capital ecológica” São Paulo: FFLCH-USP, 2001 (tese de doutorado)

_____. Comunicando e representando: mapas como construções socioculturais in: SEEMANN, J. (org): **A aventura Cartográfica**: Perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana. Fortaleza – CE, Expressão Gráfica, 2006. p. 131-149

_____. (org): Mapas mentais – uma forma de linguagem: Perspectivas metodológicas in: KOZEL S. et al (org): **Da percepção e cognição à representação**. São Paulo. Terceira Margem, 2007. p. 114-138

LIMA, Solange. T de. Geografia e literatura: a paisagem vivida. **Cadernos Paisagem**, Paisagens 1. Bauru: UNESP. 1996. p. 71-82.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1980

LOWENTHAL, David. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, p 103-141, 1982.

MACHADO, Lucy. M. C. P. Percepção do meio ambiente por estudantes universitários. **Cadernos geográficos**. Belo Horizonte, v. 5, n. 6, p. 27-39, dez. 1994.

MARTINELLI, Marcelo. **Mapas da Geografia e cartografia temática**. São Paulo. Contexto, 2006

MARTINS, Simone R.; IMBROISI, Margaret H. BIBLIOTECA LINHA DO TEMPO 5.400 anos de história da humanidade. Disponível em: <http://www.historiadaarte.com.br/linhadotempo.html>, s.d. Acesso em 30 dezembro 2007

MENDONÇA F.; KOZEL, S. (orgs). **Elementos de epistemologia da Geografia Contemporânea**. UFPR – 2002

MENDOÇA. F. Temas, tendências e desafios da geografia na pós-graduação brasileira: **Revista da Anpege**, v.1- p. 7 a 20: 2005

MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 80 p.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ-PROCURADORIA GERAL DA JUSTIÇA CAOP DAS PROMOTORIAS DA CIDADANIA . LEI

9121/97- Dispõe sobre a segurança de trânsito aos pedestres nas calçadas no Município de Curitiba. Disponível em:

<http://www.mp.pr.gov.br/institucional/capao/cidadania/ppd/lei9121.html>
captado em outubro/2007

MOURA, A. R.; NUCCI, J. C. Análise da cobertura vegetal do bairro de Santa Felicidade, Curitiba/PR **Anais do Simpósio Brasileiro de Geografia Física aplicada** – 05 A 09 DE DEZEMBRO DE 2005 – USP – p. 328 A 339. Disponível em:

[http://www.geografia.ufpr.br/laboratorios/labs/arquivos/MOURA%20et%20a%20\(2005\).pdf](http://www.geografia.ufpr.br/laboratorios/labs/arquivos/MOURA%20et%20a%20(2005).pdf)

captado em novembro/2007

PEIXOTO, A. J. A origem e os fundamentos da fenomenologia: uma breve incursão pelo pensamento de Husserl in: **Concepções sobre fenomenologia**

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA – BAIRRO EM NÚMEROS – Disponível em: www.curitiba.pr.gov.br
acesso em 06/2007

RELPH, Edward C. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**. Abr. 1979.

SANTOS, Clézio; TUNES, Regina Helena. Entrevista: profa. dra. Lívia de Oliveira. **Revista Paisagens**. Rio Claro, n. 3, p 6-13, 1998.

_____. Desenhos e mapas no ensino de Geografia: a linguagem visual que não é vista in: SEEMANN, J. (org): **A aventura Cartográfica: Perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana**. Fortaleza – CE, Expressão Gráfica, 2006. p. 185-200

SAKAL, Sérgio Eduardo Curitiba. Disponível em:

http://www.sergiosakall.com.br/americano/materia_brasil-curitiba.html
Captado em 22/10/2007

SEEMANN, J. Mapas e percepção ambiental: do mental ao material e vice-versa. **OLAM – Ciência & Tecnologia**. Rio Claro: v. 3 n. 1 p. 200-223, setembro 2003.

_____. (org). Linhas imaginárias na cartografia: a invenção do primeiro meridiano in: **A aventura Cartográfica: Perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana**. Fortaleza – CE, Expressão Gráfica, 2006

SCHIFF, M. Considerações teóricas sobre a percepção e a atitude. **Boletim de Geografia Teórica**, Rio Claro, 3(6):36-46, 1973

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia – contribuição para o ensino do pensamento geográfico**: Unesp, São Paulo, 2004

THOREAU, D. H. **Andar a pé**. Rio de Janeiro, eBooksBrasil.com (impressão da versão digitalizada), 2003

TUAN, Yi-Fu. **Geografia Humanística**. In: CHRISTOFOLETTI, A. Perspectivas da geografia. São Paulo: Difel, 1982, p 143-163.

_____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo/Rio de Janeiro. Difel. 1980

_____. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel. 1983

UNGER, Nancy. M. **Da foz à nascente**: o recado do Rio. São Paulo: Cortez; Campinas: Ed. da Unicamp, 2001, 201 p.

VASCONCELOS, Lúcia Torres de M. **Calçadas de Curitiba**: é preciso preservar. Curitiba: Comunicare, 2006

XAVIER, Herbe. Considerações sobre a percepção da paisagem geográfica. **Cadernos geográficos**. Belo Horizonte, v. 5, n. 6, p. 21-26, dez. 1994.

YAZIGI, Eduardo. **O mundo das calçadas**. São Paulo. Imprensa oficial – Humanitas FFLCHUSP. 2000